

TCC/UNICAMP
N922d
2137\FEF/648

RENATO HORTA NUNES

Do Jogador Oliveira ao Atleta 'Careca'

Campinas - 1997

TCC/UNICAMP
N922d



1290002137

RENATO HORTA NUNES

Do Jogador Oliveira ao Atleta 'Careca'

Trabalho de conclusão do curso de Especialização em
Jornalismo Esportivo do Laboratório Avançado de
Jornalismo e Faculdade de Educação Física da
Universidade Estadual de Campinas

Campinas - 1997

1º. Tempo

I - Introdução2
II - Justificativa5
III - Metodologia6

2º. Tempo

I - Seleção de 'black tie'11
II - Pulando o muro31
III - Estrepolias com o palhaço eletrônico40
IV - Derbi na escola46
V - Vitrine67

Morte Súbita

VI - Conclusão		
O santo e seus milagres89

Apêndice - Jogos e reportagens108
--------------------------------	-----------	------

Anexos - avaliações e regulamentos116
------------------------------------	-----------	------

Referências Bibliográficas127 - 129
----------------------------	-----------	------------

Introdução

Quem poderia imaginar que a figura de uma ovelha pudesse provocar tanto estardalhaço. Os jornais, as TVs, as páginas da Internet, exibiram extasiados a pequena estrela, Dolly¹. A mais recente musa da ciência

Ela desbancou muitos homens, mulheres e crianças em seus sonhos de um dia figurarem nos espaços dos mídia. Por vezes, fizeram-na acompanhar dos retratos de seus possíveis clones. Como se os leitores, telespectadores, internautas, ..., fossem exímios pastores aptos a reconhecerem no semblante dos mamíferos suas diferenças. No mito, 'Dolly', a conotação de que o mesmo código genético leva à geração de seres humanos iguais. Realidade, ilusão?. E o que se fez da experiência?

Pois a experiência é a base desta aventura. Assim como é na formação de um ser humano². A correspondência dos genótipos talvez vislumbre um semelhante potencial de vida. Porém, ainda que idênticos e determinados, se fazem 'ser' em sua interação com o mundo. Nela expõe-se à oportunidade do acaso, do erro, do imprevisto. Mas também, à de sua superação, à transcendência, ao aprendizado.

¹ "Em fevereiro de 1997, o escocês Ian Wilmut, um brilhante embriologista de 52 anos, anunciou a primeira clonagem de um animal adulto, uma ovelha"; por Flávio Dieguez. REVISTA 'SUPERINTERESSANTE', ed. Abril, Ano 11, no. 4, abril de 1997.

² Karl Popper dá a indicação sobre: "O animal superior pode ter um caráter; ele pode ter o que nós podemos chamar de vícios ou virtudes. Um cão pode ser bravo, afável e leal; ou ele pode ser mau e traiçoeiro. Mas penso que só um homem pode fazer um esforço para tornar-se melhor, dominar seus temores, sua preguiça, seu orgulho e superar a sua falta de auto controle. POPPER, Karl. R. & ECLES, John C. Eccles. *O Eu e Seu Cérebro*, ed. Papirus, Campinas, SP. 1991. Pg. 187

É nesse sentido que as trajetórias de vida de duas gerações de jogadores, pai e filho, puderam trazer referências sobre o papel o qual o futebol exerce sobre a formação da pessoa de seu jogador. Afinal, ver suas formas e representações é reconhecer também seus vícios e virtudes, seu caráter de atividade humana.

Foram, então, através das figurações mais genéricas dos Oliveira, Antônio de Oliveira e Antônio de Oliveira Filho, o 'Careca', nos campos gramados e clubes por onde passaram que foi possível distinguir algumas características mais comuns e peculiares da condição de serem jogadores de futebol. Além de evidenciar a labuta dos integrantes da família diante de seus sonhos e vitórias, procurou-se delinear particularidades sobre o papel social dessa atividade, de gosto tão brasileiro.

Entretanto, ensejar compreender as aspirações, razões e destinos do futebolistas é mergulhar também na própria evolução do futebol. Na sociedade contemporânea ater-se a um enfoque exclusivo sobre os 'transmissores' e 'receptores' do esporte é reduzi-lo, sobretudo, em sua dimensão estética, aparente. Fez-se necessário desse modo visualizá-lo junto aos meios de comunicações, em sua concorrência, como um de seus polos geradores. Sem isso, seria banalizá-lo em seu caráter espetacular e parcializar o fenômeno social³.

Colocou-se em questão, portanto, solidariamente, a ação profissional de seus mediadores. Os métodos e tecnologias envolvidos em seus trabalhos e sua influência no aprimoramento da atividade e seus propósitos. Considerou-se, contudo, o futebol como atividade que se difundiu e construiu pelos mais diversos espaços de nossa sociedade. Mas, muito particularmente, na brasileira.

³ Para uma indicação mais ampla sobre o futebol ler: VARGAS, Ângelo Luís de Sousa - Desporto Fenômeno Social, ed. Sprint, Rio de Janeiro, RJ, 1995.

Para isto, recorri ao entendimento da corporeidade⁴, sua representação, e o estado de jogador, dentro do processo de desenvolvimento do futebol no Brasil. Assim, o primeiro capítulo é uma interpretação das condições de formação da primeira imagem genérica que se estabeleceu sobre o jogador de futebol quando da chegada do esporte no país.

Nos segundo capítulo, 'Pulando o muro', uma narrativa sobre o perfil biográfico do jogador Antônio de Oliveira, pai de 'Careca'. Ele nasceu quando a participação popular no futebol era ainda incipiente. Contudo, começava a opor-se ao seu modelo original, apoiado numa aristocracia branca. Neste, a abordagem ficou direcionada às imagens mais marcantes da sua condição de jogador e frente a expectativas de personagens representativos em sua vida.

Já os capítulos terceiro e quarto retratam o perfil do jogador 'Careca'. No 'Estrepolias de um palhaço eletrônico', as imagens relativas à sua infância, às primeiras experiências com os meios de comunicação, à escola, à rua e ao clube. Eles situam sua vivência de jogador até o começo de sua adolescência. Jogou pelos times de Araraquara, até que resolveu deixar a cidade natal. Depois, o "Derbi na Escola" acompanha o caminho de Careca em sua vivência como jogador 'amador', no ambiente do clube que o 'revelou'. Evidencia a participação da escola e do clube na preparação do jovem com vistas ao exercício da atividade que escolheu.

O 'Vitrine', reporta o estado e o momento em que se deu a 'revelação' de Careca como jogador. Sua ascensão aos quadros de profissionais e conquista nos espaços dos mídia. Para

⁴ Vale a pena citar a conclusão de Hugo Assmann em seu trabalho *Paradigmas educacionais e corporeidade* para situar melhor essa dimensão: "Concluo com a idéia de que há toda uma caminhada, que nos chama para frente (no velho latim se diria: *pro-vocat*). Amigos africanos me asseguraram que, em muitos idiomas nativos da África, há um montão de termos para "caminho" e "caminhar", com incríveis nuances. Caminhar com uma criança, se fala de um modo. Caminhar com os pais, já se fala de outra maneira. Caminhar com amigos, se diz de um jeito. Com uma pessoa amada, ainda de outro. Mas - segundo me disseram esses amigos da África -, apesar de tantas palavras para "caminhar", nas línguas deles não existe nenhuma palavra para "caminhar sozinho". ASSMANN, Hugo: Paradigmas educacionais e corporeidade, ed. UNIMEP, Piracicaba, SP, 1995. Pg. 115

tanto, destaca-se o modo como sua presença é retratada em um dos periódicos que faziam a cobertura do clube naquele momento.

Para finalizar, em 'Os Santos e os Milagres', procuro interpretar a maneira como se articulam, principalmente, a escola, o clube e os mídia na concorrência da estruturação e desenvolvimento do futebol, e de sua condição de jogador. Essas referências são visualizadas frente a um processo de mutação identitária⁵, no tocante à cultura e aos meios de comunicação. Também, nas relações entre projeto e memória,⁶ dentro de significações implícitas na figura ou figuras do jogador. Desse modo faço inferências analíticas sobre os jogadores em suas relações e estada nos gramados de futebol. Faço, também, uma referência muito superficial comparando o modo de vida dos dois jogadores ao de uma boa parte de seus ascendentes, imigrantes portugueses que alcançaram o Rio de Janeiro na transição dos séculos XIX e XX, a mesma época da chegada do futebol.

Justificativa

Este projeto procura evidenciar mecanismos pelos quais o futebol presta-se a interferir no modo de vida de seu jogador, através de uma análise das instituições sociais as quais se integra, tais como: o clube, a escola, os mídia, e seus papéis sociais. Debruça-se sobre o

⁵ Muniz Sodré dá a definição de: "O mutante é o sujeito de uma mudança e, portanto, suporte de qualidades passadas (as que vai perdendo) e futuras (as que vai adquirindo). Ele existe como sujeito, portanto é em termos lógicos e psicológicos, mas não tem estatuto de pessoa, porque não pode ser reconhecido como substância individual de um ser dotado de razão ou um ser que é por si mesmo.

E porque não? Porque a pessoa - este ser que é por si e para si mesmo - depende de conteúdos metafísicos que nos levam a reconhecê-la como suporte de espírito ou de razão e, por isso, outorga-lhe um nome próprio. A noção de pessoa é produto de metafísicos e teólogos, pessoa é o próprio *ser humano* enquanto *invenção da cultura*." SODRÉ, Muniz. *Reinventando @ Cultura: a comunicação e seus produtos*, ed. Vozes. Petrópolis, RJ - 1996. Pg. 169.

⁶ Gilberto Velho coloca a importância das noções de projeto e memória para a constituição da identidade: VELHO, Gilberto. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades Complexas, ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. RJ. 1994. Pg. 97

jornalista, o profissional ligado a esportes, educação e áreas afins, para compreender suas condições e instrumentalização para o trabalho com o esporte e seu desenvolvimento.

Sua necessidade advém dos contornos que a atividade vem se revestindo nas últimas décadas diante do cenário de uma sociedade de consumo globalizada. O valor que agrega enquanto prática voltada ao espetáculo, ao entretenimento, o tornam, antes de tudo, um dos mais promissores negócios da sociedade contemporânea. Isso traz sérias implicações relativas a questões éticas e organizacionais, no que importa à propriedade de seus objetivos e finalidades. Destaca-se, assim, por seus efeitos e repercussões sobre as relações sociais no Brasil.

Também, vem para responder ao anseio de memória, homenagem e reconhecimento àqueles que fazem acontecer o esporte, particularmente o futebol brasileiro.

Metodologia

A empreitada de com a finalidade de se compreender como o futebol mexe com a vida das pessoas, especificamente a de seu jogador, foi cheia de dúvidas e incertezas. A primeira e mais trabalhosa realmente foi de definir a questão da identidade. Dela já tinha a noção de que não se estabelece de forma determinada e homogênea, unicamente, no tempo e no espaço. E, sim, por uma interação subjetiva/objetiva, na forma de uma representação, como se apresenta nesse trabalho. Mas, havia um vazio a preencher, sobre como entender as bases do sistema. Como ilustrar, especificamente, o vínculo entre a figuração e o relato. Ou seja, estabelecer as ligações entre a imagem do jogador e os conteúdos dos textos e entrevistas.

Entretanto, um pouco tarde para aprofundar melhor, mas ainda em tempo, encontrei em Muniz Sodré o juízo de “*mutação identitária*”. Nela, descarta a pretensão dualista de

signo/referência e sugere a do *interpretante*⁷, entre um e outro. Isso me ajudou a encontrar nos testemunhos dos jogadores e profissionais, e na versão dos conteúdos de textos de jornais e entrevistas, os ‘quase-mitos’ a ‘transvaloração’. Desse modo foi possível identificar a metamorfose de regras e conceitos que apareciam em áreas específicas da educação e de comunicações e em definições implícitas em seus processos tecnológicos. Algumas, concorrentes a adjetivações imputadas ao substantivo ‘jogador’ e associadas ao atleta.

Além disso, superpostos, foram utilizados “eixos temáticos”, adaptados de ‘A identidade cultural brasileira na sociedade globalizada’⁸ do jornalista e professor José Marques de Melo para a análise das imagens nos mídia.

Contudo, para tal , foram coletados e selecionados textos do jornal ‘Correio Popular’ de Campinas. Através da procura nos arquivos do jornal, foram retomados sessenta e dois⁹ textos, sendo cinquenta e nove diretamente do jornal e três de um dos entrevistados. Assim, cobriu-se boa parte dos textos publicados na temporada pelo veículo.

⁷ Por isso é esclarecedora a leitura que faz Liska da teoria peirceana (The semiotic of myth), acentuando a importância do fato de C.S. Peirce ter acrescentado um terceiro elemento (o *interpretante*) à teorização clássica do signo. De fato sublinha Peirce que, numa semiose, a simples dualidade signo/referente (ou representante/objeto) não esgota a dinâmica da significação ou da representação.

Entre um e outro, coloca-se o *interpretante*, que não deve ser entendido como uma pessoa humana, mas como um processo regido por um estatuto, cujas regras deve referir-se um signo para ter sentido. O *interpretante* implica um efeito de tradução adequada do signo, aduzindo-lhe um sobrevalor semântico, que liska chama de transvaloração e que responderia pela geração de mitos na cultura. Os mitos resultariam se uma “transvaloração das regras e conceitos que “estruturam” o tecido econômico, social e político e cósmico de uma cultura”.

Na esfera “transvalorativa” da sociedade urbana contemporânea, “mitos” não podem mais ser entendidos como grandes narrativas unificadoras, e sim como construções semióticas (“quase-mitos”) no domínio do afeto, do não verbal, controladas e processadas pela lógica do mercado tenocultural, cujos dispositivos dominantes são os mass-media. Mas não apenas afetos se transvaloram: matéria-prima privilegiada são as “representações sociais”, no sentido que lhes atribui Moscovici de forma de conhecimento a partir do censo comum, voltada para a figuração de uma realidade social.

SODRÉ, Muniz. Reinventando @ cultura: a comunicação e seus produtos, ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1996. Pp. 164/165

⁸ MELO, José Marques de. A identidade cultural brasileira na sociedade globalizada. Estudo exploratório das imagens do Natal na mídia paulistana, Coleção Relatos de Pesquisa, série indústrias culturais. Programa de Pós graduação em Comunicação Social Faculdades de Comunicação e Artes Metodista. São Bernardo do Campo - SP. 1996

O material resgatado compreendeu o período de janeiro de 1977 até o final do Campeonato Brasileiro de 1978, em 15 de agosto de 1978. A seleção dos textos baseou-se na citação do nome do jogador nos textos. A cobertura jornalística do clube constava em área específica nas páginas de esportes. Não havia na época um 'caderno de esportes'. Em relação ao ano de 1978, foram coletados também textos de apoio destinados a montar o cenário do clube, o ambiente do campeonato e dos jogos. Além disso, importou a busca de textos que fizessem a cobertura de fatos ligados à política de esportes.

Dos Jornais 'Folha de São Paulo' e 'O Estado de São Paulo' foram coletados todos os textos em que apareceram o nome do jogador 'Careca'. Basicamente, na seção ou caderno de esporte ou caderno especial. Foi realizada pelo sistema de busca do Universo On Line¹⁰ e Agência Estado On Line, da Internet: Da Folha, foram trinta e cinco textos do ano de 1994, dezenove de 1995, três de 1996, e, seis referentes a janeiro de 1997, fazendo um total parcial de cinquenta e sete; De O Estado: doze textos de 1996 e três de janeiro de 1997, fazendo um total parcial de quinze. Total geral setenta e dois.

Os 'eixos temáticos' em que se basearam a análise das imagens e representações nos conteúdos dos jornais abrangeram:

Em relação à pessoa do *jogador*, foi considerado por sua ação de jogar, de participar das partidas gerando os fatos pessoalmente. Do *ídolo*, na sua dimensão de ausência pessoal na geração do fato e em referência à adoração apaixonada e exacerbada, sem implicações diretas sobre a situação. Do *cidadão* na referência a seus direitos e deveres que se estabelecem pela

⁹ APÊNDICE - I - Textos - arquivo - CORREIO - pg. 109 - 111

¹⁰ Universo On Line - UOL - <http://www.uol.com.br>
Agência Estado On Line - AES - <http://www.estado.com.br>

política de esportes, a específica do trabalho e aos direitos básicos e fundamentais estabelecidos na Constituição Brasileira.

Em relação ao tempo, *Presente/passado/futuro.*, as observações foram consideradas, basicamente, em duas situações: durante a trajetória de vida das duas gerações de jogadores; e, sobreposto às fases de crescimento e maturação da pessoa caracterizadas pelas fases de infância, adolescência e fase adulta.

Em referência a local/nacional/internacional, à designação dos conteúdos na dimensão de vida do jogador e na referência ao espaço onde ele se apresenta.

No tocante aos **aspectos da pedagogia de esportes**, a análise pautou-se na verificação da propriedade das metodologias de ensino utilizadas na ação educativa dos profissionais envolvidos. Considerou-se a finalidade e objetivos implícitos na forma de sua prática, confrontando-os com as diretrizes do INDESP e Ministério Extraordinário dos Esportes, M.E.E. Eles o diferenciam em: Esporte de Rendimento, Esporte Educacional, Esporte de Participação, Esporte de Criação Nacional, além de, Esporte para Portadores de Deficiências.

Além disso, a análise balizou-se na verificação das metodologias de ensino e suas propriedades de aplicação para atingir as finalidades do papel institucional a que importa aos diferentes agentes. No papel da escola, por exemplo, sua finalidade e objetivos fundamentais, como os de disseminação, reelaboração e construção do saber. E, para os papéis dos mídia e do clube, foram consideradas suas particularidades e sua responsabilidade social solidária.

À parte aos textos, foram realizadas entrevistas focalizadas e não dirigidas, gravadas em fitas magnéticas, com vários profissionais e ex-profissionais que atuaram ou atuam no jornal, no clube e na escola, entre eles: Antônio de Oliveira, o Guarujá, ex-jogador; Antônio de Oliveira filho, Careca, jogador; Ariovaldo Izak, jornalista do jornal 'Diário do Povo'; Hélio Maffia,

preparador físico do Guarani no ano de 1978; José Luís Fanelli, jogador; Luís Carlos Emmanuelli, preparador físico, supervisor do departamento amador do Guarani no período 1973 a 1978; Dagmar Colucci Sarubi, atual supervisor do departamento de futebol amador do Guarani; Odair Leitão Alonso, jornalista - ex-integrante da equipe de reportagem do Correio Popular de Campinas; Renato Otranto, jornalista do Correio Popular de Campinas; Roberto Costa, que trabalhou como jornalista esportivo; Magda Santóro, atual diretora da Escola Estadual José Vila Gelin Neto de Campinas, onde estudam atletas do Guarani e da Ponte Preta e o jogador Careca.

Originalmente tinha-se a intenção de evidenciar também quantos e quais foram os jogadores a serem lançados pelo Guarani diretamente ao selecionado nacional. Entretanto, alguns problemas se impuseram, os quais não possibilitaram sua realização a contento. O clube não mostrou interesse em atender nesse sentido. Embora algumas atenções individuais aqui cabe destacar, a do Sr. Dagmar Sarubi, e, ' Jôca' , secretário geral. Necessário frisar também que o período foi de grande atribulação para o clube, 'preocupado em realizar suas peneiras'. Apesar disso, constam os nomes dos atletas que passaram pelo Departamento Amador, subiram para o time principal do clube, e seguiram para a selecionado nacional. Faltou o principal que seriam os atletas indicados pelos olheiros e incorporados diretamente ao profissional e que chegaram a à seleção nacional.

Capítulo I

Seleção de “black tie”

“O foot-ball, importado, Made in England, tinha de ser traduzido. E, enquanto não se traduzisse, se abrisse, quem gostava dele precisava familiarizar-se com os nomes ingleses. De jogadores, de tudo. Em campo um jogador que se prezasse tinha de falar em inglês. Ou melhor: gritar em inglês.”

Mário Filho¹¹(1908-66)

A expressão de Mário Filho, jornalista, sintetiza a tônica dada ao futebol nas duas primeiras décadas de seu desenvolvimento no Brasil. O jogo chegou ao país como parte dos lazeres de famílias inglesas que para cá vieram. Consta que o primeiro a introduzi-lo foi Charles Müller. Ao menos no que se refere a sua forma moderna, instituído em um conjunto racional e singularizado de regras.

No limiar deste século, o XX, muitos filhos de mestres, altos funcionários e diretores de fábricas, brasileiros ou ingleses que moravam no país, costumavam estudar na Europa, Charles

¹¹ FILHO, Mário. O Negro no Futebol Brasileiro. Rio de Janeiro, Irmãos Ponghetti, 1947

Müller foi um Brasileiro, filho de ingleses que residiam em São Paulo, aprendeu o jogo na pátria berço de sua família, a Inglaterra.

Depois de sua volta ao Brasil freqüentou um clube de Criket - o São Paulo Athletic Club onde passou a divulgar o jogo de pés e bola. O clube reunia altos funcionários da Companhia de gás, do Banco de Londres e da São Paulo Rail Way. Os investimentos ingleses¹² predominavam na América do Sul. No Brasil eles se dirigiam de preferência para empréstimos ao governo. Destinaram-se primeiro à liquidação da dívida externa e à expansão ferroviária. Depois a obras públicas. Era um clima tão londrino que faria cinza as cores das camisas de Jorge Amado.

Mais para os destinos da providência do que a obras do acaso, houve um grande fluxo de imigrantes europeus para o Brasil neste período. Vieram italianos, portugueses, espanhóis, alemães, russos e sírios. Aos asiáticos e africanos impunha-se a peneira, o Congresso. Mais tarde, em 1921, a barreira aos desclassificados.

Naquela década aos Estados fora delegada a escolha dos destinos sobre suas terras devolutas pela constituição de 1891. São Paulo, com a riqueza de sua cafeicultura, trouxe mais de dois milhões dos mais de três milhões e meio de imigrantes que para cá vieram, entre 1891 e 1930¹³. Número superior a todos os outros estados juntos. A Europa, principalmente a Inglaterra, buscava a expansão comercial e de mercado de seus produtos manufaturados através da instalação de indústrias e o aproveitamento de mão-de-obra barata. Muitos vieram fugidos da Primeira Guerra .

¹² ATR multimídia: História do Brasil, ind: A construção da república , Os interesses estrangeiros. Rio de Janeiro, 1955.

¹³ ATR multimídia. História do Brasil. Índice: A República Oligárquica, Os imigrantes. Rio de Janeiro, 1995.

Foram os imigrantes a fundarem os primeiros clubes de lazeres. O primeiro foi no Rio Grande do Sul por alemães para a prática de regatas. As regatas vieram também para São Paulo e Rio de Janeiro. Logo nos primeiros anos dos novecentos já ocupavam as colunas dos jornais do Rio de Janeiro.

“Os jornais falavam mais de remo. Dedicavam uma página inteira para o rowing em dia de regata. Nesse dia não havia lugar para noticiário de foot-ball, sempre mais escasso, espremido numa coluna. Nada de manchetes, de crônicas, de fotografias. O fotógrafo da Revista da Semana ou da Careta, quando ia a um campo de foot-ball, era para bater um grupo de moças. De team só encomendado., como uma fotografia de formatura...

... Podia-se marcar uma regata para um dia de foot-ball, nunca um match de foot-ball para um dia de regata. Quem era do remo tinha, portanto, a sua razão para olhar de cima quem era do foot-ball.

Principalmente porque considerava o remo mais másculo. Ainda não nascera a expressão “foot-ball é jogo para homem”. Esporte para homem era o remo. Bastava olhar para um remador, mesmo vestido, na rua. Vestido, na rua, destacava-se ainda mais. Todo mundo fraquinho, eles estourando de força: os ombros largos, a cintura fina, o paletó quase não se fechando, estufando no peito. Via-se logo que era remador. O jogador de foot-ball passava despercebido, um rapaz como outro qualquer...” Mário Filho

Segundo Waldenyr Caldas¹⁴, sociólogo, o jogo em pouco tempo já atraía a assistência.

“...o primeiro grande jogo a empolgar a platéia foi realizado em São Paulo, em 1899, na presença de sessenta torcedores.. Um número admirável, se considerarmos o quase total desconhecimento do futebol no Brasil. De um lado, estava o time formado pelos funcionários da Empresa Nobileg do outro, os ingleses que trabalhavam na Companhia de Gás, na estrada de ferro e no Banco. No final do jogo, um resultado sem novidades: vitória dos ingleses: 1X0”.

Mário Filho

Como se vê o “foot-ball” conquistou rapidamente as brechas entre os largos espaços deixados pelo remo (Diga-se de passagem, era mais fácil confeccionar uma bola de meia e achar um terreno batido do que construir uma embarcação e arranjar uma lagoa). Mas, sua prática estava restrita à elite que o disseminou, entre os pares. Tornou-se um espaço de representações e de luta para o jogador.

Isto ficou mais evidente logo na formação dos primeiros “teams” e seus clubes. O primeiro foi o Sport Club Rio Grande - RS, fundado em 19 de julho de 1900 por alemães e ingleses. O segundo considero ser o Fluminense fundado em 21 de julho de 1902 (A Ponte Preta sempre se colocou como o segundo time mais antigo do Brasil. Mas, uma série de reportagens publicadas recentemente¹⁵, em março de 1996, pelo jornal campineiro “Diário do Povo”

¹⁴ CALDAS, Waldenir. Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro, ed. Ibrasa. São Paulo, 1990. Pg. 23.

¹⁵Reportagens do Diário do Povo - ‘História da Ponte não começa em 1900’ 10/03/96, 1. pág.; ‘Ponte pesquisará sua história’, 11/03/96, 1. pág. ‘Fluminense quer Status de futebol mais velho’, 12/03/96, 1.pág. Ponte Preta foi fundada em 1906, 13/03/96, 1. pág.; ‘Ponte diz que provará amanhã que é de 1900’, 14/03/96, 1. pág.

apresentou provas de que sua fundação teria se dado em 1906. A Ponte, através de seu presidente Nivaldo Baldo, à época, afirmou ao jornal que refutaria as alegações do “Diário”. Após as alegações o caso sumiu das páginas do periódico).

A formação e fundação do Fluminense Foot-Ball Club marcou de forma significativa a construção de uma identidade¹⁶ genérica/ pessoal para o jogador de futebol no período. O clube não reconhecia o negro na condição de jogador, nem mesmo o branco pobre. Tinha como prática normatizada que o jogador só poderia atuar em seus quadros de forma amadora - não remunerada, o que implicaria no fornecimento de mão de obra espontânea e gratuita para composição de seus grupos. Não reconhecia o analfabeto como participante de seus quadros pois só poderia jogar quem soubesse assinar a súmula. O grupo era composto por brancos acadêmicos de medicina, de direito, engenheiros e comerciantes bem sucedidos e de ‘boa posição social’.

Oscar Cox, brasileiro e filho de ingleses, foi o principal articulador da fundação do Fluminense. Levou quatro anos arrebanhando os integrantes do “scratch” entre os brasileiros ou ingleses que haviam estudado na Europa. Entre eles Buchan, Salmond e Etchegaray. Nomes que complicavam um pouco a vida dos cronistas da época. Uma passagem sobre a primeira visita do “team” carioca a São Paulo revela um pouco da dimensão espiritual do grupo:

“Para se ter uma idéia: cada jogador que foi a São Paulo, no princípio do século, disputar uma partida de foot-ball, teve que entrar com cento e trinta mil réis para despesas de viagem. Bem que Oscar Cox, autor da idéia que ia preceder a fundação do

¹⁶ no sentido dado por Muniz Sodré de mutação identitária, 169: SODRÉ, Muniz. Reinventando a Cultura: a comunicação e seus produtos. ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1996

Fluminense, tentou convencer a Central do Brasil. Foi lá, disse que se tratava de uma embaixada esportiva, a primeira que saia do Rio, rumo a São Paulo, e não arranhou nada, a Central do Brasil não fez o desconto de um real. Jogador de Foot-ball era um passageiro como outro qualquer. Resultado: todos os integrantes daquela equipe sem nome foram obrigados a meter a mão no bolso. Na volta fizeram as contas: cento e trinta mil réis a cota de cada um, dinheiro como quê naquela época de libra quase ao par.”

Mário Filho

Parece mesmo ter antigas raízes algumas reivindicações, para não dizer prática, de regalias pelos dirigentes de nosso futebol. Em contrapartida, pelo menos, o representante público daquela época mostrou ter uma personalidade própria bem articulada a noções de cidadania. Seria preciso saber se si comportaria da mesma forma no ambiente do “país do futebol”.

O futebol, assim como a capoeira, tem hoje sua identidade associada à instituição nacional do jogo malandro¹⁷, da malandragem. Espaço onde figuram arte e técnica, velho e novo, brancos e negros na convergência do jogo moderno, regrado. Imagem inexistente em seus primórdios, no futebol de brancos. Mas, nem por isso a “catimba” se fazia ausente dos campos, com bem representa a passagem:

“O caso de welfare e Fortes. Welfare, bem inglês, ensinando molecagem a Fortes, bem brasileiro. Os dois Juntos, conversando, parecia que Fortes, nunca seria capaz de entender Welfare direito. Como ia entender se

¹⁷ SOARES, Antônio Jorge Gonçalves: Futebol Malandragem e Identidade. Secretaria de Produção e Difusão Cultural. Vitória - ES. 1994. pg.44

Welfare não falava português, se Fortes não não falava inglês? Mas Fortes entendia, ia para o campo, pisava no pé do jogador do outro team, sem ninguém ver, fazia tudo o que era proibido sem ninguém ver. O jogador do outro team achando graça. Fortes, branco. rapaz de sociedade, como diziam os cronistas, podia fazer, fazia tudo que bem entendesse em campo, ninguém dizia nada. Fôsse outro fazer o mesmo para ver uma coisa.

Por isso Welfare ensinava mais a êle do que aos outros. O "Mister" sabia de coisas que aqui ninguém sonhava em saber...

MárioFilho

O Rio de Janeiro da época abrigava a capital da república. A composição de sua população era diversificada e heterogênea, com parcelas de sua população de imigrantes brancos europeus e negros escravos libertos¹⁸ vivendo em condições precárias. Em grande parte analfabetos e desempregados.

É desta época, 1890, até o governo de Getúlio Vargas (1930) que se verifica, por exemplo, a definição da capoeiragem como crime inscrito no código penal da República¹⁹. A

¹⁸ A população brasileira comportava em 1872 uma parcela escrava de 1.510.000 e 8.601.255 libertos. Em 1888, ano da abolição, a parte escrava baixou para 500.000 e a população livre continuava a crescer com a imigração européia. Em 1890 a população brasileira chegou a mais de 14 milhões de pessoas. - Octávio IANNI, op.cit.44, ver Caio PRADO Jr., História Econômica do Brasil. - Carmem SOARES, Educação Física no Brasil. Pg.89.

¹⁹ Sobre a prisão dos capoeiras:

Do Código Penal da República - 11 de outubro de 1990:

Dos vadios e capoeiras

Art. 402 - Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidas pela denominação de capoeiragem: andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta ou incutindo temor, ou algum mal:

capoeira é, hoje, considerada uma forma de expressão, um jogo afro-brasileiro que a partir da década de trinta começou a ganhar características de esporte, sendo discriminizada, desde então. Tem origem na expressão das culturas dos negros africanos, lugar no Brasil e influência portuguesa. Sua criminalização se deu em razão da repressão à ação das maltas dos Nagoas e Guaiamuns, especificamente no Rio de Janeiro, e da capoeiragem em Recife, na passagem da oligarquia à república.

Os estudos do historiador Carlos Eugêneo Libâneo Soares²⁰, colocam a capoeiragem como um modo de vida (*modos vivendi*) em pleno desenvolvimento e expansão na formação da sociedade da época no Rio de Janeiro. Assim, ela catalisava diferentes modos de expressões culturais nas situações vividas no ambiente urbano. E cuja a ação das maltas tiveram representações muito maiores do que meros grupos de desordeiros. Elas se colocariam como uma espécie de partido informal designado por ele como o Partido dos Capoeiras. O ponto culminante de sua atuação teria se dado durante as eleições, na virada da oligarquia à república. Elas atuavam nos meandros entre O Partido Liberal e o Conservador.

Pena: De prisão Celular de dois a seis meses.

Parágrafo único - É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Aos chefes ou cabeças se imporá a pena em dobro.

Art. 403 - No caso de reincidência será aplicada ao capoeira, no grau máximo a pena do art. 400. {Pena de um a três anos em colônias penais que fundarem em ilhas marítimas, ou nas fronteiras do território nacional, podendo para esse fim serem aproveitados os presídios militares existentes. Nota do autor.}

Parágrafo único - Se for estrangeiro será deportado depois de cumprir a pena.

Art. 404 - Se nesses exercícios de capoeiragem perdurar homicídios, praticar lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, e perturbar a ordem, a tranqüilidade e a segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes.

²⁰ SOARES, Carlos Libâneo. *A Negregada Instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro 1850-1890* - Coleção Biblioteca Carioca, Secretaria Municipal de Cultura, departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, divisão de Editoração. Rio de Janeiro, 1994.

Assim, o Rio de Janeiro tinha uma movimentação muito intensa, inclusive jornalística. A cidade, até por ser um centro de decisões políticas, recebia uma atenção muito grande. As dificuldades impostas aos negros libertos e aos brancos imigrantes, desempregados, acirrava as tensões nas relações entre os cidadãos. Paralelamente, as ocorrências policiais ganhavam impulso. A cobertura policial apresentou-se como um novo filão a ser explorado para o aumento nos índices de vendas dos jornais que se adaptavam ao capitalismo industrial. Já o futebol era praticamente desconhecido para os mesmos até 1910.

Como no Rio, São Paulo também vivia um novo momento nos seus jornais. O jornal Estado de São Paulo em 1902 tinha uma tiragem de dezoito mil exemplares e a composição era feita à mão por quarenta tipógrafos. Em 1908 consta que tenha instalado uma rotativa Albert, capaz de imprimir vinte e três mil e quatrocentos exemplares. Além das melhores possibilidades para impressão, a caricatura e o desenho através da zincografia começaram a substituir os feitos à pena. Também a utilização dos clichês com a possibilidade de se acrescentarem notícias de última hora, numa mesma tiragem, dinamizaram o trabalho.

1904 marca o ano de fundação do Botafogo Football Club, em 12 de agosto, por Flávio Ramos, Emanuel Sodré e alguns amigos. Flávio, neto de dona Chiquitota, Francisca Teixeira de Oliveira. A composição do novo "team" era semelhante ao do Fluminense. Brancos, estudantes de famílias ricas, só se diferenciavam por serem mais jovens e não frequentarem o campo da Guanabara. Era só o que lhes negavam a entrada no Fluminense do exigente Cox. Mas, para eles o improvisado das barras do Goal pelas Palmeiras imperiais do Largo dos Leões bastava. Porém, nem por isso Fluminense e Botafogo guardavam distâncias. Eram frequentes os encontros nas festas e bailes organizados no Clube das Laranjeiras, mais do Fluminense e Paysandú, e na casa do Barão de Werneck, da casa de dona Chiquitota e da casa dos Hime, mais do Botafogo.

Assim Fluminense, Paysandú Cricket Club, Botafogo, Rio Cricket and Athletic Association, mais tarde o Flamengo, como própria dissidência do grupo das laranjeiras, e o Paulistano, em São Paulo, vão consolidar de forma mais acentuada a generalização do jogador como um componente da classe de elite, Branca, rica, e, letrada. É essa representação de modelo genérico de jogador que passam a comungar muitos outros times que vieram a se formar posteriormente. Como o Palmeiras, por exemplo. Ou quem sabe até o próprio Guarani, berço em que mais tarde surgiria o jogador Careca.

O The Bangú Athletic Club, Bangú, não nasceu muito diferente. Foi fundado em de 17 de abril de 1904. , por mestres ingleses da Companhia Progresso Industrial do Brasil, uma fábrica de tecidos que os mandara buscar na Inglaterra. Nove foram os fundadores: sete ingleses, um italiano, um brasileiro, branco.

“Quer dizer: The Bangú Athletic Club nasceu quase inglês. É verdade que o diretor gerente da fábrica era brasileiro. Deu nome à rua celebrizada pelo campo do Bangú, “o ground da rua Ferrer”, ou “o aprazível field da rua Ferrer”, como escreviam os cronistas da época. João Ferrer estava ali para não deixar que o Bangú se tornasse exclusivamente um clube de ingleses. E mesmo que não estivesse ali, para fazer do Bangu um clube da Fábrica, para os mestres e para os operários, os ingleses do Bangú não eram tantos que pudessem imitar o exemplo do Paysandú Cricket Club e do Rio Cricket and Athletic Association.

O Paysandú, e o Rio Cricket, a mesma coisa. Só que um ficava no Rio e o outro em Niterói. No mais, clubes fechados, para ingleses

e filhos de ingleses. O rio Cricket, então nem se fala: muito mais fechado do que o Paysandú. Um brasileiro ainda conseguiu jogar no Paysandu, nos últimos dias de foot-ball do clube, bem entendido, em plena Grande Guerra, os ingleses e filhos de ingleses indo embora para combater pela Inglaterra”

Mário Filho

Há um destaque importante a se mencionar nesse momento de crise do Paysandu quando produziu a inesperada entrada de um brasileiro, que não era filho de ingleses no grupo. Tratava-se de Candido Viana, um cronista esportivo que trabalhava no “*Jornal do Comercio*”. Candido jogava no segundo “team” do Botafogo. Veio para o Paysandú porque era ‘back’ e o time de filhos de ingleses precisava de um jogador para a posição.

Nada de excepcional, diriam. Qualquer clube pode precisar de um jogador para determinada posição e trazê-lo de um outro para o seu. Ainda mais se o jogador está no segundo time e pode estar aguardando uma chance. Sem dúvida! O fascínio está em perceber os vínculos que se estabeleciam entre quem escrevia no jornal com aqueles que eram os produtores dos fatos tratados pelo mesmo, os clubes. Certamente o Paysandú, tão zeloso para com o seu team, já fazendo uma exceção por vias das circunstâncias, procuraria alguém talvez até abaixo, mas não distante de seu círculo. Mesmo que o tenha feito por simples obra do acaso, prevalece alguma dúvida.

Mas, o Bangú também tinha uma desvantagem geográfica que viria a distingui-lo dos demais clubes. O clube de fábrica ficava em local distante, em faixa suburbana. Como o número de ingleses era suficiente mas pequeno às vezes não se conseguia efetivar um “scratch” por falta

de jogadores. Entre os operários haviam os brancos, brancos sujos, alguns mulatos e poucos negros. Muito devagar foram se tornando mais próximos do “team”.

E também foram através de figuras representativas como as de Basílio Viana, o mulato bem vestido, ‘branco’, que falava francês. Que, confeccionou o escudo do Botafogo onde colocara sua paixão. Conseguiu jogar pelo “scratch” mas foi logo barrado ao chegar outro melhor. Trocou de camisa, e saiu para o América onde assumiu a paternidade de um gol mau explicado contra o próprio ‘Bota’.

De Raul Albuquerque Maranhão, branco, louro que passou por clubes indistintamente de negros, de brancos e de mulatos. Neles fazia propaganda de seu potente chute à maranhão. Em cada passagem um sentimento do igual, ao mesmo tempo da singularidade narcisística de seus famosos ‘balões’ rasgando o céu, diminuindo o tamanho da bola.

De João Pereira, o mulato que queria ser extrema direita e fundava clubes para realizar o sonho. Quando o clube já podia andar sem ele, o dispensavam. E fundava outro sem reclamar...

São essas representações a configurarem os novos elementos que viriam ajudar a modificar o panorama do futebol mais tarde. Foi o Bangú a representar o surgimento dos times de fábrica com a participação de ingleses, mestres, e mulatos, negros, operários.

O singelo avanço dos operários não se restringe em vislumbrar apenas a restituição do domínio de seu próprio corpo através do jogo com bola, o foot-ball. Em novembro do mesmo ano o ‘Centro das classes operárias e os positivistas fundaram a Liga Contra a Vacinação Obrigatória: protestavam contra uma falsa república que decretava até o fim da liberdade de conservar o próprio corpo²¹’. Ficou conhecida como a ‘Revolta da Vacina’

²¹ ATR, Multimídia. História do Brasil. ATR. 1995. - índice: A República Oligárquica, A Revolta da Vacina.

A reformulação da imprensa e dos jornais deram novo impulso ao jornalismo. A partir da segunda década dos novecentos o futebol, o carnaval, o jogo do bicho e os eventos populares passam a freqüentar o espaço nobre do jornal. Houve a criação de concursos literários, musicais teatrais, esportivos, para atrair leitores e garantir índices elevados de venda avulsa e de publicidade. Houve também uma ampliação da cobertura policial, com o detalhamento das ocorrências. Contrataram-se redatores, repórteres e setoriais. A regionalização do jornalismo começa a tomar impulso. Por volta de 1913 alguns jornais já publicavam uma página inteira sobre os “matches”. No Rio de Janeiro foi inaugurado o placar de informações, um mostruário diversificado com as ‘últimas notícias do dia.’²²

As formas de treinamento dos jogadores de futebol também começaram a receber maiores influências. O individual nos anos 10, 12 era praticado mais com exercícios utilizando a própria bola. Em 17 passam a se acentuar os momentos em que o jogador se exercita em circunstâncias mais distantes do próprio jogo. Aliás, desde a chegada das regatas, introduzida por alemães, já se percebe uma valorização sobre as atividades ligadas à capacidade de força, a dinâmica da individualidade, o distanciamento sobre a finalidade do próprio ato e a identificação com os compromissos maiores do grupo.

De manhã cedinho, no domingo do Fluminense, na casa da Rua Guanabara, os jogadores acordavam, iam para o campo, para fazer uma coisa que os jogadores dos outros clubes nunca tinham feito: individual. O fluminense contratara Mr. Taylor para isso, para preparar fisicamente os jogadores. Arnaldo Guinle, presidente do clube, rico, milionário muitas vezes, dava o exemplo. Acordava à

²² BAHIA, Juarez. História da mídia e do jornalismo. Ed. Ática. São Paulo, 1990. - pg.155

mesma hora dos jogadores, tomava seu "Cunnighan", todo branco, de molas macias, o assento de trás amplo, como um sofá acolchoado, chegando no Fluminense esperava que o chauffeur, de libré, enluvado, abrisse a porta do carro, saltava, metia-se no meio dos jogadores. Fazendo o que eles faziam. Ginástica sueca, corridas a pé, passeios até lá em cima do morro, cada um, Arnaldo Guinle inclusive, carregando o seu saco de areia. Depois do individual, depois do bate-bola, depois dos treinos de conjunto, antes dos jogos, os jogadores deitavam-se em mesas apropriadas, para a massagem. Porque o Fluminense também tinha: massagista. O Petersen amaciava os músculos dos jogadores, acabando com os caroços das pernas, tão comuns em quem jogava foot-ball e não tomava massagem.

Só Marcos de Mendonça não aparecia de manhã no campo do Fluminense para o individual. Fazia a sua ginastica em casa, tinha o seu massagista particular.

Mário Filho

Pode-se notar que, além da figura do preparador físico e do massagista, já tínhamos o estilo 'Romário' de jogador!

Devaneios à parte, o Fluminense ganhou os campeonatos de 17, 18 e 19. O modelo de treinamento passa a ser utilizado por outros clubes da época. Para entender o significado desta mudança é preciso o resgate de outros fatos ocorridos anteriormente.

Um se relaciona à entrada do jornalismo de esportes e a forma como ele se apresenta. Apesar de sua fase de consolidação se dar somente no início do século XX enquanto uma especialização, seu início é marcado pela chegada de algumas publicações, tais como: “O Atleta”, 1856, que difunde ensinamentos para o aprimoramento físico dos habitantes do Rio de Janeiro. “O Sport” e “O Sportman” circulam em 1886, com a originalidade do título em inglês, uma ortografia que vai se manter até os anos 50. . Em 1898, em São Paulo, o “O Sport” concorre para a eugenia dos Brasileiros’²³

Outro Ponto a se destacar é o conteúdo atrelado às políticas educacionais da época e os vínculos dos estadistas e profissionais influentes que as formulavam com os escritos dos jornais.. Este trecho de Juarez Bahia dá algumas indicações:

“Iniciadas em 1909, as campanhas civilistas envolvem toda a imprensa num estuário de questionamentos, filiam a maioria dos jornais entre os partidários de Rui e, se não o conduzem à Presidência, estimulam e aprofundam na consciência nacional as inclinações libertárias, democráticas, legalistas, constitucionais.”

Juarez Bahia²⁴

O Rui citado, refere-se a Rui Barbosa, o “grande baiano”, exerceu muita influência no movimento republicano. Um dos responsáveis pela propaganda republicana. Durante a Questão Militar²⁵, aproveitou para escrever em sua coluna do “Diário de Notícias” artigos criticando o governo e a família do imperador (Era comum ter pessoas com cargos públicos trabalhando para

²³ BAHIA, Juarez .História da mídia e do jornalismo. Ed. Ática. São Paulo, 1990. - pg.153

²⁴ BAHIA, Juarez .História da mídia e do jornalismo. Ed. Ática. São Paulo, 1990. - Pg. 156

²⁵ A Entrada de novos contingentes no oficialato do exército simpatizantes às causas

jornais). Utilizava-se de sua capacidade de argumentação e retórica . O mesmo que em 1893 mudou o nome de Brazil, com z, para Brasil, com s.

Já, em 1882, Rui Barbosa, como chefe da comissão estadual de ensino, destacava a necessidade de se introduzir o exercício físico nos currículos das escolas primárias.²⁶

O exercício físico, introduzido pelas determinações governamentais de Rui Barbosa, a ginástica sueca colocada aos jogadores do fluminense e a origem dos conteúdos dados pela forma de apresentação dos jornais esportivos seguem uma orientação comum, ainda que particularizada. A dos métodos ginásticos de origem europeia de cunho médico-higienista surgidos na Europa no início do século XIX.

Esses métodos eram empregados para preparar o cidadão para a guerra e para o trabalho nas indústrias. Eles compunham os exercícios físicos divulgados na época. Suas finalidades gerais são: de regenerar a raça, promover a saúde, desenvolver a vontade, a coragem, a força, a energia de viver e desenvolver a moral. Sua aplicação não considera as condições peculiares sob as quais eram aplicados o que trouxeram e trazem certas distorções, como indica a professora de Educação Física Carmem Soares:

“É no Brasil colonial que as questões relativas à saúde, à higiene, ao corpo dos indivíduos, começam a fazer parte das preocupações das elites dirigentes. E o locus de atuação definido pela higiene, naquele momento, foi a família de elite.

‘...Não interessava ao estado modificar o padrão familiar dos escravos que deveriam continuar obedecendo ao código punitivo de

abolicionistas e a república.

²⁶ CALDAS, Waldenir. Pontapé Inicial: memória do futebol Brasileiro, ed. Ibrasa. São Paulo, 1990. Pg 21

sempre. (Os escravos) juntamente com os desclassificados de todo tipo, serão traduzidos à cena como aliados na luta contra a rebeldia familiar. Escravos, mendigos, loucos, vagabundos, ciganos, capoeiras, etc. servirão de anti-norma, de casos - limite de infração higiênica. A eles vão ser dedicadas outras políticas médicas. Foi sobre as elites que a medicina fez incidir sua política familiar, criticando a família colonial nos seus crimes contra a saúde.²⁷

Uma "política familiar" e, entabulada pelos médicos higienistas, poderia ser justificada. As precárias condições de saúde dos adultos e os altos índices de mortalidade infantil eram indicadores suficientes.

Foi portanto, para viabilizar de modo mais eficaz sua "política familiar" e, através dela desenvolver "ações pedagógicas" na sociedade, que os higienistas se valeram também da chamada ginástica. Com ela julgavam poder responder à necessidade de uma construção anatômica que pudesse representar a classe dominante e a raça branca, atribuindo-lhe superioridade.

Esta opção reforçou e incentivou o racismo os preconceitos a ele ligados, contribuindo para a manutenção dos pólos de exploração de uma formação social escravista ...

²⁷ Jurandir Freire Costa, op.cit. p33, R.E.

...No que se refere às desigualdades raciais, devemos acentuar o papel desempenhado pela ciência, que por meio de comparações e generalizações, absolutamente descontextualizadas, “comprovava” a superioridade da raça branca em relação à raça negra, assim como do homem em relação à mulher.

... Havia de um lado a necessidade de garantia da procriação e de outro, como consequência, o melhoramento da geração atual. Para tal, a “apurada educação das elites” pensada pelos higienistas deveria associar a educação física à educação sexual, transformando homens e mulheres reprodutores potenciais e, ao mesmo tempo, vigilantes da pureza de sua própria raça. A Educação Física é então valorizada pelas elites dirigentes e figura em publicações que tratam de questões de saúde em geral, de moral ou de educação.²⁸

Escritas em sua grande maioria por médicos, estas obras buscavam conferir “cientificidade” à educação Física, reforçando a sua importância na obtenção de uma vida mais longa e mais “feliz”.

É possível afirmar que os trabalhos escritos por médicos sobre o tema Educação Física foram importantes canais de veiculação de algo bem mais amplo, foram, por assim dizer, veículos de divulgação daquilo que poderíamos chamar de “pedagogia da boa higiene”. Aquelas obras imiscuíram-se na intimidade das famílias,

²⁸ Sobre as publicações consultar Inezil Penna MARINHO, História da Educação Física no Brasil.

e, em nome de uma educação física, moral intelectual e social, ditaram normas de vida, referindo-a à conduta de mulheres e homens, aos cuidados com os recém-nascidos, ao asseio, aos banhos, aos exercícios físicos, chegando até à vestimenta e aos hábitos alimentares. Que alvo tinha em mira esta "pedagogia higiênica" no Brasil? Como já afirmamos, este alvo foi a família de elite agrária, num primeiro momento, e a família burguesa citadina, num segundo momento. Com a população em geral, a higiene só irá começar a preocupar-se no ocaso do Império. Daquele momento em diante, o discurso normativo e disciplinador da higiene se estenderá a toda a população, ou seja, quando o trabalho assalariado se torna predominante."

Carmem Soares²⁹

A escola exerceu grande participação na disseminação do futebol. Inclusive, foi ela a realizar o papel de celeiro dos clubes da época. Afinal os jogadores deveriam saber assinar a súmula. Também é muito conhecida a história da famosa "peluda" e do padre Manoel Gonzalez, que não teria encontrado uma bola de couro, pois era importada da Europa, e, então, a fabricou: em couro cru, mau curtida, com os pelos do boi na superfície da bola.

A "peluda" ficou célebre no Colégio São Vicente de Paulo.

O "foot-ball" tornou-se praticamente obrigatório nos colégios das melhores famílias³⁰. No Colégio Militar, no Ginásio Nacional, no Alfredo Gomes, o Abílio, o Anglo Brasileiro. Para os

²⁹ SOARES, Carmem Lúcia: Educação Física Raízes Europeias e Brasil, ed. Autores Associados. Campinas - SP. 1994.

Padres era uma maravilha, acabava com as incomodáveis reuniões de grupinhos conspiratórios nos pátios das escolas, nos internatos. Para o futebol começou a melhorar a falta de jogadores para os exigentes “teams”.

Para a sociedade, enquanto os jogadores do Fluminense, acadêmicos de medicina, de direito, engenheiros, todos brancos e ricos, saíam, para realizarem jogos fora trajando smoking, os negros, brancos pobres e mulatos se rebelavam contra a arbitrariedade de uma política de educação e saúde, estabelecida pelos mesmos acadêmicos educadores, médicos e sanitaristas em função de uma elite. Assim, reivindicavam a responsabilidade em poderem dirigir os destinos do próprio corpo inclusive os de calçarem as próprias meias e chuteiras, e jogarem futebol.

³⁰ CALDAS, Waldenir. Pontapé Inicial: memória do futebol Brasileiro, ed. Ibrasa. São Paulo, 1990. Pg.47

Capítulo II

Pulando o muro

“E São Paulo queria ser independente!”

E São Paulo não podia ser. Mandato de tudo era Brasil”

Afirmou Sr. Oliveira com certa indignação. Falava da Revolução. A Constitucionalista de 1932. A voz soando grave. Descrevia as intenções de seu Estado em se separar, tornar-se independente. Nasceu no Guarujá, em 1921.

O separatismo pretendido na política trouxe ao menino Antônio Oliveira mais um para sua vida. O de sua irmã mais nova. Os dois moravam no orfanato ‘Olavo Ferraz’, em Santos, interior de São Paulo, onde foram deixados pela mãe - tinha quatro anos naquela época. Além deles, mais cento e quarenta outras crianças moravam lá, entre meninos e meninas. Com a guerra foi levado para Betel, um lugarejo próximo, mas, distante da irmã. Lá, mais tarde, aos doze anos, recebeu a notícia do falecimento de sua mãe. Terminada a revolta, voltou para Santos e não encontrou mais a irmã.

Dono de uma vivacidade contagiante, daquelas de driblar obstáculos, Sr. Oliveira desfilou as fazendas e clubes por onde jogou. A memória invejável e os nomes grafados nas fotos

de seu álbum foram um mergulho em tempos outros, mas tão iguais. Aos setenta e cinco anos, a pele morena, os traços suaves, se gaba dos jogos que ainda faz na chácara da família com os filhos e os amigos. Careca, Paulo, Oscar, Zenon, Dario, ...

Aos quinze anos foi para a fazenda dos Ferraz, os mesmos do orfanato, próximo a Marília. Fazenda 'Paraíso'. Lá, aprendia o ofício da serraria, de ferreiro e jogava futebol. Ou melhor. Jogava futebol no segundo time da fazenda e brigava com os outros moleques. Houve até um momento em que quiseram mandá-lo para Florianópolis, Santa Catarina, para integrar a marinha. Desistiram por temores de uma eventual guerra.

Como não se acostumava com a vida no campo escreveu para Santos pedindo para voltar. Sem outro jeito, fugiu. Foi trabalhar em outra quinta, jogando futebol, é claro - com a vida do campo, Oliveira, o Guarujá do orfanato, não tinha porque não se acostumar. Passou por várias fazendas sempre trabalhando, chutando a bola. No começo ainda capinou roça na Cambará de Cafelândia, S.P., e no cafezal da Swift de Oriente, S.P.. Mas da riqueza do café já não era o tempo ouro, muito menos para quem trabalhava com a enxada.

Depois, em Garça, S.P., Sr. Oliveira jogou como amador no 'Bandeirante'. De lá, um amigo o levou até o Corinthians, em São Paulo. Bilé, o parceiro, já tinha atuado como profissional, mas no São Paulo Futebol Clube. Naquele momento, Rafa era o treinador do clube alvi-negro, e teria dito logo de início, segundo Sr. Oliveira;

“Mas eu..., o time aqui, nós estamos em campeonato não estamos pegando ninguém agora do interior.”

De lá, Bilé o levou para o São Paulo Futebol Clube, através de Piolim, que ainda jogava pelo time tricolor. O treinador do time de amadores era Joreca e tinha Vicente Feola frente ao profissional. Era o tempo em que Leônidas, o “Grande Diamante Negro”, como colocou

Oliveira, veio jogar no time paulistano. Ali, ficou, treinou por certo tempo no amador até que falou com Fernando, seu companheiro de quarto também do amador:

“Fernando, acho que eu vou embora, vou voltar p’ra Garça.

Porque num, num...

Só fico no come e dorme aqui.!

Não resolve nada comigo.

Então, foi procurar Feola no Canindé, na sede;

...

“Entra Antoninho (Como chamava o Sr. Oliveira), entra. Qual é o Problema, está precisando de dinheiro?” Disse Feola.

“ Assim que precisasse de dinheiro eu ia lá ele dava dinheiro memo, é.

Aí Fernando falou vai lá e pede. Quando estiver precisando de dinheiro pede que eles dão sim, faz um vale. (relembrando a conversa com Fernando)

Mas não tinha feito contrato.

Aí falei, olha seu Feola, acho que eu vou voltar p’ro interior porque a gente não resolve nada aí, ao menos lá eu jogo no time de cima, lá.

Porque, eu sou amador mas eu jogo no time, lá. Agora, aqui, vocês não dão valor.

Porque naquele tempo não dava oportunidade p’ro jogador do interior.

Em 1941, não dava.

Só pegava nego estrangeiro, como Sasi. Eu joguei contra o Sasi,

Dafúncio.

O Palmeiras, só tinha um time de quase estrangeiro também.

O único time de São Paulo que não tinha estrangeiro era o Corinthians.

O Corinthians não tinha estrangeiro de jeito nenhum ...”

Oliveira voltou para Garça. Recebeu um conto de reis do São Paulo, comprou boas roupas num ‘brechó’ e partiu todo elegante. Em Garça, ainda, o esperava mais uma de suas namoradas. Assim veio a ficar mais dois anos na cidade, no amador do Bandeirante. O profissionalismo não lhe tinha aberto ainda algum espaço.

Um certo dia, em 1942, num “patrimônio” entre Garça e Marília, ex- Santo Inácio, agora Lupércio, jogavam Sr. Oliveira e mais dois “situantes”, Quincas e Julinho, para o clube do Sr. Márcio. Oliveira morava num hotel pago pela Associação. Mas, então, descreve ainda impressionado, referindo-se ao Sr. Márcio.

“Aí... ele deu um caminhão p’ra ele trabalhar, p’ra ele.

Deu um camihão p’ra ele!

Era amador aquele tempo, hein”....,

Mas eu era molecão aquele tempo, ainda.

Ele não, ele era motorista.

Ele já era motorista! Inclusive, né!

Ele trabalhou com o caminhão e tudo, depois,

Depois aí joguemo com..?(pausa)

Saiu até no jornal , a placa, de São Paulo e tudo, né!

Aí nós joguemos contra Garça, contra Marília.

Contra Garça nós ganhamos de treze a um.

Eu fiz sete gols.

Modéstia a parte eu corria muito

Corria muito! ...

O caminhão a que se refere Antônio foi um presente do Sr. Márcio para Julinho que além do jogar trabalhava como motorista.

“Depois... passei por outras fazendas...”

Aí, eu fui p'ra Ourinhos

Tinha o Ourinhense e o Operário

Aí, eu comecei a jogar nesse Operário lá, e tudo.

Já era profissional

Profissional marrom, né!

Eu ganhava hotel e ganhava..

Eu lembro assim que eu ganhava cem mil reis por mês.

Deram três ternos p'ra min, deram comida, sapato, tudo.

Já era..., já era profissional marrom, sabe?

Então. Mas era amador ...

Oliveira, muito jovem e ativo não se atinava às dificuldades a que viesse ter. Se não desse certo em Ourinhos haveria um time ou cidade onde jogar. Em Lins, Assis, Botucatu ou Sorocaba, no Sorocabano. Em Botucatu, cidade de onde, lembra, veio Zé Maria para o Corinthians, jogou contra a Associação Botucatuense. Recebeu convite para ficar mas não quis. Estava bem adaptado à vida ourinhense. Não só ao lugar, mais também a uma moça de quem gostava.

Mas não seria ela a segurá-lo. Mais tarde, a convite de um diretor do clube de Ourinhos, que mudava-se para Bauru com intenções de abrir uma padaria, foi para a nova terra. Era o Lusitano de Bauru, atual Bauru Atlético clube, time de amadores. Lá, chegou a ganhar

duzentos mil reis além da morada no hotel, mas não havia contrato com o clube. Apesar das adversidades de sua infância, Oliveira fez até a quarta série e não tinha muitas dificuldades com a escrita e contas

Certo dia, entrou um senhor no vestiário após o jogo contra a Barbarense do Paraná. Visitava alguns parentes em Bauru quando resolveu assistir ao jogo. Gostou de vê-lo jogar e o procurou:

“Escuta, você não quer ir p’ra São Paulo, no Comercial?”

Disse.

“Eu falei, depende da diretoria.

Mas eu não tinha contrato ainda. Ia fazer contrato ainda.

Uai, depende.

Aí conversei com o Waldemar de Brito, que levou Pelé p’ro Santos. Que aliás já é falecido.

Falei. Seu Waldemar, eu acho que eu vou embora daqui.”

Então, ele respondeu “Cê que sabe Antoninho. Porque aqui agente ainda vai entrar para a segunda divisão. Vamos fazer um time p’ra segunda divisão”

Um time bom, rapaz!

Ganhamos do Noroeste. O Noroeste, um timão. Ganhamos de 2 a 1...”

Foi, então, a chance de Oliveira se profissionalizar. O Comercial era o time ligado a comerciantes de São Paulo cuja sede ficava na praça Clóvis Bevilácqua. Treinavam no campo do Sírio, perto da Ponte Pequena, pois não tinham estádio.

“Aí, fomos jogar em Santos.

Lázaro era o goleiro do...

Né, jogou no Palmeiras, era o goleiro da Portuguesa Santista.

Fiz até um gol. Empatamos de 1 a 1. Fiz um gol.

Aí, já fiz contrato.

Eu ganhava duzentos mil reis em Bauru.

Cama, comida, refeição, hotel e tudo, né. Roupa lavada eu pagava particular.

Mas ganhava bem, pô. Era solteiro, garotão ainda, né.

Eu fui p'ra lá ganhando oitocentos mil reis. Oitocentos e poucos mil reis.

Já era profissional já. ...”

Deixando São Paulo, capital, veio para Campinas, interior. Foi mais uma a formar a dezena no número de cidades por onde passou. Já era então profissional. Do alvi-negro campineiro menciona a briga com seu treinador. Desta não fez recordações. Preferiu lembrar a que travou fora dos muros do Moisés Lucarelli, o Estádio da Ponte Preta. Mas nem por isso deixou de ser assunto de jogador.

Referia-se a Érica, uma moça com quem namorava. Pele Clara loura e olhos verdes. Morava próxima ao Estádio, onde Oliveira sempre passava. Trabalhava na companhia Matarazzo, em horários de turnos. Continuamente ia buscá-la quando fazia o turno de duas às dez da noite. Mas não era o único a pretender a bela jovem. Um dia, quando a acompanhava na volta para sua casa, foram vistos por seu contendor. Ele, um engenheiro do Departamento de

Estradas de Rodagem, denunciara ao pai da jovem sobre o fato de um jogador de futebol, moreno, a estar acompanhando.

Como disse o próprio Sr. Oliveira:

"O jogador era manjado.

Pai de moça não deixava a moça ir no campo de jeito nenhum."

Mais tarde, num outro dia, Érica e Oliveira voltavam pelo rotineiro caminho da Matarazzo. Ao se aproximarem do portão de sua casa perceberam a presença de seu pai. Um espanhol forte. Perguntou à jovem o que fazia ao andar com aquele rapaz. Ela respondeu estar namorando. Indignado começou a agredí-la. Oliveira, assustado, puxou seu isqueiro de cabo de madre-pérola segurando-o como a uma arma. O velho espanhol a soltou e se recolheram. Assustado, Oliveira tremia. Depois do incidente continuaram o namoro, às escondidas, claro. Mesmo quando Oliveira foi para Araraquara mantinham a correspondência. As cartas corriam através de uma amiga de Érica, da Matarazzo.

Ao deixar a terra das andorinhas seguiu para Araraquara, S.P.. Foi jogar para a Associação Desportiva Araraquarense, o ADA. Lá, conheceu sua esposa, Saudatina, a quem chamam, Ziza. Ele morava no clube num quarto dos fundos da sede. O irmão de Ziza trabalhava cuidando das roupas e uniformes dos jogadores. Era ele a convidá-lo para ouvir rádio em sua casa. Foi lá, ouvindo a Tamoio em meio aos capítulos de Renascer que Oliveira se encantou com Saudatina Goes de Oliveira, a filha menor de um casal de portugueses vindos da Ilha da Madeira.

Da reciprocidade do encanto de Ziza, viria também o desencanto de sua irmã. Ela não via com bons olhos a aproximação de um jogador de futebol de sua caçula. Mais uma vez o velho estigma na vida do jogador. Além disso, ele, já com seus trinta e três anos, onze a mais que Ziza,

não demoraria a ter de deixar o futebol. Nem por isso Ziza desistiu do simpático e espontâneo boleiro do Guarujá. Casaram-se em 1953 na Igreja do Carmo da cidade Morada do Sol.

A escolha de Ziza não tardou a trazer novas dimensões a sua vida. A jovem grafista, natural de Araraquara, naquele mesmo ano acompanharia Antônio com destino



Oliveira; Ziza; Paulinho; ?; Gradim³¹

a Uberaba, MG. Lá nasceu Paulo, em 1955.

Mais tarde foram para Franca, S.P., no Francana, onde permaneceram seis meses.

Depois Presidente Prudente, S.P., no Prudentina, por mais um ano e meio.

Quando, então, receberam uma carta da

irmã de Ziza. Nela dizia ter conseguido arranjar um emprego para Oliveira na Usina Tamoyo, em Araraquara mesmo.

De volta a Araraquara, assinava o ponto na Usina Tamoyo e ia para o Campo. Continuou jogando. Por mais seis anos controlou a bola nos gramados. Ao no mesmo espaço e tempo trabalho e bola já se confundiam, na informalidade.

³¹ O nome 'Gradim', ainda que não se possa afirmar com precisão no caso do companheiro de Oliveira, se espalhou pelo Brasil depois que um 'scratch' Uruguaio veio jogar no Brasil. Era o jogo decisivo do campeonato sul-americano em 1919. No time uruguaio haviam dez brancos e um negro, Gradim. "Um preto que jogava mais foot-ball do que muito branco". O uruguaio impressionou tanto que, segundo, Mário Filho, "foi uma praga de Gradins pelo Brasil afora. Todo preto que jogava um pouco de foot-ball virava um Gradim." FILHO, Mário. *O Negro no Foot-ball brasileiro*, ed Irmãos Pongetti. Rio de Janeiro.1947. pg. 127.

Capítulo III

Estrepolias com o palhaço eletrônico

Perto de sua família novamente Ziza viria a conseguir o que parecia ser impossível. Enraizar Oliveira em algum lugar. Mas, também, Oliveira já era um veterano para o futebol. Seria difícil conseguir um contrato como jogador profissional. Assim, o diretor da Usina Tamoio foi até Presidente Prudente, na Prudentina, solicitou o contrato de Oliveira e o levou à federação para fazer sua reversão da condição de profissional para o amador. Assim poderia jogar pelo time de amadores da usina.

Lá ele assinava o ponto e ia para o campo de futebol onde havia também um bar. Treinava e ficava próximo ao bar e à quadra de bochas onde os associados iam se divertir. O bar era arrendado e a parte do lucro que caberia ao clube, Oliveira também poderia retirar para o que precisasse.

No dia cinco de outubro de 1960, nasceu Antônio de Oliveira Filho, o caçula de Oliveira e Ziza. Desde pequeno já apresentava sinais do que viria a representar na convivência com amigos, companheiros de profissão e para a família. Talvez até para a torcida, por seu estilo de jogo. A alegria, a irreverência.

Aos dois anos e meio seus pais costumavam levá-lo a casa de parentes para brincar, ouvir rádio ou assistir televisão, coisas que não tinham condições de ter na época. Lá, havia uma radiovitrola onde sua tia Amábia colocava os discos do palhaço Carequinha para que o pequeno e seu primo se distraíssem.

O menino ouvia e cantarolava as músicas da dupla Fred e Carequinha. Carequinha fez muito sucesso nas décadas de cinquenta e sessenta com programas de TV e lançamentos de discos, depois voltou na de oitenta. Na extinta T.V. Tupi comandou o ‘Circo Bombril’. Foi considerado o Primeiro Palhaço Eletrônico do Brasil³² e o Palhaço Moderno do Mundo³³. Oliveira, Ziza a avó e tias ficavam impressionados ao verem a admiração do guri pelo palhaço. Ele ouvia um lado, o outro, e pedia para ouvir de novo. Não se cansava de escutar e ver os programas do palhaço, a favor da moral dos bons costumes, de estilo inovador, ágil e bem vestido. Sua música preferida, na época, se chama ‘O Bom Menino’, de Irani de Oliveira e Altamiro Carrilho.

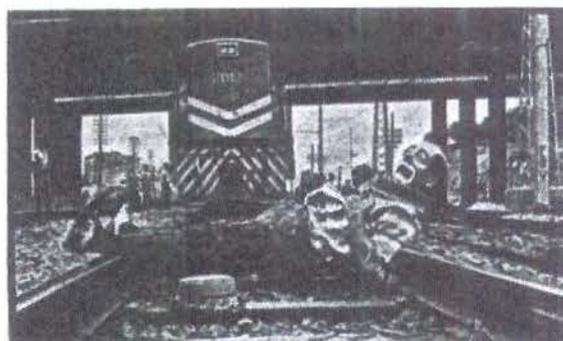
“

...
O bom menino não faz

pipi na cama.

O bom menino não faz malcriação.

O bom menino...”



Palhaço Carequinha - George Gomes

Assim, tanto foi que seus pais tios e amigos passaram a chamá-lo de Carequinha e posteriormente Careca, apelido pelo qual ficou conhecido e reverenciado em todo Brasil e no

³² - JORNAL DO BRASIL - ‘O Palhaço Carequinha: A favor da moral dos bons costumes e da alegria da garotada. 15/08/82 -

³³FATOS & FOTOS: ‘Carequinha: O Operário do Riso’ - no 1156, 17/10/83. “porque seu estilo era diferente dos outros. Normalmente, os palhaços tinham pouca agilidade, estavam sempre em desvantagem e usavam roupas sujas.

exterior através do futebol. E Careca sempre foi um bom menino, apesar de ser 'um moleque levado da Breca', declarou Ziza para um jornal cujo recorte consta do álbum de fotografias do Sr. Oliveira. Referia-se às sua escapadas para jogar futebol.

Careca, Antônio de Oliveira Filho, considera seu período de infância como igual ao de qualquer outro garoto de sua idade. Jogava bola nos terrenos vazios de Araraquara, na rua ou onde houvesse alguém correndo atrás da bola. Descalço, às vezes, "chutava o chão e arrancava o tampão da ponta do dedão do pé". Ai , vinha a passar um mês sem jogar. Sempre foi muito brincalhão, sapeca e alegre apesar das dificuldades porque passou.

Sr. oliveira, o pai, depois de deixar a Tamoio e o futebol, passou a trabalhar como servente de pedreiro em obras e serviços de construção. Deu-se a se sustentar de alguma maneira pois do futebol não sobreviveria mais. Mesmo na condição de profissional, não teve garantias e benefícios a ampará-lo quando deixou o esporte, como há em outras profissões. Quanto menos como 'amador' condição em que jogou por muito tempo.

Ziza passou a trabalhar no Tênis Clube de Araraquara como almoxarife, a cuidar dos pertences e às vezes até dos filhos de associadas que o freqüentavam em seus momentos de lazer. Era muito querida pelas senhoras e as crianças. Das quais, também gostava muito, segundo o Sr. Oliveira

Apesar da condição muito pobre de sua família, Careca ressalta o carinho, o amor e a dedicação de seus pais e irmão para a sua vida. O dinheiro ganho com o esforço e trabalho de seus pais era pouco e ia quase todo para o pagamento das despesas com aluguel, roupas, etc. Sua mãe era muito exigente com relação aos estudos, preocupava-se com que tivessem uma boa formação e um futuro mais tranquilo. Ele atribui a essa estrutura como a base primeira em que

Ele inovou, vestindo-se elegantemente, fazendo piruetas e incentivando e senso de justiça que é muito natural nas

se apoiaram seus esforços, capacidade e determinação na conquista de objetivos. Além disso, destaca sua crença e vontade, muito pessoais, como essenciais para chegar onde chegou.

Em Araraquara, morava numa casa muito simples com dois cômodos na rua doze com a Feijó. Num dos cômodos ficavam as camas. A de casal, de Oliveira e Ziza, no meio. A de solteiro, de Careca, ao lado da mãe. A de Paulo, pegado ao pai. Não tinha forro e faltavam vidros em algumas janelas. O outro cômodo servia de cozinha e sala ao mesmo tempo. O banheiro ficava fora da casa. Os dias de chuva, diz Careca, às vezes, davam certa dor de cabeça. Aí, o jeito era “cobrir com aquele cobertor do tipo ‘sapeca neguinho’, que pinicava demais”.

Paulo e Careca costumavam acompanhar a mãe no trabalho do clube nos seus horários vagos da escola. Lá brincavam e passavam o dia. Algumas vezes catavam bolinha de tênis para os jogadores. Desse modo aprenderam o jogo com as raquetes. Paulo chegou a ganhar vários prêmios e começou a ensinar a arte, como professor. Seu Oliveira e Careca dizem que foi um grande jogador de futebol também, até melhor que o próprio Careca, e que se continuasse, talvez viesse a jogar num grande time.

Da escola Careca recorda os tempos em que estudava pela manhã como os mais gostosos de sua vida, pois ia à aula naquele período e passava a tarde jogando bola. Não podia ver um jogo que lá estava ele. Sua mãe sempre preocupada com as vidraças de seus vizinhos. Às vezes, não tinha jeito, era mais uma que ia. As lições, fazia algumas, mas na maioria deixava por fazer. Tudo pelo futebol. Já numa segunda fase estudou à tarde. Aí, ficou mais difícil acordar cedo, reunir os amigos e jogar. Mas, depois da aula sempre dava um jeito.

Sua primeira escola foi o Grupo Escolar Antônio J. de Carvalho em Araraquara. Desde essa época já se destacava como jogador. Em 1971, então com onze anos, participou dos “I Jogos

Infantis de Araraquara”³⁴ promovido pela escola. Do qual seu time foi campeão no futebol de salão, na época.

Nos finais de semana Sr. Oliveira levava os filhos aos jogos em que participava. Em todos, era sagrado, ao menos um joguinho com a pelota. No Araraquarense, desde pequeno Careca participava dos times que se formavam. Depois, participou do mirim do Colorado Futebol Clube onde já se revelava como um grande destaque. O técnico/orientador, seu primeiro, foi José Carlos de Freitas, o Zé Alemão. Além do suporte técnico ele ainda assessorava a molecada fora do clube. Levava ao cinema, dava atenção. Saíram vários garotos de lá para o profissional. Isso propiciava uma estrutura para o time estar bem no final de semana, segundo Careca.

No jornal local já figurava seu nome como destaque.³⁵ Nele declarava sua intenção em se tornar um profissional. Tinha Tostão como seu grande ídolo, e o sonho de ainda jogar pelo Santos. Mas sempre destacou em suas entrevistas não querer imitá-lo, apesar de procurar entender as jogadas que fazia.

No juvenil Careca atuou pelo Benfica por onde jogava também Creca na equipe de amadores. Creca foi ex-jogador do Guarani, trabalhava num banco em Araraquara e atuava como olheiro, indicando jogadores para o clube de Campinas.

A saída de Careca de Araraquara se deu em 1976 Quando Creca foi a sua casa procurá-lo e a seus pais. Ziza não queria que seus filhos fossem jogadores de futebol. Embora Careca já houvesse pedido para participar de testes em clubes de futebol, ficou condicionado a que passasse de ano na escola. E, justamente naquele, foi reprovado. Antes, Paulo tentou participar

³⁴ ANEXO I - Diploma de participação - “Jogos Infantis de Araraquara” Pág. 116.

³⁵ O Imparcial - Jornal de Araraquara- Careca e o seu dia de muitos gols, 14/03/74 -

de alguns, mas encontrou a resistência de Ziza ao proibi-lo. Ele, entretanto, ainda jogou como amador.

Já, o Sr. Oliveira, o pai, sempre incentivava os garotos a se incorporarem ao mundo do futebol. O convite de Creca, portanto, gerou muita discussão na casa. Num sábado Creca e Paulo César, outro juvenil, amigo de Careca, passaram em sua casa e seguiram para Campinas. Desta forma, ele saiu praticamente fugido de sua casa. para fazer os testes na peneira do Guarani Futebol Clube.

Capítulo IV

Derbi na escola

Careca saiu de Araraquara com quinze anos para realizar os testes na peneira do Clube alvi-verde. Essas peneiras reúnem garotos das mais diferentes e longínquas partes do país, como um vestibular. Nelas os candidatos a integrar os quadros futebolísticos do clube são divididos conforme faixas etárias em diferentes grupos que jogam entre si. São jogos em que os garotos entram participando por pequenos períodos, dez minutos indicou Careca. Nesse tempo, tentam demonstrar o que sabem e algo com que possam impressionar os observadores. Muitas vezes nem dá, afirmou. Depois, ainda passam por um período de observação de aproximadamente dois meses. São realizados no próprio clube ou mesmo em lugares distantes para onde desloca-se uma delegação da agremiação especialmente preparada para essa finalidade. São abertas a interessados em geral ou a grupos de garotos indicados por olheiros

Creca, já falecido, era um ex-jogador do Guarani que atuava no time amador do Benfica de Araraquara, onde jogava também Careca, no juvenil. Para o futebol, além de jogar, ele atuava na indicação de jovens da sua região para o clube campineiro. Na época o responsável pelas equipes juvenis do time bugrino era o técnico Adailton Ladeira, também um ex-jogador do time

bugrino. Segundo ele, em matéria veiculada em 1978 no jornal local³⁶, naquele ano havia uma rede de dezenove olheiros credenciados espalhados por todo o Estado, fora os ex-jogadores e amigos que costumavam apontar garotos.

Hoje, muitos olheiros já recebem uma gratificação pela indicação de garotos com possibilidades e qualidades técnicas comprovadas. Muitos clubes e empresas já vêm o futebol e a formação de jogadores como um novo campo aberto a investimentos com possibilidades de grande retorno financeiro³⁷. Além de ex-jogadores, muitos conselheiros, dirigentes, narradores e comentaristas ligados ao jornalismo esportivo indicam atletas a clubes, comenta Luís José Fanelli, ex jogador do clube União São João de Araras.

A chegada de Careca no Guarani deu-se em 1976, quando ainda não havia o denominado patrocínio oficial. Começavam naqueles anos as discussões sobre a divulgação de marcas nos uniformes dos jogadores e seus times. O ex-presidente Leonel Martins de Oliveira que dirigia o clube em 1977 já defendia nos jornais³⁸ a utilização promocional de marcas, proibida por determinação do Conselho Nacional de Esportes, C.N.D. até aquele momento. A sobrevivência dos times fazia-se através, basicamente, das rendas dos jogos, da carteira de associados e de subsídios de materiais, doações de empresas e de pessoas físicas.

O clube campineiro há tempos se pautava pela formação e o aproveitamento de jovens talentos nos quadros de jogadores dos times principais, o profissional, aponta Dagmar Sarubi³⁹. Ele é o atual supervisor do departamento amador do clube e comentou que este mérito deve-se a

³⁶ CORREIO POPULAR. Ladeira: Este homem revelou Mauro, Miranda, Renato, Careca. E ainda vem muito mais. 11/06/78. Pg.23

³⁷ Folha de São Paulo. Investidor cria 'jogador-caranguejo', 25/03/97 Esporte. Pg. 11

³⁸ O Estado de São Paulo. O futebol pode vender tudo até suas camisas, 24/04/77

³⁹ Entrevista com Dagmar Sarubi - 02/97

um senhor chamado, Jaime Silva. Jaime era delegado seccional de imposto de renda e acumulava a presidência do Guarani. Teria vindo do Rio de Janeiro no princípio da década de sessenta e implantado um modelo de escola de jogadores. Semelhante ao que havia no Fluminense.

Odair Leitão Alonso⁴⁰, jornalista é conselheiro há mais de vinte anos do clube bugrino, além de torcedor. Atualmente tem firma própria de assessoria jornalística e leciona na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Acrescenta a Jaime Silva o adjetivo de visionário. Teria sido ele a implantar uma nova visão gerencial à associação campineira. Foi considerado um louco à época quando resolveu “abrir um buraco ao lado do Estádio para a construção de uma piscina”. Desta forma, iniciou um processo de

diversificação das atividades do clube o que resultou na construção de um parque aquático, na inclusão da prática de outros esportes e, principalmente, na formação de uma carteira de mais de vinte e cinco mil associados.



Silveira; Cuca; Juti; Capitão; Renato; Odair; Careca; Birigui
Odair Alonso, jornalista, embarcando junto com a delegação do Guarani. (junho - 1978)

Conforme sua análise, essa dinâmica possibilitou viabilizar novos investimentos na estrutura dos departamentos de futebol. Tais como: a construção de alojamentos e a contratação de profissionais e serviços. Estes deram suporte aos planos que se estabeleceram pela diretoria no início dos anos setenta. Ainda nos sessenta colhia-se o fruto da nova mentalidade na formação de jogadores. Neles despontaram uma linha de quatro atacantes que fizeram muito

sucesso naquele momento. Joãozinho, Nelsinho, Babá e Carlinhos, consagrados com uma grande vitória sobre o Santos que passava por uma excelente fase. Assim, foram formados e posteriormente vendidos, extremamente valorizados, dando maiores impulsos à agremiação.

Isso ficou esquecido por algum tempo, disse Odair, e retornaria mais tarde, à época em que Careca participou. Depois dos primeiros testes ele ainda amargou uma espera de quase dois meses até a confirmação de sua entrada. Havia saído de Araraquara para ficar uma semana, o que tinha acertado com Ziza, sua mãe. Na sua inclusão nos quadros do clube integrou-se ao Juvenil 'C' do Técnico Roberto Lazareti. Ele compunha a equipe técnica dos amadores junto com Adailton Ladeira do 'A'. Com eles, constavam ainda os preparadores físicos Luís Carlos Emmanoelli, o Mané, e Carlos Roberto Coradi. E ainda, Jurandir Moura Santos, com quem Mané dividia a supervisão, e o diretor João Roberto Secco. Havia a composição de três grupos de juvenis, o 'A', 'B', 'C'. Os garotos entravam no 'C' e passavam por uma trajetória de no mínimo três anos de formação. Hoje os juvenis são integrados em apenas um grupo e criou-se as divisões dos aspirantes e dos juniores, que correspondem praticamente às funções respectivas que tinham naquela época.

Odair Alonso trabalhava no Jornal Correio Popular como setorial, cobrindo as atividades do clube campineiro. Ele acompanhou a participação de Careca e do clube durante todo o campeonato Brasileiro de 1978, quando o Guarani sagrou-se campeão brasileiro. Falou de seus contatos com as equipes representantes do clube. Destes, observou que acompanhamento feito pelo jornal era realizado mais sobre as equipes dos profissionais. Mas havia também a atenção voltada para os jogadores das equipes juvenis, principalmente à aqueles que começavam a despontar, destacando-se no grupo. A convivência no ambiente do clube possibilitava esse

⁴⁰ Entrevista Odair Leitão Alonso - 12/96

contato com a vida dos garotos dentro da associação. Sobre a saída dos jogadores do ambiente de sua família e sua chegada no clube ele falou:

“Havia um trabalho muito integrado entre o departamento amador e o profissional

Trabalhava junto.

Então, cada menino que vinha, vinha com a família. Os pais vinham para conhecer o alojamento, ver aonde o menino ia ficar.

Normalmente os pais vinham e ficavam maravilhados, porque?

Porque ia ficar muito bem instalado

Ia ter uma ótima alimentação

Ia receber uma ajuda de custo

E, ia estudar, o que era uma exigência que o Guarani fazia.

Muito interessante inclusive, porque havia um acompanhamento do boletim.

Se o garoto naquele mês tirasse uma nota baixa, uma nota abaixo da média.

Os pais eram chamados para uma conversa, ele levava uma advertência.

Tinha uma segunda chance.

Se no mês seguinte ele voltasse a tirar nota baixa, ele era afastado do time, passava para a reserva, deixava de jogar até ele recuperar as notas.

Então era uma coisa obrigatória. Ele tinha que ir bem na escola para poder ir bem no time também

Então os pais ficavam tranquilos.

Mesmo assim muitas vezes a gente via garotos chorando, porque eles saem, às vezes, com 13, 14 anos da cidade deles. Né. Ficam longe do pai da mãe da avó dos amigos. Vem p'ra uma cidade às vezes muito maior do que onde eles moravam. Eles sentem!

Eles sentem muito!

Eles vivem assim dois sentimentos, bem distintos

Um a alegria de vir e a possibilidade de jogar num time grande, né. Inclusive eles sabem que o Guarani é passaporte para um time maior ainda.

Quer dizer: se vai bem no Guarani com toda a certeza ele vai p'rá um Corinthians um Palmeiras ou para Europa. Aparece muito mais do que num time do interior."

R: Eles já chegavam com essa expectativa?

"Chegam. Chegam.

Sem dúvida nenhuma se você conversar com qualquer garoto, ele vai falar isso:

hoje; por exemplo, né. Ele vai falar; Eu quero ser igual o Amoroso, eu quero ser igual o Aílton; eu quero jogar na seleção brasileira; eu quero ir para Itália; hoje né."

Naquela época: eles chegavam e falavam eu quero ser igual o Careca, eu quero ser igual o Zenon, eu quero jogar na Europa; eu quero jogar na Arábia, que levava muita gente na época.”

A saída dos garotos de suas casas para tentarem a vida como jogador, muitas vezes, acontece prematuramente, com 13 , 14 anos. Portanto, ainda na adolescência. Caracteriza-se por um período de grande instabilidade emocional, considerando-se que não se possa categorizar rigidamente. Há componentes da individualidade a influenciar o seu modo de vivência. Sarubi, fala sobre a saída do jogador de seu ambiente familiar;

“Bem, veja você, ahm..

Hoje eu acho que é mais fácil isso aí. Certo?

Agora você fala, mais fácil?

Eu acho que é mais fácil.

Porque hoje o jogador de futebol é da classe média baixa.

Pode ser que aconteça alguém aí, no caso? Esse menino do São

Paulo que foi vendido, aí... Como é que é o nome dele?

Como é o nome daquele garoto do São Paulo, que foi vendido e que tinha uma condição financeira boa?

Caio.

O Caio foi uma coisa assim de uma # condição boa. Ele tava.

Mas ele meteu na cabeça que ia ser jogador de bola, e foi ser jogador de bola.

Isso é muito difícil de acontecer.

Acho que o garoto quando ele fala # ele foi aprovado no

Guarani.

Ele vem pra cá. Ele desenhou o futuro que ele quer. Ele vai lutar por aquilo

Primeiro pela condição financeira que o futebol dá.

Alguma vez ouviu falar em outro emprego que paga mais que o futebol. Que o cara quando destaca. Não existe.

Tem garoto que ganha quatro , cinco pau por mês.

Garoto de vinte anos. Aonde você vai conseguir um negócio desses.

E se ele... fchhh estorá, ele vai ganhar seus cem, cento e vinte..."

A estrutura fornecida pelo clube inclui a parte de treinamento com preparadores físicos e técnicos, alojamento, assistência médica, odontológica, quatro refeições diárias com acompanhamento de nutricionista, uma ajuda de custo para cada jogador, Há ainda subsídio de passagens para viagens. Sarubi acrescentou que os garotos nos quais se nota algum tipo de problema de ordem psicológica, pelos profissionais envolvidos no trabalho, é dada uma orientação por um psicólogo, o Sr. Serapião Aguiar.

Após mais um a dois meses e meio da confirmação de Careca no clube, não chegou a quatro, de sua saída de Araraquara, Careca foi chamado pela diretoria para assinar seu primeiro contrato, momento em que se estabeleceu a forma como poderia se dar as relações entre o jogador e o clube posteriormente. Ele relembra a ocasião;

"Demorou mais um mês, um mês e pouco prá fazer um primeiro contrato, que é um contrato..."

O antigo contrato de gaveta, né. Que é aquele que você assina

e...”

R: Você sabia o que estava assinando, na época?

“Não. De forma nenhuma.

Não sabia nada.

Cheguei, assinei na boa fé.

Por causa do Guarani com a estrutura que tinha na época.

Não só o Guarani, a Ponte, mas era o clube que revelava mais garotada.

Dava oportunidade.

Então a esperança era fazer logo e ficar aí p'ra té chance'.

R: Seu pai estava com você ou não?

Não, meu pai trabalhava também. Minha mãe também.

Ficava difícil ...”

O denominado contrato de gaveta é um instrumento considerado ilegal, é fictício. Ela não reconhece seu fato gerador, pois não considera o momento nem as suas condições de ocorrência.

A maioria dos garotos, os quais participam dos testes e passam pela peneira, assinam o contrato de gaveta com o clube (assim como Careca), foi o que afirmou José Luís Fanelli⁴¹. José Luís, o Lula, jogador de futebol, está parado há um ano. Passou por uma peneira no Guarani em 1988, quando tinha treze anos de idade. Ele jogava bola no Clube Semanal de Cultura Artística de Campinas, um clube freqüentado por famílias de classe média. Um dia, ao participar de alguns jogos promovidos pelo clube, a Olimpesecc, foi observado por um professor chamado Leandro. O professor conversou com seu pai, que o levou à peneira do Guarani. Passou pela

⁴¹ Entrevista - José Luís Fanelli - ex-jogador

peneira com mais dois garotos, de um total aproximado de cinquenta, e fez um período de treinamento de mais ou menos cinco meses.

Certo dia foi chamado por dois diretores. Foi convidado a assinar o contrato. Luís afirmou que assinaria mas não o fez naquele momento. O pai, Daniel Fanelli, o instruíra anteriormente para tanto. Luís enrolou e jogou por mais um tempo até que foi chamado por um deles. O diretor, segundo Luís, lhe deu duas alternativas; ou assinaria o contrato, ou deixaria de jogar pelo clube. Luís deixou o clube não querendo assumir compromissos incertos.

A vida de jogador dentro do clube, daqueles que moravam nos alojamentos na época, inclusive Careca, era bastante atribulada. Os treinamentos eram e ainda são realizados de manhã e à tarde. À noite vão à escola.

Eles obedeciam à uma planificação pré-determinada. Em 1977 o departamento amador era desvinculado do profissional. O planejamento era executado pela comissão técnica e diretores do próprio departamento; João Roberto Secco, diretor, Adailton Ladeira e Roberto Lazareti técnicos, Luis Carlos Emmanoelli (Mané)⁴² e Carlos Roberto Coradi, preparadores físicos; Mané e Jurandir Moura Santos Supervisores .

Mané acumulava as funções de supervisor e preparador físico junto com Jurandir e Carlos Coradi respectivamente. Ele ainda guarda parte do planejamento e das observações feitas durante seu trabalho. Suas anotações são muito meticulosas e diversificadas sobre o treinamento em geral e a organização⁴³ do trabalho do departamento, feitas a mão ou batidas à máquina. Especificamente sobre aquele momento consta os dados sobre os objetivos, as avaliações, e

⁴² Entrevista - Luís Carlos Emmanoeli - 02/97

⁴³ obs. Os clubes geralmente não têm o hábito, ou interesse organizar os dados sobre seu trabalho. Às vezes dificultam seu acesso. Isto embaraça muito resgatar sua história e ter parâmetros para seu próprio desenvolvimento.

jogos realizados pelas equipes amadoras e os Juvenis, inclusive o 'C' com o qual trabalhou e onde começou Careca.

Ele entrou no Clube em 1973 como auxiliar do preparador físico Pedrinho. Iniciava seu trabalho com o futebol naquele momento. Foi apresentado por um diretor, Sr. Antônio Carlos Giumarães, que o conhecia da Faculdade de Educação Física da Pontifícia Universidade Católica de Campinas onde estudava. Antes, trabalhava na Singer do Brasil, como fitotecário e jogava basquete. Com o convite deixou a empresa e foi para o alvi-verde ganhando a metade do salário que recebia na empresa, pois gostava de esporte e queria unir seu trabalho aos seus estudos.

Daqueles dias, conta que o clube fazia investimentos no seu departamento amador com o intuito de realizar um bom trabalho para a formação dos novos jogadores. Como parte desses planos trouxeram uma máquina para o treinamento das capacidades de força de seus jogadores, 'musculação', chamada Apollo. Segundo ele, foi a primeira ou uma das primeiras a chegar no país. Com ela, ele e Pedrinho começaram a aplicar um trabalho específico voltado para o futebol e aprimorar seus estudos do desenvolvimento desse tipo de treinamento no esporte.

De acordo com Mané, Careca entrou no Guarani num momento de grande efervescência no trabalho do departamento amador. Reputa a este instante uma somatória de fatores que conseguiram se articular pela postura da equipe diante do trabalho. Citou o presidente Leonel Martins de Oliveira na sua capacidade de delegar responsabilidade a seus comandados. Também a alguns diretores pela grande ajuda e envolvimento no trabalho. Entre eles João Roberto Secco e o supervisor Jurandir Moura Santos. Disse que a finalidade era formar o atleta no seu todo, na técnica, no físico e na sua estrutura social, não ficando restrito ao ambiente do clube.

Fica por conta da boa vontade das pessoas que fazem o futebol, geralmente os funcionários, e os próprios jogadores, técnicos, preparadores físicos e torcedores guardarem e manterem arquivos e documentos.

À Jurandir ele atribui o mérito de colocar em prática a solução para uma preocupação que tinham na época, da qual Careca já usufruiu. Deixar de ver o trabalho com o jogador unicamente por suas capacidades físicas e técnicas, por seu jogo no campo, pois sabiam que muitos jogadores não conseguiriam ascender à equipe principal. Isso em função da clara visão da situação em que chegavam os garotos, pois a maioria vinha de famílias sem recursos e muitos sem instrução. Com isso, além da alimentação, do treinamento, Jurandir, um Sr. aposentado, começou a ajudá-lo na organização com a escola para os garotos. Acompanhava e comunicava à família seu desempenho no clube e na escola.

É dentro dessa estrutura que o adolescente menino de Araraquara começa a conviver. No alojamento, quartão, como chamavam Careca e seus companheiros, ficavam as camas beliches onde dormiam. Esse ainda comporta os cinquenta e quatro jogadores de outrora. Levantavam, tinham que arrumar a cama e estar prontos para o café às 7:30h, até as 8:00 h.. Depois treinavam. Almoçavam a partir das 11:00 h. À Tarde, mais programação de treinamentos. Jantar às 17:30 h. E à noite, escola.

Haviam alguns regulamentos nos quais os jogadores deveriam estar atentos. Um era o regulamento da caixinha dos jogadores (anexo II)⁴⁴. Ele estipulava multas para uma série de itens relativos ao comportamento dos jogadores nas dependências, e mesmo fora do clube. Inclusive coisas como beber água no bico da garrafa, deixar cair a toalha no chão do banheiro, etc.

Careca comentou que boa parte não era cumprido, mas que havia muita cobrança. Muitos jogadores, entre os quais às vezes se incluía, ficavam sem receber a ajuda de custo pois, desta forma, destinava-se a pagar as multas sobre suas infrações. Da feitura do regulamento os jogadores não participavam, só em relação a alguns de seus valores. Os mais velhos ficavam

⁴⁴ ANEXO II - Guarani - Regulamento da Caixinha dos jogadores - pág.117

responsáveis por cumprir algumas tarefas, como por exemplo, apagar a luz no final da noite e fazer observar o regulamento pelos mais novos dentro do 'quartão'.

Além disso, todos os jogadores eram formalmente avaliados pelo departamento, considerando-se três aspectos principais: o físico, o técnico e o de comportamento. Nelas constavam o histórico do respectivo desenvolvimento no período e a classificação geral do jogadores⁴⁵(anexo III). A aplicação do atleta nos treinos físicos, isto é, sem bola, fora da situação dos jogos, denotava o aspecto do comportamento. Careca não gostava de fazer esse tipo de treinamento no começo. Já os treinamentos coletivos, com bola, disse, não se importava, poderia treinar o dia todo.

A organização do preparador físico chegava ao ponto de fazer constar das suas anotações, uma escala dos diretores. Nela estão anotados os jogos, suas datas e o nome do diretor que acompanhava a delegação⁴⁶. Eles observavam os atletas da equipe e, ou da adversária. Apontavam possíveis 'valores' (jogadores talentosos). Em alguns consta a inscrição "indicou alguns valores"

Mané comentou que os jogadores selecionados chegavam apresentando algumas boas qualidades técnicas. Então, eram levados a aperfeiçoá-las e complementá-las no sentido de corrigir seus vícios e defeitos e aprimorarem-se para o futebol. Entretanto, destacou, que tinham tudo para se envolverem, por um lado ou por outro, como às vezes acontecia, por fatores relativos ao seu novo ambiente. E isto poderia acontecer tanto por influências dentro do próprio grupo em que conviviam ou por de seu exterior, fora do clube. Vários, acrescenta, acabavam se

⁴⁵ ANEXO III - Guarani - Avaliação Geral - mês de fevereiro de 1977 - pág. 120

⁴⁶ Na escala de diretores que se verifica nas anotações do Prof. Luis Carlos Emanuelli constam os nomes e respectivas totalizações de presenças em jogos naquele ano: Andrade - 1; Aristides - 7; Bueno - 29; Diamantino - 37; Flávio - 32; Jurandir - 3; Manolo - 1; Nildo - 3; Pietro - 11; Rodney - 11; Secco - 10; Ivaldo - 16.

desviando e se perdendo frente aos objetivos do trabalho. Outros conseguiam encontrar o apoio necessário em profissionais, amigos que ali trabalhavam ou mesmo em pessoas de fora, tais como pais de outros atletas radicados na cidade, jornalistas, etc.

Também Odair corrobora com esta observação. Comenta que alguns garotos às vezes podiam apresentar problemas. Desde os mais simples, como a saudade e a falta do ambiente familiar até alguns mais graves como com envolvimento com bebidas e drogas. Quando havia a preocupação de desligá-los do clube.

Todo jogador que chegava ao Guarani já nesta época era obrigado, então, a estudar. Eles o faziam e ainda o fazem numa escola pública estadual próxima ao estádio, a EESG José Vila Gelin Neto. Lá todos são matriculados e passam a freqüentar as aulas no período específico da série ou ano em que se encontram em relação aos seus estudos. A diretora da escola, Professora Magda Santóro⁴⁷, há quatro anos trabalhando no estabelecimento, diz que além dos jogadores do Guarani, lá estudam também os da Ponte Preta. A maioria estuda à noite fazem o colegial e são dos juvenis. Apesar de haver também meninos freqüentando aulas em períodos diurnos.

Magda diz que esses jogadores não se diferenciam muito da maioria dos alunos que freqüentam a escola. Mas têm em comum alguns traços que são observados. Muitos vêm do interior e no início são muito introvertidos. Demoram uns quatro a seis meses a estarem totalmente integrados aos demais. Fisicamente chamam mais atenção pelo seu porte e aparência, mais 'fortes e saudáveis'. Verifica-se uma maior admiração por parte das meninas, com relação aos outros alunos. O que às vezes acontece, sair alguns namoros com colegas da escola. Em contrapartida, afirmou haver uma maior preocupação por parte da família e dos pais de algumas

⁴⁷ Entrevista - Prof^â. Magda Santoro - Escola estadual Prof Vila Gelin Neto - 02/97

meninas. “Já houve caso do pai retirar a filha da escola por saber que estava gostando de um colega jogador”

Um outro ponto interessante diz respeito a que disse notar, às vezes, uma maior arrogância e orgulho por parte desses alunos, no geral. Afirmando não saber se os garotos recebem pelo clube, constata que costumam vir melhores vestidos que seus colegas, com boas roupas tipo esporte e tênis.

Sobre a rivalidade entre jogadores do Guarani e os da Ponte, no começo, quando assumiu a diretoria, costumava ter alguns problemas. Muitas vezes por causas advindas dos estádios a serem resolvidas na escola. Mas, era restrito a uns poucos alunos/atletas. Contudo, se reuniu com os representantes dos clubes e os problemas se amenizaram. Atualmente, diz não serem significativos e atribuiu haver muita atenção e zelo por parte dos emissários dos clubes.

Em relação às aulas de educação física os garotos que estudam durante o dia freqüentam as aulas dentro do próprio período de estudo, junto com as outras disciplinas. Assim, disse Magda, eles praticam basquete, vôlei ou qualquer outro esporte que o professor esteja ensinando em sua aula, como os outros alunos. Os que estudam à noite, a maioria, por realizarem treinamentos no período da manhã e à tarde, geralmente são dispensados.

O espaço da escola portanto abriu um outro campo de possibilidades⁴⁸ ao jovem jogador, longe dos olhares mais atentos do clube. É onde figuraram novas relações, de maior autonomia pessoal, na convivência com amigos e pessoas fora do âmbito do clube, do esporte propriamente e da profissão a que almejava. Desse modo, tornou-se um importante ponto de referência e influência sobre o modo como o jovem viveu a própria experiência com o clube e com relação ao ambiente urbano. Careca, por exemplo, conheceu e namorava Fátima, sua esposa, na escola.

Muitas vezes era ela a fazer suas lições, pois chegava tão cansado dos treinos para a aula que resolvia não assisti-la e voltava para o clube.

A imagem do jogador, desta forma, tem suas particularidades dentro da escola também. Já para os jornais, de forma geral, o interesse pelo jogador aumenta quando ele passa a se destacar junto a seu time, ou em referência ao evento ou clube do qual participa e em relação à sua importância para o público leitor. Foi o que constatei nas colocações das entrevistas com os jornalistas.

Na pesquisa feita no arquivo do jornal ‘Correio Popular’ de Campinas, especificamente sobre o ano de 1977, antes de se destacar como revelação pelo clube campineiro no campeonato brasileiro de 1978, o nome de Careca veio a figurar uma única vez.



aprimoramento físico é processado mediante os mais modernos aparelhos

Mané - “Correio Popular” - 14/08/77

Foi numa reportagem sobre o trabalho do preparador físico Mané, na edição do dia quatorze de agosto⁴⁹. Nela Careca é citado por Mané quando falava sobre seu trabalho junto à equipe dos amadores.

Naquela época ele já destacava o nome do jogador como uma promessa para o futebol do Guarani, juntamente com Gersinho seu contemporâneo dos tempos dos juvenis.

⁴⁸ VELHO, Gilberto - sobre “campo de possibilidades”, em: Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades Complexas; Trajetória individual e campo de possibilidades. Ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1994, Pg.31.

⁴⁹ CORREIO POPULAR. “Moleque Promete Travessuras: Trabalho pioneiro para os amadores do Guarani” - 14/08/77. Campinas, SP.

A reportagem veiculada naquele momento, antes do jogador ascender à equipe principal e ser visado pelo jornal, fazia um apanhado sobre a dinâmica de trabalho do preparador físico e da equipe do departamento. A execução do trabalho baseava-se em três aspectos principais: o físico, o técnico, e o do comportamento. Era aplicado sobre o modo de formação do jogador pelo clube. Mané comentou como se deu a realização da cobertura jornalística sobre essa sua experiência com os juvenis naquele instante:

“O trabalho era evidente que estava acontecendo, só que pouca gente conhecia.

Então, teve alguns profissionais da área jornalística que, além de gostar do departamento amador, do clube, das coisas corretas, começaram a enxergar aquilo.

Mas o reconhecimento desta reportagem que você cita, por incrível que pareça, saiu de um diretor que convidou na época Solange Bibas, da Gazeta...

Inclusive tem uma reportagem tão boa quanto essa na Gazeta Esportiva da época que era uma página de domingo falando sobre o departamento e as coisas..., Inclusive eu devo ter.

Então, esse diretor falou - 'Isso é uma maravilha! O que vocês estão fazendo aqui'.

Não tinha assim um nome, uma posição.

Ali, nós não tínhamos um goleiro. Tínhamos sete, oito

Elaborávamos quadros.

Aí, quem começou muito a fazer esses quadros, a elaborar isso

foi o Medina⁵⁰ que teve uma passagem muito rápida pelo departamento amador do Guarani, muito rápida”

Então ele começou a fazer uma parte da organização de tudo isso.”

R: João Medina?

“É. Eu aprendi muita coisa. Mas foi uma passagem muito rápida.

Então, todo esse desenvolvimento veio de uma forma maravilhosa.

E eu me sinto feliz de ter desenvolvido junto com esse senhor⁵¹, com essa equipe tudo isso daí.

Então nós tínhamos sete, oito goleiros, quatro ou cinco laterais.

Que time que tem essa organização?

E um desses diretores falou: Mas não é possível, isso precisa ser divulgado.

Tanto é que ele foi até São Paulo sem a gente saber e conversou, principalmente pelas revelações que o Guarani estava tendo em termos de jogadores.

E Solange Bibas na época se interessou em vir fazer uma reportagem e ele veio de São Paulo a Campinas.

⁵⁰ João Paulo Subirá Medina - é professor de Educação Física e técnico especializado em futebol. Entre outros trabalhos foi preparador físico do Palmeiras em 1983. Entre eles publicou o livro: MEDINA, João Paulo Subirá. Educação Física cuida do corpo ... e “mente”, ed. Papyrus, Campinas - S.P., 1983.

⁵¹ Refere-se a Jurandir Moura Santos que o ajudava em organizar os estudos para os garotos.

E aí , através da ligação com o Roski, que é um antigo jornalista, não sei se era da Gazeta, ou se era da Folha, também.

E, aí foi saindo...ahmm

O Sérgio Jorge⁵², gostava muito do departamento amador, dava sempre uma força muito grande no aspecto de desenvolver o que existia lá... Na época era uma pessoa que se interessava pelo o que acontecia no departamento amador. E também, ficou conhecendo muito meu trabalho lá dentro.

Então essas pessoas divulgaram. ...”

No entanto, lembra Mané, do dia em que saiu a reportagem divulgada pelo jornal Correio Popular, num domingo. O vice-presidente do clube o interpelara: “Quanto que você pagou do seu salário para sair uma reportagem dessas?”. Segundo ele, o administrador mostrava-se indignado por não haver referência à direção do clube no texto, o qual salienta, ignorava o modo como o jornalista o redigiria.

Falou também sobre os primeiros momentos da chegada do jogador. Comentou que nesse instante ele transitava por algumas posições dentro do time tentando encontrar seu espaço. E que haviam críticas em relação a ele por ser muito magrinho. Que pessoalmente acreditava num bom trabalho com o qual pudesse se desenvolver. Além disso, tinha muito diretores de fora do departamento, os quais faziam muita pressão no sentido da revelação de atletas. O Guarani era justamente conhecido por isso. E aquele foi um momento de maior procura pelo clube. Praticamente o único que se voltava para a formação do jogador. Portanto, se um garoto não

⁵² Segundo o próprio Careca e Renato Otranto, Sérgio Jorge é hoje procurador de Careca no Brasil.

apresentasse um bom resultado em uma ou duas partidas haviam dois ou três esperando pela oportunidade. Tinha cinquenta nos alojamentos disputando as posições.

A isso, acrescentou:

“o cara tinha que provar na hora que era bom e ficar ali. E, felizmente, Careca, foi um deles que venceu, mas venceu também de uma maneira sofrida porque realmente...

Ele teve pessoas que circundaram a vida dele que, num dado momento, talvez pudessem não ter ajudado. Mas foi feliz porque encontrou também muitas outras pessoas que o ajudaram não só dentro do Guarani como também fora do Guarani.”

Careca colocou Wilso Nery como o responsável por sua mudança de posição quando chegou no Guarani. Jogava como meia-direita e o levou a atuar como centroavante.

Mané afirmou que houve maus momentos passados por Careca naquele período. Explicou que foi exatamente por começar a se montar, se corrigir. Não só na área física como também através dos treinamentos que eram feitos com exímia capacidade pelo Ladeira quando apenas o ajudava com o condicionamento físico. Atribui ao técnico “um valor incrível”, como colocou, que o apurou nos fundamentos. Lembrou das conversas que tinham com Careca, pois era uma pessoa que não gostava de treinar.

Porém, mais tarde numa pré temporada da Taça São Paulo, já treinava antes do café da manhã, após; depois do almoço e à tarde. Considera, então, o momento no qual já estava despontando. Apesar de não se classificarem, houve, no desfecho, um jogo treino para avaliação da condição da equipe contra uma seleção em que figurava Valdir Peres como goleiro. Era o

último momento em que Careca estava sob a direção do amador. Valdir atravessava uma grande fase. Careca fez um gol “de placa” em que foi cumprimentado por todos.

Daí para frente, disse, todos já conhecem. Ele passou com todos os dados para o Maffia e o novo departamento que se formou.

Capítulo V

Vitrine

Careca entrou no ano de 1978 como um desconhecido para o jornal. Já, o Guarani começou com nova diretoria. Ricardo Chuffi assumiu a presidência disposto a realizar algumas reformulações. Logo nos primeiros dias anunciou a contratação do técnico Carlos Alberto Silva. Segundo Odair “um ilustre desconhecido” na época. Assim, no dia sete o jornal anunciava a chegada do novo técnico, suas promessas de utilizar os jovens jogadores das equipes de base e a íntegra de seu minucioso currículo⁵³.

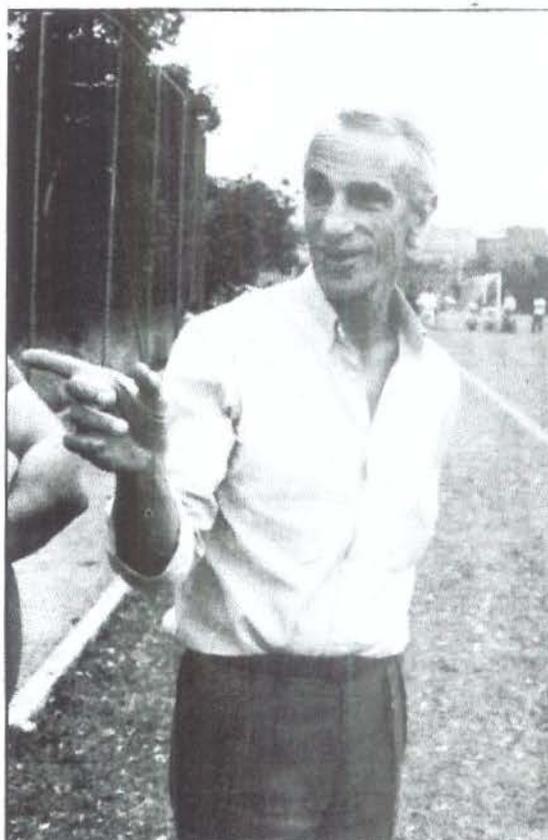
Com a venda de Amaral, jogador formado nos quadros bugrinos, o clube conseguiu trazer também o preparador físico Hélio Maffia. Maffia foi convidado por dirigentes do clube, parentes de sua esposa. Formou-se em Educação Física em São Carlos em 1953, época em que só haviam três faculdades de Educação Física no Estado de São Paulo⁵⁴. Aliás, antes, quase deixou de se aprimorar no campo em que escolheu, em função das provas vestibulares que se faziam naqueles dias. Foi quando prestou vestibular para a Universidade de São Paulo, U.S.P., momento em que

⁵³ CORREIO POPULAR. “A Bagagem e Promessas do Novo Técnico”

⁵⁴ Além da Universidade de São Paulo, a Faculdade de São Carlos havia também a de Bauru.

sofreu uma contusão numa prova de subida por corda. Desse modo, não pode continuar nas provas e perdeu a chance de aprofundar o seu saber.

Maffia atuou no Paulista de Jundiaí, no São Paulo Futebol Clube, Palmeiras, por sete anos, e no selecionado nacional, por três. Chegou elogiando o clube e sua estrutura, comparando-o a “um elefante no circo - não sabe a força que tem”. Michel Abib, vice presidente, anunciou a novidade no periódico.⁵⁵ Da comissão técnica participavam também o fisioterapeuta, Pernambuco, e o auxiliar, Marcos Roberto Silva, o Carioca. Além deles, figurava o massagista Dito Brás⁵⁶.



Maffia relembra 78 e não esconde o amor pelo Guarani

Ele chegou e impôs sua filosofia de trabalho, como se referiu, no tocante à preparação física. Mas, também interferia no técnico com seu labor “aplicativo”, o qual, defendia desde os tempos do Palmeiras⁵⁷. O aplicativo a que mencionou consiste em direcionar o condicionamento físico para a individualidade do atleta e da função a que ele exerce dentro do time, considerando-se as características do jogador e sua pessoa, sua ação dentro de campo em referência a seu

⁵⁵ CORREIO POPULAR. “Michel: Estamos no caminho certo; Instalações são Magnificas”. 20/01/78

⁵⁶ Há uma reportagem interessante sobre a vida do massagista publicada pelo CORREIO POPULAR na época: “Dito Brás: História, drama e o sonho de ver o Guarani campeão” - 18/06/78

⁵⁷ POPULAR DA TARDE. “Não existe o atleta ideal”, 28 de julho de 1974. Entrevista com o preparador Físico Hélio Maffia, na época do Palmeiras Futebol clube.

posicionamento e o esquema técnico/tático adotado. Isso exige uma grande afinação da equipe em seus vários setores e na condução dos treinamentos e objetivos como um todo.

Essas contratações vieram como parte dos planos da diretoria em integrar os departamentos de amadores e profissionais, o D.I.F., Departamento Integrado de Futebol. Desta forma buscavam aproveitar o bom trabalho nas equipes de base para facilitar o aproveitamento dos garotos pelos quadros dos profissionais, formando uma grande equipe, segundo Mané.

Ele exercia as funções de preparador físico e supervisor do amador na gestão anterior e passou a ficar com a coordenação da área de educação física. Maffia assumiu como responsável pela supervisão geral do departamento no tocante à preparação física. Mané explicou que antes da chegada de Maffia, foi perguntado por Ricardo Chuffi se não teria motivos para se opor à chegada do preparador. Como resposta disse estar ali para trabalhar e não criar milongas por não ascender à equipe principal. Além disso que gostava do trabalho realizado com os garotos. Tanto, frisou, que houve a integração do departamento. Houve divergências, sim, mas o ambiente de trabalho era bom, porque a equipe era boa e se entendiam. Acrescentou, “cada um no seu espaço e momento soube cumprir bem o seu papel com as condições de que dispunham”.

No entanto, não era uma simples questão de se ter o jovem jogador talentoso a equipe de trabalho e querer utilizá-lo. A experiência, o craque e o adulto compunham com grande força a figura do jogador de futebol.



Jornal "Correio Popular" - 21/01/78

Além disso, Carlos Alberto assumiu o time sem conhecê-lo. E teriam pouco mais de um mês para estruturar a equipe. Haviam velhos jogadores acomodados à situação, o que faria necessário uma renovação, disse Odair. O campeonato brasileiro teria início em meados de março. E ainda assim teria o carnaval pela frente. Desse modo, foram marcados vários jogos amistosos nos quais a comissão técnica experimentava os novos jogadores. Alguns dos titulares ainda estavam em fase de renovação de contrato, tais como: Zenon, Renato e Miranda. Eles compunham o elenco principal na época. Algumas reportagens veiculadas em meio a esta pré-temporada traziam considerações sobre os contratos realizados entre jogadores e clubes. Ora pendiam para o lado do clube ora em relação ao jogador.⁵⁸ Passavam pelos jornais as especulações sobre a remuneração do trabalho dos jogadores.

Paralelamente aos testes realizados com os jovens, a comissão técnica exigia e procurava reforços em outros times. Muitos eram os nomes cogitados, entre eles figurava a vinda de um

⁵⁸ CORREIO POPULAR:

"Está difícil a reforma de Zenon" - 24/01/87

"Primeiro Amistoso será em Maringá - 26/01/78

"'Caso' Zenon continua na estaca zero - 31/01/78

"Excursão antes do dia dezenove" - 04/02/78

centroavante, para a posição a que Careca almejava. O uruguaio Roberto Moreno. Outro era Mário, do América, cujo passe pertencia ao Palmeiras⁵⁹. Mas ficaram apenas nas intenções. Mais tarde, um outro Uruguaio, o centroavante Pedette⁶⁰. Desta vez, o clube o trouxe. Estreou em um amistoso contra o Santos mas não despertou o interesse dos dirigentes. A cobrança de reforços parecia vir de todos os lados, e o jornal veiculou um apelo da diretoria dirigido à torcida⁶¹.

Apesar da preocupação do clube em revelar jogadores, a direção, parece, não os via como uma solução para a composição da equipe, pelo menos como titulares. Buscavam encontrá-los fora, em pessoas já conhecidas e consagradas em outros times.

Há oito dias do início do Campeonato, em dezoito de março, o jornal listou os nomes dos jogadores que até aquele momento tinham passado pelas intenções da comissão técnica para serem contratados:

“Entre outros valores, nada menos do que 14 foram mencionados como as possíveis contratações do Guarani e nenhum acabou vindo para Campinas: Edu, ponta-direita do Palmeiras; Jairzinho, o Ex-furacão da copa de 70; Peri, ponteiro-esquerdo do Operário de Campo Grande; Djalma, zagueiro-central; Morel, centro-avante paraguaio; Eduardo, ponteiro-direito; Joãozinho, ponteiro-esquerdo, ambos do cruzeiro; Nunes, centro-avante; Toninho, centro-avante do Palmeiras; Bugre, ponta-direita do Noroeste; Walmir Guite,

⁵⁹ CORREIO POPULAR - “Centro-avante pode vir do Uruguaí” - 14/02/78 & “Guarani segue a cata de reforços: Nelsinho e Samuel, os visados” - 15/02/78

⁶⁰ CORREIO POPULAR - “Pedette estreia contra o Santos” - 05/03/78

⁶¹ CORREIO POPULAR - “Um apelo à “torcida: Paciência!” - 11/02/78

zagueiro-central do Matsubara; Fernando Morena, avante Uruguaio; Chico Fraga, lateral-esquerdo e Júlio César, ponteiro-esquerdo. Com metade ou, até menos desses jogadores e com o trabalho que vem demonstrando mesmo com a precariedade do material humano que possui, o técnico Carlos Alberto seria um homem feliz pois montaria um excelente time para uma espetacular campanha no Nacional” C.P.⁶²

Ao mesmo tempo a reportagem já tentava acalmar os ânimos da torcida defendendo a posição do técnico.

“Portanto, a torcida que não se iluda e nem crucifique o técnico: seu trabalho ainda está comprometido pela carência de valores que ele não tem e porque, segundo tudo indica vai mesmo entrar no Nacional sem três peças indispensáveis para uma verdadeira esquematização de jogo: os dois ponteiros e um comandante de ataque.”

Enquanto a direção ainda buscava a solução para o impasse e os problemas da equipe, Careca tinha maiores oportunidades de aparecer no jogo. Começou jogando pela equipe na estréia do Campeonato Nacional. No mesmo dia o clube fez uma de suas tão esperadas contratações. Bozó pela ponta-esquerda. Era vinte e seis de março. O anúncio da chegada de

⁶² CORREIO POPULAR - “Hoje outro amistoso” - 18/03/78

Bozó pelo jornal se deu por uma manchete num quadro com grandes letras ocupando a largura total da página e uma altura de coluna de dez centímetros⁶³.

Logo abaixo, outra matéria, menor, a preleção para o jogo que se realizaria naquele dia. Os dizeres do título: “Um time improvisado na estréia”. Ao lado a foto de Gersinho, um dos garotos, companheiro de Careca, em fase de testes, aguardando sua oportunidade para jogar na equipe principal do time que defendia a mais de ano e meio como juvenil. O texto jornalístico trazia as lamentações pelos azares sofridos pelos titulares, Osnir que se contundiu e Tião devolvido ao Juventus pois estava emprestado. Nele uma justificativa para a escolha do técnico em optar pelos estreantes. E, o pedido de aplausos e complacência para com a falha no grupo, dirigido à torcida.

Depois, chegaram mais reforços, no dia vinte e nove de abril. Capitão, ponteiro-direito e Macedo, ponta-esquerda. Com eles e mais Adriano, já falecido, como comandante de ataque, o grupo já era considerado como completo⁶⁴, o que deixava Careca na espera. Naquele dia jogaram contra o Bahia, seu segundo adversário no campeonato. Careca entrou jogando, mas foi substituído por Adriano. O Guarani venceu por dois a um.⁶⁵ Já contra o Alagoano, terceira rodada do campeonato, foi Careca a substituir Adriano que começou jogando. Sofreu um pênalti e Zenon cobrou, marcando o segundo gol da partida. A partir deste jogo seu trabalho começou a ter maior projeção nos textos do jornal.

⁶³ CORREIO POPULAR: “Bozó: é o novo ponteiro-esquerdo contratado pelo Guarani” 26/03/78. Pg.15 & “Um time improvisado na estréia” 26/03/78. pg. 15

⁶⁴ CORREIO POPULAR: “Capitão e Macedo estreiam” - 29/03/78
O Primeiro jogo foi contra o Vasco

⁶⁵ CORREIO POPULAR. “Guarani: Foi uma vitória...” - 31/03/78

Mas foi só na nona rodada, em vinte e um de abril, quando jogou contra o Confiança - SE que veio a marcar seu primeiro gol no campeonato. O clube campineiro venceu por cinco a um. Adriano não participou pois estava contundido desde o dia doze, data na qual jogou contra o C.R.B em Maceió, a mesma partida em que Careca saiu de campo expulso. Cumpriu suspensão automática contra o Sergipe na rodada seguinte e voltou contra o Confiança no lugar de Adriano.

O jogo mais importante na carreira do jogador naquele período, foi um Derbi, denominação dada aos jogos entre Guarani e Ponte Preta. Segundo ele, quem ganha contra a Ponte Preta está garantido para o resto do ano. Era vinte e três de abril, um jogo no qual Careca marcou os dois gols da vitória, de dois a um. Essa disputa sempre teve, e tem, uma grande importância para a direção bugrina, para os jornais e a cidade. Tanto era que a partir daquele momento ele sagrou-se como titular na equipe participando praticamente de todos os jogos. Fez vinte e sete jogos de um total de trinta e um⁶⁶ e marcou treze gols no campeonato dividindo a artilharia com Zenon. Para Odair Alonso sempre houve o “estigma” para os jornais de o “Correio Popular” pender pelo lado do Guarani e o “Diário do Povo” pela Ponte.

Houve muita euforia a partir desse instante. Soma-se a ele a vitória sobre o Itabuna da Bahia, uma semana depois, por uma diferença de sete gols, foi sete a zero.

⁶⁶ APÊNDICE - jogos do Guarani - Campeonato Brasileiro de 1978 - pág. 108



Correio Popular 1978, 04/05/78

O clima de tensão que pairava sobre a diretoria e a comissão técnica no início do mês de abril sumiu. Haviam rumores sobre a substituição de Carlos Alberto Silva naquele momento. O jornal descartou a existência da possibilidade⁶⁷. Com as vitórias e a virada no ambiente bugrino, o clube mexeu no seu ataque e armou o esquema tático.

No dia dois de maio saiu a reportagem sobre a grande vitória diante da delegação baiana.



Leonel Martins de Oliveira e José Vitorino dos Santos, estiveram em nossa redação falando dos planos e exibindo as plantas de mais este sensacional empreendimento bugrino

Correio Popular: 04/05/78

No dia quatro saiu outra falando da visita do ex-presidente do clube e presidente do Conselho Deliberativo da gestão de Ricardo Chuffi, Leonel Martins de Oliveira, junto com José Vitorino dos Santos do

⁶⁷ CORREIO POPULAR - "Não façam ondas. Deixe-nos trabalhar!" - 01/04/78

departamento de obras do clube à redação do jornal 'Correio Popular' para expor os planos de ampliação do Estádio do Guarani. - "Guarani parte para outra sensacional arrancada"⁶⁸ falando sobre os "extraordinários" planos do clube campineiro

Dai para frente o talento de Careca também conquista seu espaço na equipe campineira e na mídia. Na segunda fase do campeonato ele começa a aparecer em entrevistas para o jornal como jogador⁶⁹, junto com seu companheiro de ataque Renato. A equipe bugrina termina a primeira fase em quinto lugar no Grupo D. O Campeonato Brasileiro de 78 foi o segundo maior em número de clubes participantes na história da Copa Brasil, com setenta e quatro clubes participantes. Perdeu só para o de 79 com noventa e seis. Na segunda fase o alvi-verde acabou em quarto lugar, no Grupo J. Na terceira, em primeiro lugar no Grupo R. Disputou as finais com o Palmeiras vencendo os dois jogos pelo placar de um a zero, em cada. A final terminou com o gol de Careca.

A ascensão de Careca foi rápida. Dos garotos que entravam para o juvenil o caminho do 'C' ao 'A' seguia três anos, para começar a ter chances de participar de uma ou outra partida na equipe principal. Ele em pouco mais de um ano e meio já participava dos jogos no profissional. Em menos de oito meses saiu do completo anonimato para o rol dos idolatrados na mídia. Um caminho de poucos. Uma pequena fração se considerarmos a legião de garotos que nos últimos anos se atiram a seguirem a rota. Muitas vezes despojados de recursos e estrutura de apoio.

Uma parte um pouco maior, talvez, chegue perto, como um homônimo de Careca, ao menos no apelido. Trata-se de Adenilson Aparecido Paiva⁷⁰. Adenilson saiu do interior do

⁶⁸ CORREIO POPULAR - "Guarani parte para outra sensacional arrancada" - 04/05/78

⁶⁹ CORREIO POPULAR - "Renato e Careca: Eles fazem a alegria da torcida" - 06/06/78 - Uma das primeiras matérias onde o jogador Careca aparece dando uma entrevista.

⁷⁰ Entrevista com Adenilson Aparecido Paiva - "Careca II" - 01/97

Paraná onde ajudava seus pais na colheita de algodão e café. Apesar da infância pobre, ao menos no campo e com a bola se divertia. Tinha quatorze anos quando foi escolhido para representar a cidade numa partida contra os garotos da equipe do Guarani, que se dirigiram à sua cidade. Foi Pupo Gimenez a admirar a habilidade do menino.

Chegou ao Clube para morar praticamente quarenta dias depois, em 1980. Tinha tudo para se desviar como a maioria dos garotos que ali chegavam, como dizia Mané. Como quase fez o próprio Antônio. O menino paranaense gostava dos álbuns de figurinhas de futebol, ouvia o radialista Nelson da rádio Paiquerê e sonhava ouvir seu nome sendo narrado pelo mesmo. Brincando, irradiava o próprio jogo. Era fanático por futebol. Mas nunca sonhou em que pudesse vir a ser jogador.

Quando Pupo Gimenez o contatou resistiu em se separar da família. Seus pais também não queriam. Um radialista da Rádio Cidade Arapongas, Tochinha, explicou que muitos jogadores famosos saíam do interior para os grandes clubes e conseguiam alcançar o sucesso. Então veio, mas trouxe um primo que o acompanhou em seu período de adaptação, Luís ,o 'Girassol'. Adenilson foi recebido por Macalé e o Dr Egidio que como representantes do clube foram buscá-lo na rodoviária . Daquele instante lembra de sua impressão ao conhecer o que era um prédio.

No começo não conhecia nada, falava errado e vivia o rígido esquema do clube com treinamentos, escola concentração no sábado e jogo no domingo, quando não, as palestras do dr. Serapião, psicólogo. Mais tarde já estava melhor adaptado, e contou uma de suas escapadas:

"Acho que foi em 84...

O Neto já tinha subido nessa época p'ro juvenil B

Então, era época de Carnaval. Final do Campeonato Juvenil.

Eu tinha um jogo lá em ... era com o Botafogo de Ribeirão

Era o primeiro lá e o segundo aqui.

Só que nós jogamos contra o Noroeste lá em Bauru o último jogo. Ganhamos de três a zero. Aí viemos para cá (Campinas)

Só que não era para ir embora. Noite de carnaval, segunda noite de carnaval.

Era para nós ficarmos na concentração, não era p'ra sair

Tinha o porteiro. Aí eu e o Neto nós pulamos o alojamento.

Alojamento quarto 13, lembro até hoje. Estávamos Eu, o Evair, depois veio o Gil baiano e o Neto.

Então nós pulamos o quarto 13. Isso aí depois do jogo. Nós fomos p'ro carnaval

Por felicidade? Encontramos o Inspetor lá. O diretor.

Aí, agora azedô, né. Agora não tem jeito. Então vamos ficar.

Ficamos

Aí, pegamos, voltamos às seis horas da manhã. Chegamos lá o quarto fechado. O diretor foi lá, pegou a chave e deixou o quarto fechado. Ia entrar aonde?

Aí chegou de manhã chamou eu e o Neto. Chegou na diretoria, se reunimo.

Ele deixou nós de fora. Suspendeu não deixou treiná

Suspendeu assim, ia ficar fora da final.

O Guarani foi sem eu e Neto p'ra lá

Perderam de dois a zero lá”

R: Quem era o Diretor?

“Era o dr. Egídio

*Dr. Egídio é..., é.... Ele que tá certo, né. É uma excelente pessoa
Hoje é meu amigo particular. Ele não tem... Hoje a gente lembra
disso aí e dá risada.*

Então, um jogo era primeiro lá, o empate era nosso.

*Se nós empatássemos e empatássemos aqui . Qualquer que seja
o resultado, quatro a zero lá, quatro a zero aqui. Classifica a
gente.*

Então perdemos de dois a zero, dois a zero!

*Nisso o finado Brasil de Oliveira ligou para o Guarani, P'ro
Leonel. Falou, olha! Pelo amor de Deus. Eu vim aqui p'ra
revelar jogador. Se você não colocar o Careca e o Neto. Pode
esquecer esse título juvenil.*

*Ah! Passou meio dia, foram...Nós ficamos lá, comendo , bebendo
e não treinando.*

Aí. Vamos treinar, vocês vão ter que treiná.

Porque?

Não, não faz pergunta, vão treiná, treiná

Daí jogamos aqui no brinco de ouro.

Graças a Deus ganhamos de 4 a 2

O Neto fez três e eu fiz um. Quer dizer. Pô! Fomos campeões

Isso aí serviu de lição. Porque todo erro que você comete você tem que pagar.

Então eu cometi um erro

Eu aprontava bastante...”

José Luís Fanelli também se referiu às saídas dos jogadores para as boates da cidade como um momento de grande arrebatamento para o jovem jogador. Principalmente quando se torna mais estreita a convivência com os profissionais. Muitos, diz, gostam de viver a noite. A oportunidade de vivenciá-la com o ídolo impressiona os mais jovens.

Adenilson, o “Careca II”, chegou a sentar no banco de reservas pelo Guarani e participar de uma partida contra a Portuguesa, entrando por dois ou três minutos.

Depois foi negociado com o C.R.B. de Alagoas, que se interessou a que jogasse algumas partidas por lá. No negócio vieram dois profissionais para o Guarani. Lá, mais tarde, o clube o profissionalizou. Teve duas torções no joelho e sofreu sua primeira cirurgia, aos vinte e dois anos. Voltou para Campinas, ficou na Ponte Preta por algum tempo. Contou oito cirurgias a que fez em toda sua carreira como jogador, sem somar uma por artroscopia (método que se utiliza da introdução finas cânulas para vídeo e instrumentos operatórios dentro do espaço articular)

Sem sua família por perto dependia dos amigos e conhecidos a darem um apoio nos momentos difíceis por que passou. Muitos o ajudaram o que, por outro lado também, alimentava a saudade pela falta de seus pais e a dúvida de sua escolha. Atribui a Nivaldo Baldo, fisioterapeuta, uma ajuda inestimável, inclusive no sentido de fazê-lo estudar. Diz não se arrepender por ter saído de sua terra natal. Apesar de não alcançar o sucesso a que pretendia como jogador, julga estar melhor do que estaria se tivesse continuado no Paraná, de onde saiu

com apenas a quinta série escolar completa. Compungiu-se apenas de não ter dado ouvidos a algumas pessoas que o cercaram na época.



Adenilson Aparecido Paiva junto a seus alunos do futebol

O Careca do Paraná formou-se em Educação Física em 1996. Antes teve dificuldades em achar um emprego, mas conseguiu numa indústria, a Mercedes Bens. Apesar disso não se acostumou à rotina na empresa.

Porém, Dicá, ex-jogador o chamou para dar aulas em sua escolinha de futebol em Campinas. Hoje, dá aulas de futebol para crianças de 5 a 15 anos e indica algumas aos clubes e olheiros. Não se considera um olheiro. Além disso, tem um projeto e oferece serviços de ensino do futebol junto a instituições de caridade.

Já o Careca de Araraquara apesar das cirurgias pelas quais também passou, a primeira já aos dezenove anos para extrair os meniscos (pequenos discos em forma de meia lua, fibrocartilagosos, destinados a dar maior estabilidade à articulação do joelho) teve maior sorte. Sua revelação foi meteórica. No entanto, na mesma proporção, vieram as exigências de maior autonomia na direção de seus próprios destinos dentro do futebol e da vida. As portas já se abriam com maior facilidade mas o rumo ainda era incerto

E Careca também tinha seus momentos de Adenilson e de Neto. Renato Otranto, jornalista, conta que um dia o Guarani foi jogar em Araraquara. Ele já era jogador profissional. Era uma partida contra a Ferroviária no estádio Fonte Luminosa, que se realizaria às dezesseis horas do sábado. Na sexta-feira à noite Careca sumiu da concentração com velhos amigos da cidade natal. Voltou ao amanhecer do dia seguinte sem condições de jogar. Foi duramente

repreendido e o colocaram para jogar. No primeiro tempo ele e Ailton Lira aproveitaram e abriram a vantagem sobre a Ferroviária. Ainda no final do primeiro tempo, apenas andava pelo campo. No segundo implorava sua saída, e o técnico negava. Ajoelhava no campo, o massagista ia lá e o levantava. Ficou até o final.

Entretanto Careca teve ouvidos. Atribui a sua esposa Fátima o companheirismo a compreensão das ausências nos momentos das concentrações e a ajuda que o acompanham por esses dezenove anos de carreira profissional e quinze de casado. Também citou sua família, os pais, Ziza e Oliveira, e o irmão, Paulo, pelo apoio nas horas de dificuldade e a ajuda nos momentos que precisou. Maffia diz também que Fátima foi uma pessoa muito presente na vida do jogador. Relembrou as vezes em que saiam do estádio do Guarani, ele e Careca, e passavam na loja em que Fátima trabalhava, a 'Beco' no centro de Campinas, próxima à Escola Normal, àquela época. Ali também costumava tomar um chop com os companheiros e amigos e comer pastel, no 'Voga', ou um pão de queijo na 'Forno de Barro'

Outro a quem imputa merecimento é a Sérgio Jorge, ex-jornalista, seu amigo e procurador no Brasil. Segundo Careca, Sérgio foi quem desde o começo de sua carreira profissional cuidava de suas coisas, tais como, contas, compromissos, e seus interesses nos contratos. Renato Otranto também se referiu a Sérgio como alguém a ter grande influência no trabalho do jogador e mesmo em sua vida, como uma referência a ajudá-lo no seu modo de ser e atuar perante sua profissão, nos momentos difíceis.

Na primeira oportunidade em que teve, com o dinheiro que ganhou em seu trabalho, não pelo seu primeiro contrato, mais com a renovação e os prêmios durante o segundo contrato, Careca comprou uma casa e trouxe sua família para Campinas, em 1980. Mané disse que esta era uma das primeiras preocupações com a qual os garotos, na sua maioria, entravam e buscavam ao

almejem ser jogadores. Tirar suas famílias da condição em que viviam e dar uma guinada na vida.

Em 1982 casou-se com Fátima, com quem namorava desde 1976 entre os treinos, concentrações e as aulas no EESG. José Vila Gelin Neto. Naquela época, Careca também não poderia passar ileso pelo velho estigma da figura do jogador de futebol perante a família de suas pretendentes, como seu pai, Oliveira. Mas desta vez foi o irmão de Fátima enciumado e receoso dos destinos da irmã junto ao jogador de futebol.

Foi nesse ano também que o centroavante formou uma das maiores duplas de ataque que o Brasil já viu, com Jorge Mendonça, ainda no Guarani quando marcaram 38 gols. Careca com dezoito, no Brasileiro de 82.

Careca jogou pelo Guarani até 1983. No início do ano já estava praticamente acertado com um contrato junto a Inter de Milão, mas resolveu ficar por mais um tempo no Brasil, transferindo-se para o São Paulo. Assim os brasileiros não perderam a oportunidade de ver mais dezessete gols do jogador naquele ano, ficou atrás apenas de Serginho, como artilheiro, que fez vinte e dois pelo Santos, no Brasileiro.⁷¹

Foi na época de sua estada no São Paulo Futebol Clube que além da figura do jogador artilheiro Careca começa vivenciar sua relação com a representação de seu papel de pai. Primeiro com o nascimento de Aline, depois Elen e Tiago. A ausência pessoal, então, vem permear sua condição de pai. Os compromissos com viagens, jogos e campeonatos de que participa tornam restrito um acompanhamento muito pessoal do desenvolvimento de seus filhos. Nesse ponto comentou sua sorte em encontrar na esposa alguém que pudesse compreender e suprir sua falta. Mas também, considera a vida de jogador curta e que a insuficiência no presente pode ser

⁷¹ KLEIN, Marco Aurélio & Sérgio Alfredo Aldino. Almanaque do futebol Brasileiro, ed. Escala. São Paulo. 1996.

compensada por uma melhor condição de vida , tranquilidade e presença numa fase mais precoce de suas vidas.

No tricolor paulista viveu as muitas alegrias de dois campeonatos Paulistas conquistados em 1985, artilheiro com 23 gols, e 1987. E um brasileiro em 1986, também artilheiro com vinte e cinco gols. Além dos momentos de sintonia o qual vivia no ataque com os companheiros Renato ou o denominado time dos menudos; Müller, Silas, Sidney, ... e a torcida.

Sintonia que diz não ter sentido na sua relação com alguns dirigentes. Entre eles cita o, presidente na época, Carlos Miguel Aidar. Explicou que passou por um momento difícil quando ainda jogava no São Paulo e teve uma contusão no pé. Isso o teria afastado por cinco meses dos campos onde continuou recebendo seu salário normalmente. No instante de renovação de seu contrato o teriam cobrado. Então, afirmou ter restituído todos os salários pagos no período pois considerava que efetivamente não havia prestado o serviço. Mas, mais tarde, aí descreve:

“Também tive essa grande decepção, dos dirigentes

Não do São Paulo Futebol Clube. Dos dirigentes que atuavam naquela época.

Onde eu fiz um contrato de risco não recebendo mais nem um cruzeiro a mais do que o que ganhava mais no São Paulo que na época era o Dario ou Oscar, não me recordo.

Um contrato, que eu estava na seleção, né, recebendo praticamente a mesma coisa que eles ganhavam, é..., com o passe estipulado.

Eu pedi a eles que me dessem o passe de um milhão de dólares.

Eles falaram que era pouco, Um milhão e meio. Dois milhões.

Aí, ficou dois milhões de dólares.

Eles me deram esse documento.

Eu corri o risco, jogando toda a sorte em cima de mim.

Me dediquei a esse mundial. Arrebentei.

*Levei p'rá eles a proposta..., um documento que quitaria meu
passe por dois milhões de dólares.*

*Ele disse: não poderia me vender porque eu fui vice-artilheiro
no mundial. E, onde um vice-artilheiro custaria só dois
milhões de dólares.*

*Quer dizer, tinha um documento registrado no cartório e tudo e
não foi honrado essa coisa.*

*Eu, p'rá mim entrar numa briga em justiça envolveria aí
tempo, quase um ano - ficar parado.*

Aí começamos as discussões tentando chegar num acordo..

*E aí acabei indo p'ro Napoli, que era o que eu queria ir, por
dois milhões setecentos e pouco.*

*Realmente foi uma perda, não falo no lado financeiro - é claro
que realmente eu perdi. Mas em dignidade em lealdade ...*

Realmente não existiu..."

No Napoli, Itália, formou uma das melhores duplas de atacantes que o futebol já teve.



Careca & Diego Maradona

Foi campeão pelo time Italiano em 1990. À imprensa italiana atribui um grande profissionalismo por parte dos jornalistas onde o jogador é “muito cobrado”, mas também destaca a contrapartida da responsabilidade pelo que escreve. “Ele assina e, se erra, se retrata”. Dos campeonatos mundiais, na seleção brasileira, Careca participou de dois 1986 e 1990. Sem contar 1982, quando estava cotado para integrar a equipe como titular e compor o ataque com Serginho. Mas, uma contusão o impediu. Estavam na Espanha, alojados em Carmona, onde a quatro ou cinco dias antes do início do mundial teve um estiramento muscular. Além da decepção pela vontade de jogar, dois meses de trabalho perdidos, entre concentração, viagens, hotéis e a distância da família. Jogou sessenta e quatro partidas pela Seleção Brasileira e marcou trinta gols⁷²

No Napoli chegou em 1987, onde em vinte dias já se sentia mais integrado ao grupo, pela identificação, logo de início, com alguns jogadores “brincalhões”. Entre eles Maradona, o qual já conhecia desde o encerramento do mundial, no México em 86, por quem tem grande apreço e amizade. Lá ficou por seis anos onde alcançou grande sucesso e muitas conquistas junto ao time

⁷² PLACAR, Almanaque: Perfil dos ídolos, ed. Abril, multimídia. São Paulo. 1996

e como jogador. Lá, diz, foi onde o retorno financeiro o fizera consolidar a estabilidade e a boa situação que desfruta hoje.

A última parada como jogador antes de retornar ao Brasil foi no Kashiwa Reysol no Japão, para aonde foi em 1993 e onde permaneceu até o final de 1996. Lá ainda em 93, ao saldar uma dívida do time para com ele, comprou seu passe.

Sobre o jornalismo japonês considera muito amador em termos do esporte. Perguntado sobre o que achava sobre o jornalista exercer a concomitante função de empresário de jogadores de futebol, declarou: “é uma vergonha isso”. Disse, que, ainda no Japão, teve notícias sobre alguns jornalistas e até repórteres estarem atuando como empresários, ao mesmo tempo, até com poderes sobre o passe de jogadores. Acha que deveria haver uma interferência dos órgãos dirigentes do esporte.



Careca - o segundo na fileira posterior, ao lado esquerdo - e seus companheiros, jogadores do Kashiwa Reysol no Japão.

Mesmo estando no Japão seu nome esteve presente em jornais brasileiros onde foi citado por jornais tais como a Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo⁷³, além de outros.

Na Folha de São Paulo, em 1994 seu nome apareceu em trinta e cinco textos publicados no jornal. Já em 1995 constou em dezenove, em 1996 em três. E só em Janeiro de 1997, seis.

Já em O Estado de São Paulo em 1996, apareceu em doze. E, em janeiro de 1997 em três.

Careca atualmente está montando um centro de treinamento e de formação de jogadores e assinou um contrato de experiência de três meses com o time no qual sempre sonhou jogar, o Santos Futebol Clube.

⁷³ APÊNDICE - Relação dos textos da 'Folha de São Paulo' e o 'Estado de São Paulo' em que Careca é citado. Pág. 118 - 119

Conclusão - VI

O santo e seus milagres

“Santo de casa não faz milagre”. Foi a resposta do Sr. Oliveira, pai de Careca, à pergunta sobre o porque se valorizava tanto o jogador estrangeiro naquela época, nos grandes clubes. Sua resposta soou suficiente naquele instante. Entretanto, a metáfora me foi incômoda o bastante para tentar esclarecê-la. Longe do misticismo o qual possa denotar, sem que se desconsidere também o acaso, bem como, atento às posições nacionalistas ou bairristas que possam acobertar minha análise, tentarei interpretar alguns aspectos dessa relação. Principalmente no que diga respeito aos aspectos formadores da identidade do jogador e à ação educadora do jornalismo e da pedagogia ligada ao futebol.

Antes porém, cabe delimitar o entendimento dado à palavra jogador para evitar algumas restrições comuns a alguns profissionais, e o que é pior, ligados ao esporte, como jornalistas ou mesmo técnicos e professores de Educação Física. De Aurélio: jogador; S.m. aquele que joga por hábito, profissão ou vício; aquele que sabe jogar.

. A figura do jogador de futebol transita pelos espaços físicos e institucionais em que se definem com o processo de urbanização de nossos grandes centros. O clube, a escola, a família urbana, a imprensa de massa, etc.

É nesse espaço característico da cidade que Careca vivenciou sua relação com o fenômeno do futebol. Suas primeiras experiências com o esporte estão no contato com sua família e amigos de infância, como se viu. Ele reconhece em seu pai uma figura representativa na influência sobre a escolha pelo esporte.

Portanto, Sr. Oliveira foi referência importante para o que viria a ser seu filho como jogador. Entretanto, ele sempre viveu o paradoxo de ser um jogador profissional e amador ao mesmo tempo, como bem representam suas falas e trajetória de vida. Profissional no sentido que era reconhecido pela prática de sua atividade como algo que lhe possibilitasse uma remuneração, seja em salários, prêmios ou benefícios, e, a sobrevivência. Amador, no rótulo de sua atividade nos muitos lugares por onde jogou, pelo gosto e prazer com que exercia sua atividade.

O ponto de vista sobre o jogador de futebol daquele período já não era homogêneo em seus espaços. Em função da própria dinâmica de cada um. Os times de clubes, fábricas e fazendas do interior, com menos recursos que os da capital, valorizavam sua atividade no sentido de serem jogadores amadores. Os clubes da capital eram times onde se encontrava um maior número de profissionais. Mas, nestes, os jogadores estrangeiros eram os requisitados. Muito, pelo tipo de profissionalismo que se implantou no Brasil.

O profissionalismo brasileiro foi um dos últimos a se estabelecer, em relação aos países da América do Sul. A elite dirigente dos clubes na época não tinha o futebol como uma atividade voltada para o jogador profissional. Talvez como herança do próprio meio onde surgiu,

dos lazeres da burguesia. O regime adotado tinha assim o objetivo circunstancial de possibilitar a que o jogador estrangeiro, profissional no seu país, fosse reconhecido como tal, no Brasil.

Ainda a despeito do profissionalismo já ser uma realidade desde 1933, muitos jogadores preferiam jogar na condição de amadores. Principalmente em pequenos times. Assim, não ficariam amarrados ao clube e poderiam sair para uma grande equipe quando surgisse a oportunidade. A condição de profissional que se estabeleceu naquele momento foi uma importante conquista dos jogadores. Resultado do protesto de uns poucos jogadores, mais alguns dirigentes e jornalistas⁷⁴, que não se conformavam com suas condições. Mas, na prática a conquista ficou restrita àqueles que conseguiam chegar a um clube da capital, de grandes centros ou do exterior. Assim só uns poucos jogadores gozavam do legítimo direito.

O sindicato dos atletas profissionais, por exemplo, só veio a ser fundado em 1946, pelo então goleiro Caxambu. Mesmo assim não havia uma estrutura operante. Os direitos trabalhistas dados pela Consolidação das Leis do Trabalho, C.L.T, surgiu só em 1943 com o Estado Novo. Porém, permeada de imperfeições e em nada protegia o próprio operário⁷⁵. Muito menos o jogador, cuja regulamentação da profissão ficou atrelada às entidades representativas do desporto⁷⁶, aos dirigentes de clubes. Ela só se deu em 1976 com a lei 6.354, a chamada 'Lei do Passe'. E, ainda assim, ficou preso ao clube.

⁷⁴ Os presidentes Antônio Gomes de Avelar, do América Futebol Clube, Oscar da Costa, do Fluminense Futebol Clube, Ari Franco, do Bangu Atlético Clube e Manuel Joaquim Pereira Ramos, do Clube de Regatas Vasco da Gama, os jornalistas João Teixeira de Carvalho, do "Jornal do Commercio", Pires de Lopes, do Jornal dos Sports" e José da Silva Rocha, de "O Imparcial", do Rio de Janeiro e Paulo Várzea de São Paulo, os escritores, Graciliano Ramos e Gilberto Freyre. Idem N- 18 - pg. 77

⁷⁵ CALDAS, Waldenir. Pontapé Inicial: memória do futebol Brasileiro, ed. Ibrasa. São Paulo, 1990. Pg.73

⁷⁶ Primeiro C.B.D. Confederação Brasileira de desportos, e depois ao C.N.D., Conselho Nacional de Desportos.

Já, os clubes lucravam⁷⁷ pois justificavam os aumentos de preços da entrada nos estádios e campos. E com o contrato ganhavam a garantia sobre a permanência do jogador durante o desvendar da temporada. Nem sobre o passe, dinheiro da venda de um jogador a outro clube, o jogador se beneficiava. Não havia obrigatoriedade em repassar uma parcela do dinheiro de sua própria venda ao jogador. As luvas, dinheiro que recebia como prêmio, o clube dava se quisesse, conforme o interesse. Ademais, o futebol tornava-se cada dia mais popular. E o seria muito mais com a chegada das transmissões esportivas pelo rádio. A primeira deu-se em 1931.⁷⁸

A vida nômade do Sr. Oliveira esbarrou, assim, com mais uma dificuldade, que em maior ou menor escala dependia da forma de organização a que o futebol tivesse. Esta talvez tenha contribuído, ainda que indiretamente, para exacerbar algumas representações associadas as características de seu trabalho, principalmente considerando-o uma sociedade baseada na fixação do ser ao seu lugar de trabalho. Ou, melhor dizendo, preconceitos: os de inconstante, instável, despojado e descomprometido. Além disso, soma-se o caráter voluntarista dos prêmios dados pelos dirigentes, como o caminhão dado a Julinho, motorista, que jogava futebol. Ao jogador sugere o benemérito de ocasião, e ao dirigente o beneficente, paternalista. Ampliando-se, ainda, se, desse modo, estampado no jornal. Mas, ele era amador ainda, estava justificado.

Sob o rótulo profissional, o salário até que era maior e os compromissos com os clubes mais duradouros, mas as circunstâncias do jogador pareciam não alterarem sua imagem. Distante dos tempos de seus, conterrâneos ascendentes, imigrantes portugueses pobres, fadistas e lisboetas do jogo da capoeira, persistia a figura da malandragem, agora no futebol, e seu jogador “manjado”, como disse o Sr. Antônio.

⁷⁷ Idem, 22

⁷⁸ SOARES, Edileuza. A Bola No Ar: O Rádio esportivo em São Paulo

É com essa herança de figura de jogador que Careca começa conviver. Mas, apesar da vida do jogador não ter mudado muito desde a popularização do futebol até seus dias, seu ambiente é muito diferente. Seus primeiros contatos com o jogo não se fazem só nos campos, terrenos vazios ou no clube, como nos tempos de seu pai. Seu tempo se faz com a presença do rádio, da televisão das telecomunicações, capazes de projetar suas imagens e notícias aos mais diferentes lugares. O mundo do futebol do jogador Careca é um mundo novo. Assim como o palhaço de circo de seus primeiros anos. Não mais sujo mau cheiroso, resignado, dentro do circo-família⁷⁹ e do picadeiro onde se ia assisti-lo. Agora, aseado, limpo, ágil, preservador da moral e dos bons costumes, que, não leva desaforo de seu clown e se encontra no rádio, na vitrola e na T.V.

Além da família, da escola, do clube, a cuidar da educação, trazer o saber e a informação, os meios de comunicação vão ajudar a compor a imagem ou as imagens do que seja o jogador de futebol. Assim como a do palhaço. Quem sabe não seria ele ter influenciado, através do caráter educativo da TV⁸⁰, o bom menino Careca, com suas molecagens e palhaçadas das quais sempre gostou?

Na escola, em Araraquara, ainda no primário, agora, fundamental, seu diploma de campeão de futebol de salão sugere que a representação do jogador adotada pela instituição se

⁷⁹ O circo-família é a expressão, usada por Ermínia Silva em sua tese de mestrado, que caracteriza o ambiente e a atuação dos integrantes do circo frente as responsabilidades para com as tarefas no mesmo. Nele a atuação do palhaço, assim como a dos outros integrantes, não era restrita ao momento de sua apresentação no espetáculo. O modo de suas interações dentro do circo se diferenciava pela solidariedade e participação na execução das tarefas na vida diária de todo o grupo. A responsabilidade pelo bom andamento do espetáculo sem si dependia sobretudo da boa execução de suas responsabilidades fora das apresentações ao público. SILVA, Ermínia. O Circo: sua arte e seus saberes; o circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX. TESE para obtenção de grau de mestrado/ UNICAMP/ Si.38c, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas. S.P. - 1996

⁸⁰ MELO, José Marques de. Comunicação: Direito à Informação, ed. Papyrus. Campinas - SP. 1986.

dava pelo viés do rendimento e da obediência às regras do jogo. Estas, pré-estabelecidas externamente pela organizadores dos jogos escolares. É preciso verificar também se as aulas de educação física regulares obedeciam as mesmas determinações, metodologia e características.

A escola de Campinas, a E.E.S.G José Vila Gelin Neto, tinha e ainda tem, pelo que demonstrou sua diretora, este mesmo ângulo de abordagem sobre o jogador. Coincidência ou não, é igual a do clube. Tanto que os jogadores do Guarani os quais estudam na escola, em sua maioria, são dispensados das aulas de Educação Física, disciplina que tem por um dos seus conteúdos o esporte. Isto indica, sobretudo, que as escolas, pelas quais passou o jogador, têm uma mesma concepção na abordagem sobre o trabalho a ser realizado com sua clientela ou melhor a irresponsabilidade de querer se livrar da mesma. Ao menos em relação ao conteúdo do futebol.

Isso contradiz, atualmente, com as próprias determinações do Ministério Extraordinário dos Esportes e do INDESP, Instituto Nacional de Desenvolvimento dos Desportos, que faz a distinção entre desporto de rendimento, desporto educacional, Desporto de participação e o de criação Nacional. Significa dizer que a visão da escola sobre o jogador de futebol é a do desportista de rendimento. Desse modo ela reconhece no jogador apenas seu caráter utilitário e prático, e não o do saber que se tenha sobre ele, eixo fundamental da instituição escolar. Saber sobre seu mercado profissional, sobre as diferentes finalidades de suas ações práticas, as representações que traz para o país e sobre os direitos e deveres específicos do jogador frente ao esporte e sua organização, o cidadão.

Mostra também não haver sintonia entre a escola e a própria comunidade de seus estudantes frente à utilidade prática de seus saberes disseminados. Não há um planejamento

estratégico, específico de trabalho, para atender o grupo de alunos dos dois times matriculados na escola em relação às suas necessidades diante do futebol.

Há alguns aspectos a abranger o estudo sobre o futebol na escola, como aponta o Coletivo de autores.⁸¹

- *“o futebol enquanto jogo com suas normas, regras, e exigências físicas técnicas e táticas;*
- *o futebol enquanto espetáculo esportivo*
- *o futebol enquanto processo de trabalho que se diversifica e gera mercados específicos de atuação profissional;*
- *o futebol enquanto jogo popularmente praticado;*
- *o futebol enquanto fenômeno cultural que inebria milhões e milhões de pessoas em todo mundo e, em especial, no Brasil.”*

No clube a figura do jogador é colocada sob a condição de profissional ou amador. Entretanto cabe esclarecer o significado do que essa adjetivação encerra, principalmente no tocante ao termo amador. Para Aurélio Buarque Holanda Ferreira⁸²:

- Em relação à pessoa; *“Diz-se daquele que se dedica a uma arte ou ofício por prazer, sem fazer destes um meio de vida.”*
- Em relação ao trabalho; *“Diz-se da arte ou ofício praticada por amadores.”*

⁸¹COLETIVO DE AUTORES - Metodologia do Ensino de Educação Física., ed. Cortez. São Paulo. 1992

⁸² FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da Língua Portuguesa, ed. Nova Fronteira multimídia. Rio de Janeiro - RJ. 1996

Careca, à semelhança de seu pai, transitou pela dubiedade da condição de amador/profissional durante seus primeiros anos no Guarani. Essa imprecisão se encerra por uma profissionalização mascarada de amadorismo. Apesar de sua morada no clube estar vinculada ao Departamento de futebol amador, a organização do trabalho, a metodologia de treinamento e a cobrança do clube descaracterizavam essa essência de sua condição amadora. E ainda descaracteriza pois não mudou.

O jogador, na sua condição formal de amador, era constantemente avaliado pelo clube nos vários aspectos de sua performance. Física, técnica e comportamental. Recebia uma ajuda de custo vinculada aos aspectos comportamentais de suas ações dentro do clube. Por ela podia ser penalizado com uma multa pelo não cumprimento de um preenchimento de ficha biométrica de sua avaliação técnica, por exemplo. Do dinheiro que pagava, ainda que restituído para o grupo, não o faziam integralmente.

Ainda que seja uma boa estratégia para se passar noções de responsabilidade para o grupo, essencial para um esporte coletivo, implica uma coerção pela maneira, os propósitos e objetivos como é colocado. Os atletas, como comentou Careca, não tinham oportunidade de participar da feitura dos regulamentos, “só em relação a alguns valores, frisou”. Descaracteriza-se assim seu caráter voluntário e de prazer, da essência amadorística. Tanto que ele não gostava dos treinamentos sem bola.

Soma-se a isso a evolução implícita na tecnologia do treinamento esportivo. É um outro fator a se destacar sobre as figuras do jogador. Careca é considerado um jogador-técnico como atestam os próprios jornais e revistas⁸³. Sua entrada no clube alvi-verde coincide também com aplicação de um trabalho de condicionamento físico de ampliação das capacidades de força.

⁸³ PLACAR. Almanaque do Futebol, multimídia: Perfil dos ídolos. Ed. Abril. São Paulo. 1996

Caracterizado pela chegada da máquina de musculação e os treinamentos com cargas executados por Mané.

Pois é nesse período que se verifica um maior acirramento entre as representações do futebol força e o futebol arte, que ainda gera muitas discussões. Mané, inclusive, cita uma passagem de Careca em que o viam com certa desconfiança para o futebol por ser muito magrinho. Aí se vê que havia também uma cobrança sobre o biotipo do jogador de futebol. Com o denominado futebol 'força' chega também uma nova forma de concepção sobre o que seja um corpo eficiente, hábil e apto para jogar futebol. Modo de entender que extrapola a simples imagem figurativa do jogador. Passa a ser uma exigência de uma pessoa jovem e forte. Uma fase mais propícia à aceitar as adaptações constantes ao esforço físico por uma maior plasticidade das estruturas físicas. Disso surge toda uma tendência de encarar a habilidade pela força do seu jogador. O que pode representar também a imposição pela força. Em muitos lugares, a arbitrariedade.

Maffia vê no futebol "força" e na forma truculenta da ação de seu jogador a representação do "gladiador", como colocou. Cita inclusive as expressões de Brandão, ex-técnico do selecionado nacional, do "chega junto". Ele indicou o episódio de uma visita, no Fluminense, de técnicos alemães em comitiva, após a vitória do Brasil na copa de 1958, no Rio de Janeiro. Segundo ele, para entender como se dava a formação do jogador futebol brasileiro e o que lhe proporcionava a grande habilidade.

Mas, comentou haver uma recíproca propensão brasileira de se apoiar nos modelos vindos do exterior. Um ponto a se verificar é se houve influência do tipo de escola de jogadores trazido por Jaime Silva do Rio de Janeiro pelo método ginástico alemão.

Contudo é nesse sentido que as novas tecnologias associadas à formação do jogador de futebol trazem muitas exigências implícitas em sua aplicação. A própria evolução na denominação das funções do jogador de futebol traz uma nova concepção sobre o seu trabalho. O emprego de “ala”, “volante”, “líbero” trazem em si a representação de um trabalho específico de condicionamento para a função. Os aplicativos de Maffia.

A mudança de Careca da meia-direita para centroavante exemplifica bem que as influências dos pequenos detalhes de concepção sobre a função do ‘jogador’ encerraram caminhos muito maiores sobre o destino de sua vida. Se não se adaptasse seria revelado como ‘Jogador’?. Mais que um simples jogo de estar em posições, o futebol, guarda caminhos de vida em suas pequenas exigências e denominações. E das pequenas exigências colocadas quando ainda era um garoto percebe-se muita distância de um mero amadorismo.

No entanto, para o jornal campineiro, a presença do jogador de Araraquara em suas páginas, começou em 1977, quando ainda era amador. Neste ano seu nome figurou no dia quatorze de agosto de 1977, numa reportagem⁸⁴ em que Mané, preparador físico, o citou como uma promessa para o futebol. Depois, só a partir de janeiro de 1978 ele começou a ter maior presença no periódico. Sua permanência veio quando do sobe e desce de sua participação no time de profissionais, conforme ficou claro nos cinquenta e nove textos jornalísticos analisados sobre a temporada do brasileiro de 1978. Neles, até o mês de agosto, apareceu em vinte e seis matérias. Um acréscimo considerável em relação ao ano anterior. Interessante notar que os jornais das pequenas cidades costumam fazer reportagens sobre seus times das categorias menores: dente de leite, infantil. Do álbum dos pais de Careca constavam reportagens dessas categorias inclusive com o seu primeiro orientador.

⁸⁴ CORREIO POPULAR. “Moleque Promete Travessuras: Trabalho Pioneiro para os amadores bugrinos”, 14/08/77.



Zé Alemão- o primeiro orientador - no Colorado de Araguara
Careca- o terceiro da esquerda da para direita, agachado.

. O que se pode notar sobre a presença do jogador nas páginas do jornal é que ele só começa a existir quando é um profissional. Além disso, nas suas participações, nos primeiros amistosos no time principal, ele surge sem um passado.

Sobre o Careca, do ano e pouco no qual participou de uma série de jogos e torneios pelo clube não se comentou uma linha de sua atuação Progressa.

Da vida de jogador no clube, apenas uma menção, “mais um valor”. É o modo como se referiam também, os diretores do clube, sobre os garotos que observavam em outros times, nas viagens junto a delegação dos juvenis.

Odair comentou que havia uma preocupação em acompanhar a vida dos atletas amadores do clube. No entanto ficava restrita a alguns, que vinham se destacando. Renato Otranto foi outro a comentar o assédio do jornalista. Afirmou ser ele, geralmente, a ir atrás do jogador que se destaca. Já, José Luís Fanelli, jogador, explicou, quando perguntado se os meninos procuravam se espelhar em ídolos quando estavam começando suas vidas no clube:

“Tinha, tinha, na época em que eu tava lá, no Guarani, era o...

Porque era em 88 era o João Paulo. Tava naquela forma dele, né.

Puxa, a molecada lá adorava ele.

A gente, às vezes, até parava, acabava nosso treino, a gente ia ver o João Paulo treiná, porque é ..., nego habilidoso, bonito de ver o futebol deles.

O Evair, que era na época, centroavante. O próprio Neto.

A gente tem que... a gente fica empolgado, né. O cara tá ali.

Depois, daí, vem...

Começa a vir a mídia encima do jogador. Sai no jornal, sai numa revista.

Então a gente fica naquela ilusão: Imagina se um dia acontece isso com a gente.

A gente ficava até discutindo,."

P: E vocês têm contato com jornalistas? O jogador quando começa no amador, começa a se despontar..? (interrompeu)

Isso, falou bem. Quando o jogador começa a se destacar!

Porque o jogador que não está se destacando, ninguém chega, ninguém dá uma força.

Mais o jogador que tá ali, a estrela do time.

Nossa! Aí vem.

Vem jornalista, vem, um monte de gente, vem...de diretor.

Tudo ali, apalpando o garoto, entendeu. Sempre deixando... paparicando, né.

P: E essa participação extrapola...? (Interrompeu)

Então, às vezes extrapola o jogador, porque,.... Ele fala assim.

E, às vezes o garoto tem dezesseis, dezessete anos

Jornalista tirando foto, saindo num jornal, numa revista!

A cabeça dele fica... Se não tiver cabeça ali na hora.

Se não tiver um paisão", por trás, ou alguém que mexa com o garoto - vem senta com o garoto, pega e fala, ó...

Você tá bém, mas.. é isso., é isso e.... Sentar e conversar.

Se não tiver isso aí. Aí que o jogador acaba se descambando p'ro..., p'rá farra.

Jogador depois só quer... você pode ver que, às vezes, o jogador nem vinga.

Com dezesseis, dezessete anos, acaba ali mesmo. Só joga uma temporada e pronto acabou. Entendeu.

Aí que vem. Aí que eu acho que o clube tem que vir com a estrutura do clube.

Só que o clube quer tanto que o garoto suba. Aí que tem que insistir mais, mesmo, na parte psicológica dele, entendeu

Eu acho que tem que chegar e...

É isso que falta em todos os clubes e falta muito, principalmente no Guarani.

R: O Guarani tem um psicólogo que trabalha com...(interrompeu)

Mas, você já notou que tem vários moleques que se destacaram e não foram p'rá frente, lá.

Que foram promessa e...

Assim, essa postura do jornal frente ao jogador se coaduna com a visão do clube sobre o mesmo, é praticamente a mesma. Mas, cabe perguntar se os papéis sociais das duas instituições são idênticos. E, se cabe ao jornal ver a função do jogador, do futebol, apenas pelo vértice da matéria prima voltada para o resultado, para o espetáculo, inscrito no profissional. Seria o jornal uma extensão do clube? Tal como, a escola?

É necessário um esforço do jornal em democratizar a voz reclamante de seu jogador, não só o profissional. Nesse ponto vale algumas indicações⁸⁵ como a do jornalista Alberto Dines apoiadas em Schramm:

“O bem estar é tarefa coletiva, a empreitada da civilização deve absorver a todos, não pode ser imposta de cima para baixo. O desenvolvimento acontece em todas as direções e níveis e não, apenas, nas salas dos economistas. Um cidadão, ao perceber que também está participando do desenvolvimento do país, está integrado no processo. Aquele que apenas usufrui, sem noção de uma contribuição e, por isto, sem a responsabilidade da participação, é um parasita do progresso, predador da evolução. A diferença entre um e outro é fornecida pela comunicação aberta e plena.

Não adianta focalizar apenas obras grandiosas, mas sim, os problemas que as geraram. A propagação dos feitos monumentais tende a acomodar a comunidade, paternizá-la e

⁸⁵ DINES, Alberto. O papel do Jornal, ed. Summus. São Paulo - SP. 1986. Pg. 126.

impedir seu ímpeto criador. Uma corajosa menção aos problemas e às suas causas explicará os programas empreendidos para saná-los e levará a sociedade a uma parceria construtiva. Este é um dos principais defeitos da hipercomunicação que atacou os administradores brasileiros: numa típica situação de bumerangue, foram enganados pelos próprios efeitos dos feitos.”

A restrição da comunicação elaborada nos gabinetes é um outro ponto que se tornou peculiar na análise dos textos. A relação entre a diretoria do clube e o jornal aparecem muito estreitas ao longo do desenvolvimento do campeonato. Tal como, no episódio da expansão do estádio do Guarani e seus propósitos⁸⁶. Há uma influência praticamente direta do clube na pauta do jornal e no sentido de sua matéria, caracterizada pela visita da diretoria do clube à redação do jornal. Dias depois o acontecimento está em grande destaque no periódico. Isso também se verifica em relação aos planos do técnico nos momentos em que a reportagem, teoricamente informativa, se coloca a defender seus interesses frente aos da torcida, do público leitor⁸⁷, da sociedade.

Entretanto há que considerar, também, as limitações às quais o jornalista está sujeito em sua rotina de trabalho. Odair, designou ao jornalismo esportivo a particularidade da competição entre os times, onde, as informações são muito difíceis de se conseguir, pois existe a questão estratégica em ocultá-las de seu concorrente. Além disso, citou o caso do jornalista Ariovaldo

⁸⁶ A reportagem “Guarani parte para outra grande e sensacional arrancada” - 04/05/78

⁸⁷ Algumas reportagens de gênero dúbio - informativo/ opinativo tais como as “Michel : estamos no caminho certo” - 20/01/78 ; “Não façam ondas. Deixem-nos trabalhar”. - 01/04/78; Fruto de um trabalho consciente” - 04/04/78 - Primeiro amistoso será em Maringá - 26/01/78.

Izac⁸⁸. Disse, que e o jornalista chegou a sofrer a perseguição de uma suposta torcida da Ponte Preta. O episódio ocorreu depois que publicou algumas matérias de cunho investigativo sobre a data de fundação do clube alvi-negro.

Se referiu, também, a uma advertência a que recebeu depois de publicar uma matéria aludindo críticas ao clube. Disse ter o presidente do clube, à época, telefonado à redação do jornal reclamando a seus superiores.

Ainda, entre elas, acrescentou a do salário do repórter que na maioria das vezes é insignificante diante do que vem a ganhar um, até jovem, jogador. E que somado ao, em regra, “baixo nível cultural do jogador”, o dificultaria entender sua própria realidade e condição social. Com isso, afirmou haver uma predisposição a que leva o repórter a se sujeitar a algumas situações. Entre elas, citou recebimento de presentes (o jabá, na linguagem jornalística) e a concomitante facilitação (usando um eufemismo) da informação pelo repórter. Nesse sentido se diz desgostoso com os caminhos do jornalismo diário, o que, o teria levado a abandoná-lo.

A chegada de Careca ao Guarani se deu num momento ainda incipiente para o patrocínio. Mas, como falou o próprio jogador “sempre existiu”. Desde os tempos do jogador-operário, pago pela fábrica como um empregado, mas que jogava futebol, ele já se configurava. Mas na medida em que a evolução tecnológica nos seus vários setores evoluiu, como já mencionado, o conveniente patrocínio também se modificou. Na década de setenta a figura do

⁸⁸ Em entrevista com Ariovaldo ele confirmou o episódio e acrescentou o fato de ter recebido ameaças à sua família como efeito das descobertas colocadas em uma série de matérias (nota 15, pág. 14) de sua autoria. Desse modo, sentiu-se obrigado a não tocar mais no assunto. Um pouco decepcionado com a situação de sua profissão, aconselha aos novos integrantes a seguirem os destinos do Marketing.

garoto-propaganda, antes mais restrito ao ambiente externo das quatro linhas divisórias do gramado, tais como Gerson, Pelé⁸⁹ e seus comerciais para TV, vieram assumir nova posição.

Porém, hoje, decorre também a figura do jogador-garoto-propaganda. Nela a propaganda não se distingue mais do espaço principal de ação do jogador, da execução de seu trabalho. Ele tornou muito mais complexa a relação e o entendimento entre a figura do jogador, do cidadão e a do ídolo. Os vínculos entre as várias imagens vão se entrelaçar nos vários momentos e espaços da individualidade, da pessoa. Desse modo, embora Careca estivesse morando no exterior, ficou-nos sua representação de jogador, através das lembranças de seus feitos, colocados nas jogadas, nos gols, nos momentos difíceis de sua contusão e quase ida à seleção. Continuou presente nos jornais, vídeos, T.Vs. , cartazes e revistas de nossas cidades. Chegou até a escrever um artigo⁹⁰ para o jornal falando sobre A Copa São Paulo de futebol Juniores. Atribuiu a ela um momento oportuno para a revelação do jogador de futebol.

É a figura do ídolo que o coloca próximo ao status das estrelas de cinema⁹¹. Careca mesmo não jogando bola no Brasil, sem produzir seu trabalho em nossos gramados esteve sempre presente na sua extensa representação de jogador. Nela abrem-se variados espaços a serem preenchidos dos mais diferentes modos. Desde uma simples marca de biscoito, até uma determinada forma de comportamento. Assim como Dolly, cuja representação deixou de ser a simples condição de ovelha.

⁸⁹ Odair Alonso no seu artigo "O futebol pode vender tudo até suas camisas" publicado no jornal, O Estado de São Paulo em 24/04/77 já mencionava a participação dos dois jogadores nos comerciais de T.V. no início da década de 70.

⁹⁰ FOLHA DE SÃO PAULO. "Copa SP traz armadilha para novato" autor, Careca - 05/01/96. Pg. 4.2

⁹¹ "A influência das estrelas também não se limita ao público de cinema. Através da imprensa, do rádio e de mimetismos em cadeia, ela resplandece sobre o mundo, sobretudo a estrela hollywoodiana. A estrela oferece e comercializa um "saber ser", um "saber amar", "um saber viver". MORIN, Edgar. As Estrelas: mito e sedução no cinema, ed. José Olympio. Rio de Janeiro. 1989. Pg. 105.

A 'vitrine' é outra referência que tomou conta do cenário esportivo brasileiro contemporâneo, especialmente no futebol. Prega-se a apologia da vidraça para se separar os corpos dos homens de gabinetes dos do aquário de despojados. Espaço em que os mídia e a atuação do jornalismo esportivo tornam-se fundamentais. Lente pela qual o índice de refração aumenta proporcionalmente às diferenças de densidades dos meios os quais separa. Alimenta-se, desse modo, o paradoxo e a dicotomia dos nossos dois Brasis. O rico e o pobre.

Foi assim também, que fez-se da proposta de oferecer estudo aos atletas que não tinham condição um atrativo a se somar ao sonho de oportunidade de ascensão social. De início, talvez, apoiada nas boas intenções de suprir uma falta maior de nossa sociedade. Mas que hoje indicam revestir-se do assistencialismo associado a estratégias de marketing institucional dos clubes, associações e federações. Destinadas prioritariamente a atraírem determinada clientela a seus serviços e quadros, jovens garotos despojados de suas condições próprias de desenvolvimento e autonomia. A agregarem valor a seus produtos e trabalho: o jogador, o espetáculo e a função do clube como fomentadores educacionais, e sociais; e dinamizarem um mercado específico: o do entretenimento bom e útil baseado predominantemente no critério da geração da riqueza econômica. Fato esse que se agrava até pela descontinuidade do jornal na cobertura das ações políticas ligadas a esportes⁹².

O universo que faz o futebol - principalmente o clube, a escola, e os mídia - tornaram homogêneo este espaço, que aspira à democracia. Mas, a homogeneidade de seu tratamento, o consenso, a visão una dentro do espaço democrático fazem da expressão peça de retórica. Assim, se abre ao oportunista, ao aproveitador de momento.

Com isso, o resultado é permanecer intacto o vácuo que se estabeleceu no Brasil desde sua colonização. Uma divisão social injusta, retratada e alimentada por várias de nossas instituições que se perderam em seus papéis, propósitos e no tempo, pois não acompanharam nem as aspirações da sociedade da qual participa.

Alguns jogadores que iniciaram suas Carreiras no Guarani, além de Careca.

Amaral; Washington; Júlio César da Silva; Evair Aparecido Paulino; João Paulo; Ricardo Rocha; Gil Baiano; Mauro Silva; Neto; Amoroso; Luizão; Renato.

⁹² Um exemplo foi a campanha "Adote um Atleta" divulgada no dia de seu lançamento pelo jornal em uma grande reportagem e esquecida após o evento, no acompanhamento de seus resultados. CORREIO POPULAR - "Iniciada a campanha 'Adote um Atleta'" - 19/02/78

Apêndice

Guarani - Jogos do Campeonato Brasileiro - 1978

Data	Partida	Rodada	Fase	Grupo	Gols	Elenco Campeão		
						Nome	jogos	gols
26/03/78	Guarani 1 x Vasco 3	1	1	D	Miranda - G: Roberto Dinamite (3) - V	Neneca	28	
29/03/78	Guarani 2 x Bahia 1	2	1	D	Zenon e Macedo - G: Osni - B	João Roberto	3	
06/04/78	Guarani 2 x CSA-AL 0	4	1	D	Zenon e Capitão - G	Édson	30	
09/04/78	Vitória-BA 0 x Guarani 0	5	1	D		Mauro	29	2
12/04/78	CRB-AL 1 x Guarani 1	6	1	D	Silva - CRB: Macedo - Guarani	Miranda	27	5
16/04/78	Sergipe 0 X Guarani 0	7	1	D		Gomes	22	1
20/04/78	Guarani 5 x Confiança-SE 0	9	1	D	Miranda (2), Capitão, Careca e Gersinho	Silveira	12	
23/04/78	Guarani 2 x Ponte Preta 1	9	1	D	Careca (2) - G: Ponte Preta - Lúcio	Alexandre	11	
30/04/78	Guarani 7 x Itabuna-BA 0	11	1	D	Renato (3), Careca (2) , Capitão e Bozó	Cuca	5	
10/05/78	Volta Redonda-RJ 2 x Guarani 0	14	1	D	Carlinhos e Té - V	Odair	2	
14/05/78	Botafogo-RJ 1 x Guarani 1	15	1	D	Cremilson - B: Zenon - G	Renato	31	10
21/05/78	Guarani 1 x São Paulo 1	1	2	J	Zenon - G: Getúlio - SP	Zé Carlos	28	
24/05/78	Brasília-DF 0 x Guarani 3	2	2	J	Renato (2), Bozó - G	Zenon	26	13
27/05/78	Remo 5 x Guarani 1	3	2	J	Bira (5) - R : Careca - G	Manguinha	15	
04/06/78	Guarani 3 x Caxias-RS 0	5	2	J	Renato (2) e Mauro - G	Gersinho	13	1
07/06/78	Vasco 2 x Guarani 2	6	2	J	Zanata e Paulinho - V : Careca (2) - G	Antônio Carlos	1	
20/06/78	Guarani 0 x Coritiba 0	10	2	J		Tadeu	1	
24/06/78	Guarani 2 x Villa Nova-MG	11	2	J	Careca (2) - G	Capitão	28	6
20/07/78	Internacional 0 x Guarani 3	1	3	Q	Renato, Bozó, Zenon - G	Careca	27	13
05/07/78	Goiás 1 x Guarani 1	2	3	Q	Marco Antônio - Goiás : Careca - G	Macedo	22	2
08/07/78	Guarani 2 x Santos 1	3	3	Q	Mauro e Zenon - G : Juari - S	Bozó	20	3
12/07/78	Guarani 1 x Botafogo-PB 0	4	3	Q	Careca - G	Adriano	11	
16/07/78	Guarani 3 x Goytacaz-RJ 0	5	3	Q	Zenon (2) e Gomes - G	João Carlos	3	
19/07/78	Guarani 1 x Botafogo-RJ 0	6	3	Q	Zenon - G	Claudinho	1	
22/07/78	Londrina 0 x Guarani 1	7	3	Q	Miranda - G			
26/07/78	Sport 0 x Guarani 2	i	4		Zenon e Capitão - G	Total		56
30/07/78	Guarani 4 x Sport 0	v	4		Capitão (2), Miranda, Renato - G	<p>Técnico: Carlos Alberto Silva</p> <p>Preparador Físico Hélio Maffia</p>		
02/08/78	Guarani 2 X Vasco 0	i	S		Orlando - vasco (contra) e Renato			
06/08/78	Vasco 1 X Guarani 2	v	S		Dirceu - V : Zenon (2)			
10/08/78	Palmeiras 0 x Guarani 1	i	F		Zenon - G			
13/08/78	Guarani 1 x Palmeiras 0	v	F		Careca			
Total								
31	partidas realizadas							

Fonte: Klein, Marco Aurélio; AUDININO, Sérgio Alfredo. Almanaque do Futebol Brasileiro & Almanaque Placar Multimídia, ed. Abr.

Apêndice
Reportagens: Correio Popular

Data	Lead	assunto
05/01/77	Futebol	conjuntura
14/08/77	"Moleque" promete travessuras	futebol amador
07/01/78	A bagagem e promessas do novo técnico	comissão técnica
17/01/78	Jornalismo: Para eles a salvação	jornalismo
20/01/78	Michel: Estamos no caminho certo	comissão técnica
21/01/78	Está nascendo o novo Guarani (Caricatura)	futebol amador
21/01/78	Técnico participa de decisões	comissão técnica
22/01/78	Uma longa maratona encerrou semana	Ponte
24/01/78	Está difícil a reforma de Zenon	contrato
26/01/78	Primeiro Amistoso será em Maringá	contrato
31/01/78	"Caso" Zenon continua na estaca zero	contrato
04/02/78	Excursão antes do dia 19	excursão
09/02/78	Ainda faltam os reforços	reforços
11/02/78	Um apelo à "torcida"	rumores
14/02/78	Centroavante pode vir do Uruguai	reforços
15/02/78	Guarani segue a cata de reforços: Nelsinho e Samuel os visados	reforços
19/02/78	Iniciada a campanha 'Adote um Atleta'	política
21/02/78	Vitória Justa: 1 X 0	jogo
22/02/78	Contra o Dom Bosco em Cuiabá	preleção
23/02/78	Neste jogo teste e experiências	preleção
24/02/78	Empate do Guarani em Cuiabá: 2 X 2	jogo
25/02/78	Operário será esta noite	preleção
26/02/78	Novo empate. Desta vez de 0 a 0	jogo
28/02/78	Vinda de Edu pode melar.	reforços
02/03/78	Hoje ponto final no "caso" Edu	reforços
05/03/78	Pedette estréia contra o Santos	reforços
18/03/78	Hoje outro amistoso	preleção

Fonte: Arquivo do Jornal Correio Popular.

Apêndice
Reportagens do Jornal Correio Popular

Data	Lead	assunto
24/03/78	Time será escalado amanhã	preleção
26/03/78	Bozó - É o ponteiro-esquerdo contratado pelo Guarani.	reforços
28/03/78	Tomou uma sapecada na estréia: 3 X 1.	jogo
29/03/78	Carlos Alberto aprovou as contratações	reforços
31/03/78	Guarani: foi uma Vitória...	jogo
01/04/78	Não Façam ondas. deixem-nos trabalhar.	rumores
04/04/78	Fruto de um trabalho consciente	elogios
06/04/78	O melhor time para receber o Alagoano	preleção
07/04/78	Alagoano foi batido por 2 X 0	jogo
07/04/78	Seleção tem três novos titulares	conjuntura
11/04/78	Guarani Não Mereceu mais do que o empate	jogo
16/04/78	Bugre tenta hoje vencer o Sergipe	preleção
21/04/78	Finalmente 3 Pontos	jogo
23/04/78	Derbi: a maior emoção de duas torcidas	preleção
28/04/78	Time não será alterado	comissão técnica
02/05/78	Guarani não perdeu; Itabuna massacrado	jogo
04/05/78	Guarani parte para outra grande e sensacional arrancada	política
06/05/78	Os candidatos que se habilitem	comissão técnica
09/05/78	Careca e Miranda serão julgados hoje	comportamento
12/05/78	O tabu do Maracanã	preleção
16/05/78	Amizade do Elenco levou o Guarani à classificação	comportamento
18/05/78	Um bom coletivo do Guarani e o destaque: Careca	contusões
06/06/78	Renato e Careca: eles fazem a alegria da torcida	Jogador
08/06/78	Reação do bugre valeu empate.	Jogo
11/06/78	Ladeira: Este homem revelou Mauro, Miranda, Renato. Careca. E ainda vem muito mais.	futebol amador
16/06/78	Foto: Careca e Renato foram os melhores do treino técnico de ontem no Brinco	Jogador
18/06/78	Dito Brás: História, drama e o sonho de ver o Guarani campeão	personagens

Fonte: arquivo do Jornal Correio Popular

Apêndice
Reportagens: Correio Popular

Data	Lead	assunto
21/06/78	Empate de jogo no Brinco: 0 X 0	jogo
23/06/78	Guarani Muda o Time	contusões
05/08/78	Fantoni não sabe se Abel Joga	preleção
06/08/78	Vasco só fala em Golear	preleção
08/08/78	Esta grande vitória	jogo
08/08/78	Polícia impede esta festa da torcida	política
08/08/78	Só futebol	jogo
15/08/78	Chuffi já desmente venda de jogadores	política
15/08/78	Guarani ainda vive sua maior conquista	jogo
06/11/96	Careca quer formar time em Campinas	jogador
29/11/96	Operação foi um sucesso	jogador

Fonte: arquivo do Jornal Correio Popular

Apêndice
Reportagens - Folha de São Paulo

Data	Lead	Autor	pág.
09/01/94	Revelações obtêm fama	Marcelo Damato	5.4
16/01/94	A seleção brasileira de todos os tempos	Melchiades Filho	Especial B8
18/01/94	Agnaído torce pelo flamengo	Marcelo Damato	4.1
16/02/94	Times grandes têm rodada arriscada	Alberto Helena Jr.	4.2
23/03/94	Foi obra de Deus' diz atacante Muller	Mário Magalhães	4.3
3/04/94	Careca	Editoria: Esporte	5.8
14/04/94	Evair acha que tem pouca Chance de ir à copa	Editoria: Esporte	4.1
20/04/94	Chapéu: Repercussão	Editoria: Esporte	4.3
30/04/94	Edmundo errou; Luxemburgo também	Matinas Suzuki	4.2
11/05/94	Os esquecidos da eliminatória	Editoria: Esporte	4.5
11/05/94	Verdades do Técnico mudaram desde 93	João Máximo &	4.5
12/05/94	"Maradona escalou Brasil em 90', diz pai de Romário"	Sérgio Torres	4.4
21/05/94	Defeito na perna atrapalha Branco	João Máximo &	4.1
21/05/94	Seção: As Regras Do Futebol	Editoria: Esporte	4.3
30/05/94	Evolução dos esquemas privilegiou a defesa	Humberto Saccomandi	4.4
12/06/94	1986 - México - A Seleção da Copa	Thales de Menezes	Especial 2
12/06/94	Telê perde segunda chance	André Fontenelle	Especial 3
19/06/94	Um nasce para sofrer enquanto o outro ri	Marcos Augusto Gonçalves	5.3
22/06/94	Boa vontade não evita as gafes americanas	Maurício Stycer	4.14
29/06/94	"Seleção depende de Romário"	Editoria: Esporte	4.10
09/07/94	A Revanche	Editoria: Esporte	4.8
12/07/94	Praticamos o futebol da paciência, o jogo de jó	Alberto Helena Jr.	4.6
17/07/94	Da atual seleção, poucos estarão em 98	Editoria: Esporte	5.9
17/07/94	Equipe de 82 trouxe esperança	Alberto Helena Jr.	5.18
20/07/94	O tetra deve ser a vitória da burocracia	José Geraldo Couto	4.3
24/07/94	Europa rejeita o futebol tetracampeão	Humberto Saccomandi	4.5
25/07/94	Mauro Silva indica colegas para o time	Valmir Storti	4.5
02/08/94	A indisciplina de Romário	Editoria: Esporte	4.3

Fonte: UOL- Universo On Line; busca. Nos arquivos do jornal Folha de São Paulo.

Apêndice
Reportagens - Folha de São Paulo

Data	Lead	Autor	pág.
14/08/94	Guarani mostra reforços contra o cruzeiro	José Kosminsk	5.7
02/09/94	Alemão envia mensagem de Otimismo	Mauro Tagliaferri	4.4
27/09/94	Túlio Quer bater recorde do Brasileiro	Mário Magalhães	4.4
21/11/94	Amoroso é um artilheiro que pensa e joga	Alberto Helena Jr.	4.2
27/11/94	Alcindo é cortado do Kashima	José Henrique Mariante	5.9
28/11/94	Diretor são -paulino pretende negociar Cafu	Wilson Baldini JR.	4.3
06/12/94	Clube 'Garimpa' e forma Jogadores	Humberto Saccomandi	4.4
17/01/95	Seção: Colunão	Editoria: Esporte	4.1
20/01/95	Um caso de ética	Sílvio Lancellotti	4.2
24/01/95	Reinaldo, o artilheiro dos juniores, quer jogar em SP	Ricardo Setyon	4.6
10/02/95	Clima paulista atrapalha times japoneses	Valmir Storti	4.1
20/02/95	Jogo é 'aula' para japoneses	Marcelo Damato	4.3
26/02/95	Silas tenta quebrar tabu de 20 anos do San Lorenzo	Carlos Alberto de Souza	5.3
08/03/95	Túlio quer bater recorde de gols pelo campeonato	João Batista de Abreu	4.3
08/04/95	Meio é vital no São Paulo	Pita	4.1
28/05/95	Mecenas	Sílvio Lancellotti	4.2
14/06/95	Artilheiro Gaúcho interessa	Arnaldo Ribeiro	4.3
24/07/95	Romário levou Brasil à Copa	Editoria: Esporte	4.9
04/08/95	Aviso aos navegantes - 5	Juca Kfourir	4.3
10/08/95	Brasil Goleia inocência japonesa	Mário Magalhães	4.1
19/08/95	O Grupo A será mais difícil que o B	Matinas Suzuki	4.2
20/10/95	As grandes duplas do brasileiro	Editoria: Esporte	4.3
25/11/95	Contusão tira Mancuso de jogo de amanhã	Rodrigo Bertolotto	4.3
23/12/95	Careca pode reforçar Santos no Paulista - 96	Editoria: Esporte	4.3
23/12/95	Pelé não crê na anulação da partida final	Marcus Fernandes	4.3
24/12/95	O mistério que envolve o atacante Túlio	Alberto Helena Jr.	4.2
05/01/96	Copa SP traz armadilha para o novato	Careca	4.2
25/01/96	Seção : Colunão - Careca anuncia a sua última temporada	Editoria: Esporte	4.1

Fonte: UOL- Universo On Line, busca. Nos arquivos do jornal Folha de São Paulo.

Apêndice
Reportagens - Folha de São Paulo

Data	Lead	Autor	pág.
21/04/96	As listas e o louco	Sílvia Lancellotti	4.2
03/01/97	Atleta nativo é remédio para o êxodo estrangeiro	Rodrigo Bueno	3.8
08/01/97	Corinthians Menospreza 'prata da casa'	Fábio Victor	3.9
20/01/97	Quem é o melhor do mundo?	Editoria: Esporte	3.1
20/01/97	Torneio é vitrine de talentos (Editoria Folhateen)	Thales de Menezes	5.5
22/01/97	Regulamento ajuda e Vasco empata jogo com o Santos	João Carlos Assumpção	3.14
23/01/97	Luxemburgo pede novas contratações para o Santos	Fausto Siqueira	3.10
25/01/97	Careca faz 'vestibular' no clube	Fausto Siqueira	3.13
27/01/97	Luxemburgo faz blitz contra faltas	Editoria: Esporte	3.4

Fonte: UOL- Universo On Line; busca. Nos arquivos do jornal Folha de São Paulo.

Apêndice
Reportagens - O Estado de São Paulo

Data	Lead	Autor
24/04/77	O futebol pode vender tudo até suas camisas	Odair Alonso e outros
04/01/96	Corinthians abre competição à noite no Pacaembu	Brasil de Oliveira
05/01/96	Corinthians ganha do Flu no jogo de abertura	
01/03/96	Craque contra-ataca ex-companheiros	Marcelo Starobinas
25/03/96	Time nunca foi derrotado no interior paulista	Brasil de Oliveira
06/04/96	Pasta amarela e empoeirada é troféu histórico	
13/04/96	Napoli pega o líder Milan e Juventus perde em Turim	Brasil de Oliveira
06/06/96	Caio se apresenta ao Napoli de André Cruz	
02/11/96	Careca se aposenta no Kashiwa Reysol	
08/11/96	Careca volta e quer montar time	Paulo Guilherme
02/12/96	Careca pode acertar contrato em Santos	
06/12/96	Zetti confirma contatos para jogar no Santos	
11/12/96	Santos investe para voltar a ser grande	José Rodrigues
17/01/97	Lusa exige cópia de pré-contrato entre Zé Roberto e Real	
22/01/97	Luxemburgo elogia estréia do Santos e critica regulamento	José Rodrigues
24/01/97	Copa São Paulo termina com poucas revelações	Ronald Freitas
03/02/97	Clubes se agitam nos preparativos finais	
03/02/97	Santos está pronto para a decisão do Rio-São Paulo	
07/02/97	Santos só poderá usar Vila Belmiro em março	José Rodrigues

Fonte: Agência Estado On Line - busca; arquivos do jornal O Estado de São Paulo.



SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DO GOVERNO

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES DO ESTADO DE SÃO PAULO

CAMPEÃO - Futebol de Salão

Diploma de PARTICIPAÇÃO

GRUPO ESCOLAR "ANTÔNIO J. DE CARVALHO"

Conferido a ANTONIO DE OLIVEIRA FILHO

Do "I JOGOS INFANTIL DE ARARAQUARA"

Araraquara, 12 de novembro de 1971

[Handwritten signature]
Delegado do Conselho Técnico

DELEGACIA REGIONAL
DE EDUCAÇÃO FÍSICA
E ESPORTES
ARARAQUARA

58.000 - V-960 - IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO

Fonte: Antônio de Oliveira - pai de 'Careca'

Anexo I
Certificado de participação nos I Jogos Escolares de Araraquara - 'Careca' -

Anexo - II. I
Regulamento da caixinha dos jogadores - Guarani - 1977

REGULAMENTO DA CAIXINHA DOS JOGADORES - 1977 - F.C. GUARANI

DEPARTAMENTO ATADOR

OBJETIVO: Visa a união e disciplina de todo o plantel.

I - PUNIÇÕES DE CAMPO

- 01- FALTA A TREINAMENTOS: Será considerada falta, o atleta que não chegar no vestiário, pelo menos, 5 minutos antes do horário determinado para treinamentos.
- 02- O atleta que não cumprir o item 01, ficará fora do treinamento.
MULTA de Cr.\$50,00.
- 03- Atrasos de treinos físicos e técnicos, refeições, concentrações, saída de viagens, comparecimento a vestiários, chegadas a hotéis, tratamentos médicos, etc.
MULTA DE Cr.\$5,00 e mais Cr.\$1,00 por minuto.
- 04- Deixar de assinar a ficha, não marcar o peso exato, assinar em out ficha ou com rasuras no preenchimento da mesma.
MULTA DE Cr.\$10,00.
- 05- Deixar qualquer material no campo de treinamento, colocar toalha no chão e pisar em cima, pegar chinelo do companheiro.
MULTA DE Cr.\$10,00.
- 06- OBSERVAÇÃO: O material é recebido das mãos do roupeiro e após seu uso deverá ser entregue ao mesmo, individualmente.
- 06- Expulsão de campo em jogos, Cr.\$100,00, treinos, Cr.\$50,00, urinar no campo, Cr.\$10,00, beber água no campo, Cr.\$10,00.
- 07- O atleta é obrigado tomar conhecimento de todos os avisos e comunicações colocados nos respectivos quadras, tais como horários de treinos, convocações para jogos, concentrações e as demais que ali foram colocados. O não atendimento do referido item.
MULTA DE Cr.\$10,00.
- 08- É proibida a entrada na rouparia e cozinhas.
MULTA DE Cr.\$10,00.
- 09- O atleta que deixar o campo de treino sem autorização.
MULTA DE Cr.\$10,00.

II - PUNIÇÕES DO ALOJAMENTO

- 01- O horário para chegada dos atletas, à noite, que moram no Estádio em dias normais de trabalho, o seguinte:
a) para estudantes, até 30 minutos após o término de última aula;
b) não estudantes, até as 22,30 horas.
Os que não atenderem o horário, MULTA DE Cr.\$10,00, mais Cr.\$1,00 por minuto.
- 02- Tomar água no bico.
MULTA DE Cr.\$10,00
- 03- Nos dias de concentrações e jogos, todos os atletas são obrigados sentarem juntos, no refeitório, no horário determinado para refeição.
MULTA DE Cr.\$5,00, mais Cr.\$1,00 por minuto.

Anexo - II . II
Regulamento da caixinha dos jogadores - Guarani - 1977

Fls. 2

ORIENTAÇÃO: Prevalece o regulamento do responsável onde a delegação estiver

- 04- Não é permitida a entrada no refeitório sem comida e descalço.
MULTA DE Cr. 300,00.
- 05- O traje obrigatório para tomar parte em delegação é o seguinte:
Camisa, calças, sapato ou tênis.
MULTA DE Cr. 300,00.
- 06- Horário de refeições no Estádio:
Café da manhã das 7,30 às 8,00 horas.
Almoço às 11,00 horas.
Jantar às 17,30 horas.
MULTA POR ATARDIAMENTO-Cr. 310,00
- 07- É proibido qualquer tipo de brincadeiras no refeitório.
MULTA DE Cr. 300,00 e em caso mais grave o critério da Comissão Técnica
- 08- Os atletas que brigarem entre si em qualquer dependência do Clube,
MULTA DE Cr. 320,00.
- 09- É proibido o jogo de cartas dentro das dependências do Clube.
MULTA DE Cr. 320,00.
- 10- O atleta que se levantar-se não arrumar sua cama, trancar a porta de quarto, manter o quarto em ordem e ao sair não trancar a porta de quarto.
MULTA DE Cr. 310,00.
- 11- O atleta que ligar a televisão ou assistir, fora do horário determinado.
MULTA DE Cr. 320,00.
- 12- A mesa de visões só poderá ser usada no horário determinado e sem -
algarismos. O não cumprimento MULTA DE Cr. 320,00.

III - EXTRAS

- 01- A mensalidade da caixinha fica estipulada em o mínimo de 10% da ajuda de custo recebida mensalmente pelo atleta, podendo se quiser, depositar mais.
- 02- Em viagem não é permitido importunar pessoas ou outras pessoas que -
estejam passando, bem como em jogos ou treinos revidar insultos de terceiros.
MULTA DE Cr. 310,00.
- 03- É proibido ausentar-se da cidade sem autorização.
MULTA DE Cr. 320,00.
- 04- Fica proibido o atleta mudar participar de jogos de Clubes da cidade ou de outros locais, pedadas de bairros ou jogos de futebol -
de salão.
MULTA DE Cr. 310,00.
- 05- O atleta residente no Estádio não poderá dormir fora em hipótese -
alguma.
MULTA DE Cr. 320,00
Reserva: não ser que esteja autorizado pelo Coordenador.

Anexo - II . III
Regulamento da caixinha dos jogadores - Guarani - 1977

- 06- O atleta estudante que faltar às aulas sem justificativa -
MULTA DE Cr. \$10,00 por aula perdida.
- 07- O atleta que não estiver relacionado para jogos de fim de semana só poderão frequentar a Boite do Clube até às 24,00 horas.
MULTA DE Cr. \$50,00.
- 08- Aos sábados e domingos os atletas convocados para jogos deverão -
respeitar os horários de concentrações e os não relacionados deve-
rão recolher-se até às 24,00 horas.
MULTA DE Cr. \$100,00.
- 09- Colocar o nome ou de outro atleta em qualquer parte, tais como, -
quadro-negro, prescetas, paredes, camas e etc.
MULTA DE Cr. \$10,00.

IV - DEPARTAMENTO MÉDICO

ITEM

- 01- Haverá revisões médicas antes e após os jogos, devendo o atleta -
comunicar ao médico suas contusões, mesmo que considerem de pouca
importância.
MULTA DE Cr. \$10,00.
- 02- Os atletas deverão se apresentar no departamento médico, quando -
contundidos, para início dos tratamentos. O não comparecimento -
MULTA DE Cr. \$10,00.
- 03- A negligência em não seguir o tratamento.
MULTA DE Cr. \$10,00.
- 04- A critério médico, o jogador com contusões graves, poderão ficar
in, digo, poderá ficar internado na enfermaria do Clube. O não -
cumprimento deste item, MULTA DE Cr. \$20,00.
- 05- Os atletas contundidos deverão seguir o tratamento de acordo com
a prescrição médica. O não atendimento deste item, MULTA DE Cr. \$10,00.
- 06- Todo atleta contundido em treinamento e jogos, ficará à disposi-
bilidade do Departamento Médico, podendo viajar ou ausentar-se da ci-
dade com autorização do Coordenador do D.I.F.
MULTA DE Cr. \$20,00.

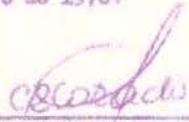
Os casos omissos neste Regulamento serão resolvidos pelos Membros
da caixinha e pelo Coordenador do D.I.F.

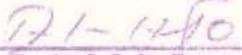
INÍCIO: Depósitos e multas, fevereiro de 1978

TERMINO: Depósitos em outubro de 1978 e multas até dezembro de 1978.

Campinas, fevereiro de 1978.


José Roberto Buari
Coordenador do D.I.F.


Carlos Roberto Coradi
Tesoureiro da Caixinha


Dorival Luiz Honorato
2º Tesoureiro da Caixinha e Repre-
sentante dos Atletas

Fonte: - Luis Carlos Emmanuelli

Anexo III . I
Avaliação Geral - Departamento Amador - Guarani - Fevereiro 1977

HISTÓRICO DO QUADRO DE AVALIAÇÃO FÍSICA DO MÊS DE FEVEREIRO DE 1977 DO DEPARTAMENTO AMADOR DE FUTEBOL JUVENIL DO GUARANI F.C.



As notas de avaliação física do mês de fevereiro de 1977, obedeceram o seguinte critério:

RESISTÊNCIA ORGÂNICA: As notas foram atribuídas de acordo com a tabela existente e arquivada na pasta de treinamento.

INTERVAL-TRAINING: as notas também foram atribuídas de acordo com a tabela acima citada.

EMBUICAMENTO: As notas são 3, 6 e 9 e dadas pela observação segundo o empunho e existência dos movimentos, sendo que essa observação é feita pelo fisicultor responsável.

PARTE GERAL: As notas também são 3, 6 e 9 e atribuídas pelo critério de observação dos trabalhos físico-técnicos, de força, flexibilidade, velocidade, treinamentos específicos, recreativos e circuit-training, sendo que essa observação é feita pela equipe técnica do departamento.

PARTICIPAÇÃO: A nota de participação foi atribuída de acordo com a tabela abaixo, pela presença nos exercícios de RESISTÊNCIA ORGÂNICA e INTERVAL-TRAINING:

<u>PARTICIPAÇÕES</u>	<u>NOTA</u>
3.....	9
2.....	6
1.....	3
0.....	0

OBSERVAÇÃO: quando o atleta participa do exercício e recebe nota zero, é considerado como ausente para fins de aplicação da tabela acima.

DEPARTAMENTO AMADOR DE FUTEBOL JUVENIL-GUARANI

Anexo III. II
Avaliação Geral - Departamento Amador - Guarani - Fevereiro 1977



HISTÓRICO DO QUADRO DE AVALIAÇÃO TÉCNICA DO DEPARTAMENTO
 AMADOR JUVENIL DO GUARANI FUTEBOL CLUBE

MESES DE FEVEREIRO DE 1977

Jogos efetuados de acôrdo com o fichas da avaliação técnica:

<u>Nº DA FICHA</u>	<u>CATEGORIA</u>	<u>ADVERSÁRIO</u>	<u>LOCAL</u>
01	Juvenil "A"	BIB	QUARTEL DO BIB
02	Juvenil "B"	SOUZAS	SOUZAS
03	Juvenil "C"	S.E. ITAPIRANGA	ITAPIRANGA
04	Juvenil "A"	S.E. ITAPIRANGA	ITAPIRANGA
05	Juvenil "C"	S.C. LAR DE JESUS	BRINCO DE OURO
06	Juvenil "A"	C.A. JUVENIS	LACARINHOS
08	Juvenil "C"	E.C. DO ESTRELO	VALINHOS
09	Juvenil "C"	JARDIM GUANABARA	BELA VISTA
10	Juvenil "B"	JARDIM GUANABARA	BELA VISTA
11	Juvenil "A"	A.A. PONTE PRETA	ESTÁDIO DA P. PRETA

NOTAS DE JOGO:

Cada atleta recebeu uma nota por jogo realizado, as quais se foram registradas nas fichas acima enumeradas.

Para se chegar à média final foi usado o seguinte critério:

- 1º - Somou-se as notas de jogos.
- 2º - Dividiu-se a soma acima por da mesma igual ao número de notas atribuídas.
- 3º - O resultado acima foi somado à nota de participação nos jogos e dividido por dois.

TABELA DE NOTAS DE PARTICIPAÇÃO.

<u>JUVENIL "A"</u>		<u>JUVENIL "B"</u>		<u>JUVENIL "C"</u>	
<u>Nº de jogos</u>	<u>Nota</u>	<u>Nº de jogos</u>	<u>Nota</u>	<u>Nº de jogos</u>	<u>Nota</u>
0	0	0	0	0	0
1	3	1	6	1	3
2	6	2	9	2	6
3 e 4	9			3 e 4	9

CLASSIFICAÇÃO

A classificação foi feita partindo do maior para o menor média final, sendo que no caso de empate, quando possível, foi usada a nota de jogo maior.

DEPARTAMENTO AMADOR - SUPERVISÃO



QUADRO DE AVALIAÇÃO DA PARTE FÍSICA - DEPARTAMENTO AMADOR DE FUTEBOL JUVENIL - MES DE FEVEREIRO DE 1977

N O M E S	R.O.	MÉDIA	INTERVAL-TRAINING		MÉDIA	AQUECIMENTO	GERAL	MÉDIA X	PARTICIPAÇÃO	MÉDIA FINAL
			1ª	2ª						
Ademir.....	6	6	1	1	1	9	9	8,00	3	5,50
Birigui.....	6	6	1	1	1	9	9	3,00	6	7,50
Borival.....	6	6	1	3	1	9	9	6,00	6	6,00
Flávio.....	1	1	6	9	6	3	3	5,00	6	7,00
Carlião.....	1	1	3	9	6	6	6	7,00	3	5,00
Isoneco.....	9	3	9	9	6	3	3	8,00	6	7,00
Reginaldo.....	1	1	3	1	3	9	9	5,00	6	4,00
Silviano.....	6	6	9	9	6	6	6	6,50	6	6,25
Teófilo.....	1	1	3	9	6	6	6	7,50	6	6,75
Luiz.....	1	1	3	9	6	6	6	5,00	6	5,50
Magnilhães.....	6	6	1	1	6	6	6	3,00	6	7,00
Correas.....	6	6	1	1	1	3	3	7,00	6	5,00
Paulo Frederico.....	1	1	3	1	1	6	6	6,00	6	4,50
Odair.....	1	1	3	1	1	6	6	3,00	6	5,50
Betiste.....	1	1	1	1	1	6	6	6,00	6	7,00
Evair.....	6	6	1	1	1	6	6	7,50	6	6,75
Neco.....	6	6	1	1	1	1	1	2,00	6	1,00
Serginho.....	6	6	1	1	1	1	1	3,00	6	3,00
Claudio I.....	1	1	1	1	1	6	6	7,50	6	3,75
Claudio II.....	1	1	1	1	1	6	6	7,50	6	6,75
Guto.....	1	1	3	1	1	6	6	6,00	6	6,00
Astolfo.....	6	6	1	1	1	1	1	7,00	6	6,50
Carlinhos.....	1	1	6	1	1	6	6	4,00	6	3,50
Milton.....	1	1	1	1	1	6	6	6,00	6	1,50
Paulo Borges.....	6	6	1	1	1	6	6	3,00	6	4,50
Cersinho.....	6	6	1	1	1	6	6	3,00	6	1,50
Neco.....	6	6	6	1	1	6	6	6,50	6	7,75
Ferreira.....	6	6	1	1	1	6	6	1,50	6	0,75
Vila.....	6	6	1	1	1	6	6	5,00	6	5,50
Adriano.....	6	6	1	1	1	6	6	6,50	6	7,75

Fonte: Luis Carlos Emmanuelli

Avaliação Geral - Departamento Amador - Guarani - Fevereiro 1977

Anexo III . III

Anexo III . IV

Avaliação Geral - Departamento Amador - Guarani - Fevereiro 1977

- 2 -



NOMES	R.O.	MÉDIA	INTERVAL-TRAINING		MÉDIA	AQUECIMENTO	GERAL	MÉDIA	PARTICIPAÇÃO	MÉDIA FINAL
			1º	2º						
Cerezo.....	6	6	-	6	6	6	6	6,00	6	6,00
Celio.....	9	9	-	-	-	-	9	9,00	3	6,00
Cesar.....	6	6	-	9	9	9	9	9,00	6	7,00
Eliss.....	0	0	6	6	6	3	3	3,00	6	4,50
Henrique.....	-	-	-	-	-	3	3	3,00	6	4,50
Vicentin.....	-	-	0	6	3	6	3	6,00	3	4,50
Gerson.....	9	9	-	6	6	9	9	9,00	6	7,00
Silmar.....	-	-	0	3	1,5	6	6	3,00	3	3,00
Paulinho.....	0	0	3	-	3	3	6	6,00	3	4,50
Ed de Lende.....	6	6	-	-	-	-	6	6,00	3	4,50

DEPARTAMENTO AMADOR DE FUTEBOL JOVENIL - SUPERVISÃO



QUADRO DE AVALIAÇÃO TÉCNICA - DEPARTAMENTO AMADOR JUVENIL - MÊS DE FEVEREIRO DE 1977

NOMES DOS ATLETAS	NÚMERO DOS JOGOS											MÉDIA TÉCNICA	NOTA DE PARTICIPAÇÃO	MÉDIA FINAL	CLASSIFICAÇÃO
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11				
Ademir.....	-	6	9	-	9	-	-	-	9	-	-	3,25	9	8,62	2º
Birigui.....	6	-	-	3	-	6	-	-	-	-	6	5,25	9	7,12	26º
Derival.....	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3,00	3	3,00	40º
Luis Antonio...	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6,00	6	6,00	35º
Aladin.....	-	-	6	-	6	-	-	-	6	6	-	6,00	9	7,50	19º
Flávio.....	6	-	6	6	-	6	-	-	-	-	6	6,00	9	7,50	15º
Carlo.....	-	6	-	-	-	-	-	-	-	9	-	7,50	9	9,25	7º
Pecheco.....	9	-	-	6	6	6	-	-	-	-	3	6,00	9	7,50	15º
Reginaldo.....	-	-	9	-	6	-	-	6	6	-	-	6,75	9	7,67	13º
Silvinho.....	-	-	9	-	6	-	-	9	-	-	-	7,00	9	8,00	10º
Tadeu.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	41º
Luis.....	-	-	9	-	6	-	-	9	-	-	-	8,25	9	8,62	2º
Isidoro.....	9	-	-	6	-	9	-	-	-	-	9	3,25	3	8,62	2º
Borges.....	-	9	-	-	-	-	-	-	-	3	-	4,50	3	6,75	31º
Paulo Frederico...	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	3,00	6	4,50	37º
Cavalcante.....	-	-	-	-	-	-	-	-	9	-	-	3,00	3	6,50	5º
Udeir.....	9	-	-	9	-	9	-	-	-	6	-	3,25	3	7,12	26º
Batista.....	3	-	-	-	-	6	-	-	-	-	3	4,00	3	6,50	33º
Avile.....	6	-	-	3	-	6	-	-	-	-	3	6,00	9	7,50	15º
Reco.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	41º
Sereno.....	-	6	-	-	9	-	-	-	-	-	-	3,00	9	6,00	16º
Serginho.....	-	-	6	-	6	-	-	-	9	6	-	7,50	9	8,25	7º
Carlos Alberto...	-	-	9	-	6	-	-	6	3	-	-	5,25	9	7,12	26º
Cláudio I.....	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-	3	6,00	9	7,50	15º
Cláudio II.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	4,50	9	6,75	31º
Guto.....	-	-	-	9	-	-	-	-	-	3	-	7,00	9	8,00	10º
Wagner.....	3	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	4,50	3	6,75	31º
Astolfo.....	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3,00	6	4,50	37º
Carlinhos.....	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6,00	9	7,50	15º
Hilton.....	-	-	9	-	6	-	-	-	3	3	-	6,00	9	7,50	15º
Paulo Borges.....	6	-	-	9	-	9	-	-	-	-	-	5,00	9	7,00	29º

Fonte: Luis Carlos Emmanuelli

Anexo III . V
Avaliação Geral - Departamento Amador - Guarani - Fevereiro 1977



NOMES DOS ATLETAS	NÚMERO DOS JOGOS						NOTAS					MÉDIA TÉCNICA	NOTA DE PARTICIPAÇÃO	MÉDIA FINAL	CLASSIFICAÇÃO
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11				
Borival (Inf.).....	-	-	6	-	6	-	-	-	9	-	-	7,00	9	8,00	10ª
Gersinho.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	41ª
Neca.....	3	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	3,00	9	6,00	36ª
Ferreira.....	-	-	3	-	6	-	-	9	9	-	-	8,75	9	7,87	13ª
Vila.....	9	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	6,00	9	7,50	15ª
Célio.....	-	-	9	-	-	-	-	-	-	-	-	6,00	3	4,50	37ª
Caraca.....	6	-	-	-	-	9	-	-	-	-	3	6,00	3	7,50	15ª
Adriano.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	41ª
Cesar.....	9	-	-	3	-	6	-	-	-	-	6	6,00	9	7,50	15ª
Elies.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	3,00	6	4,50	37ª
Frank.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	41ª
Henrique.....	-	-	9	-	-	-	-	9	6	-	-	8,00	9	8,50	5ª
Vicentin.....	6	-	-	9	-	-	-	-	-	-	3	6,00	9	7,50	15ª
Gerson.....	-	-	-	3	-	-	-	-	-	3	-	5,00	9	7,00	29ª
Gilmar.....	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1,00	3	6,00	34ª
Paulinho.....	-	-	9	-	6	-	-	1	8	-	-	7,50	9	8,25	7ª
Zé da Lenda.....	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	41ª

DEPARTAMENTO AMADOR JUVENIL - SUPERVISÃO

Avaliação Geral - Departamento Amador - Guarani - Fevereiro 1977

Anexo III . VI

Fonte: Luis Carlos Emmanuelli

Anexo III . VII

Avaliação Geral - Departamento Amador - Guarani - Fevereiro 1977



QUADRO DE AVALIAÇÃO GERAL DO MÊS DE FEVEREIRO DE 1977 - DEPARTAMENTO
AMADOR DE FUTEBOL JOVENIL

N O M E S	AValiação FÍSICA	AValiação COORdENa- TAL	AValiação TÉCNICA	MÉDIA FINAL	CLASSIFICA- ÇÃO
Ademir.....	5,50	9	8,62	7,70	2ª
Airigui.....	7,50	6	7,12	6,87	
Dorival.....	6,00	3	3,00	4,00	
Flávio.....	7,00	9	7,50	7,53	1ª
Carlão.....	5,00	9	8,25	7,41	8ª
Pacheco.....	7,00	6	7,50	6,83	
Reginaldo.....	4,00	9	7,87	6,95	
Silviano.....	6,25	3	6,00	5,75	
Teófilo.....	6,75	9	6,00	5,25	
Luiz.....	5,50	9	8,62	7,70	2ª
Magalães.....	7,00	6	8,62	7,20	10ª
Forças.....	5,00	6	6,75	6,25	
Isauro Frederico...	4,50	6	4,50	5,00	
Odair.....	5,50	6	7,12	6,20	
Batista.....	7,00	9	6,50	7,50	7ª
Neville.....	6,75	3	7,50	5,75	
Neço.....	1,00	9	0,00	3,33	
Serginho.....	3,00	9	6,25	6,75	
Claudio I.....	3,75	9	7,50	6,75	
Claudio II.....	6,75	3	6,75	5,50	
Outo.....	6,00	9	3,00	7,00	5ª
Astolfo.....	6,50	6	4,50	5,66	
Carlinhos.....	3,50	6	7,50	5,00	
Hilton.....	1,50	6	7,50	5,00	
Isauro Borges.....	4,50	3	7,00	4,33	
Sersinho.....	1,50	3	0,00	1,50	
Neço.....	7,75	9	6,00	7,58	6ª
Ferreira.....	6,75	9	7,87	5,87	
Vila.....	5,50	3	7,50	5,33	
Adriano.....	7,75	9	6,00	5,58	
Caraca.....	6,00	3	7,50	5,50	
Celso.....	6,00	9	4,50	6,50	
Cesar.....	7,00	9	7,50	7,83	1ª
Eliseo.....	4,50	6	4,50	5,00	
Henrique.....	4,50	9	6,50	7,33	9ª
Vicentia.....	4,50	6	7,50	6,00	
Carson.....	7,00	6	7,00	6,66	
Gilmar.....	3,00	6	6,00	5,00	
Paulinho.....	4,50	6	8,25	6,25	
Jé de Lenda.....	4,50	6	0,00	3,50	

Em caso de empate foi levada em consideração a maior nota técnica para desempate.

DEPARTAMENTO AMADOR DE FUTEBOL JOVENIL - SUPERVISÃO

Referências Bibliográficas

ASSMANN, Hugo. *Paradigmas educacionais e corporeidade*. 3. ed. Piracicaba, Unimep, 1995.

BAHIA, Juarez. *História da mídia e do jornalismo*. 4. ed. São Paulo, Ática, 1990.

CALDAS, Waldenir. *Pontapé Inicial; memória do futebol brasileiro*. São Paulo, Ibrasa., 1990.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo, Cortez, 1992.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do Óbvio. *Usp*. São Paulo, 22 (3): 10 - 14, junho/julho/agosto, 1994.

DINES, Alberto. *O papel do Jornal*. 5. ed. São Paulo, Summus, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, multimídia.. 1996

FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti., 1947.

KLEIN, Marco Aurélio & Sérgio Alfredo Aldino. *Almanaque do futebol Brasileiro*. São Paulo, ed. Escala.. 1996.

- MARINHO, Inezil Penna. *História da Educação Física no Brasil*, ed.
- MELO, José Marques de. *Comunicação: Direito à Informação*. Campinas ed. Papyrus. - SP. 1986
- MELO, José Marques de. A identidade cultural brasileira na sociedade globalizada; Estudo exploratório das imagens do Natal na mídia paulistana. Programa de Pós-graduação em Comunicação Social Faculdades de Comunicação e Artes Metodista São Bernardo do Campo, 1996. (Coleção Relatos de Pesquisa, série indústrias culturais)
- MORIN, Edgar. *As Estrelas; mito e sedução no cinema*, Rio de Janeiro. José Olympio. 1989.
- POPPER, Karl. R. & ECLES, John C. Eccles. *O Eu e Seu Cérebro*. Campinas, Papyrus, 1991.
- SILVA, Ermínia. O Circo: sua arte e seus saberes; o circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 1996 (TESE para obtenção do grau de mestrado, Si.38c).
- SOARES, Antônio Jorge Gonçalves: *Futebol Malandragem e Identidade*. Vitória, Secretaria de Produção e Difusão Cultural. 1994.
- SOARES, Carmem Lúcia. *Educação Física; Raízes Européias e Brasil*. Campinas, Autores Associados, 1994. (Coleção Educação Contemporânea)
- SOARES, Edileuza. *A Bola No Ar; O Rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo, Summus, 1994.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando @ Cultura: a comunicação e seus produtos.* ✓

Petrópolis, Vozes, 1996.

VARGAS, Ângelo Luís de Sousa - *Desporto; Fenômeno Social.* Rio de

Janeiro, Sprint, 1995.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose; Antropologia das sociedades* ✓

complexas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar., 1994.